

The background of the cover is a vibrant stained glass artwork. It depicts a winding path made of small, multi-colored tiles that leads from the bottom center towards a large, blue, arched structure resembling a cathedral dome or a stylized mountain peak in the distance. The path is flanked by various stylized flowers and foliage in shades of green, red, blue, and yellow. The entire scene is set against a backdrop of a blue sky with white, wispy clouds. The artwork is framed by a thin, dark border.

DANIELA APARECIDA DE OLIVEIRA PIMENTA

ADOLESCER E CONSTRUIR PROJETOS DE VIDA
NO CENÁRIO FAMILIAR CONTEMPORÂNEO

ASSIS
2007

DANIELA APARECIDA DE OLIVEIRA PIMENTA

**ADOLESCER E CONSTRUIR PROJETOS DE VIDA
NO CENÁRIO FAMILIAR CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP –

Universidade Estadual Paulista para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof^ª. Dra. Maria Luisa L. Castro
Valente

**ASSIS
2007**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Alice Mitie Kobayashi Nishiyama - CRB/1-1483

- P644a Pimenta, Daniela Aparecida de Oliveira.
Adolescer e construir projetos de vida no cenário familiar contemporâneo / Daniela Aparecida de Oliveira Pimenta. -- Assis : [s.n.], 2007.
. 133 f.: il. color.
- Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2007.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Luisa Louro de Castro Valente."
Inclui bibliografia.
1. Adolescência 2. Psicologia do adolescente 3. Projeto de vida
4. Psicanálise I. Valente, Maria Luisa Louro de Castro. II. Título.

CDD 21.ed. 155.5
305.23

Pimenta, Daniela Aparecida de Oliveira. **Adolescer e construir projetos de vida no cenário familiar contemporâneo**. Assis, 2007. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

RESUMO

O processo de adolecer traz em si a noção de mudanças, que implicam em reeditar e ampliar as capacidades físicas e subjetivas que a criança possuía, num processo evolutivo que vai levá-la a um novo papel social, sexual e afetivo. Tantas mudanças nem sempre transcorrem de forma pacífica para os adolescentes, que se vêem diante de tarefas árduas e importantes, dentre elas, construir seus projetos de vida, que são tracejados de caminhos que poderão trilhar ao tomar posse de um novo papel social - o de adulto. A problemática socioeconômica atual contribui para que o adolescente sinta-se mais inseguro, trazendo como reflexos comportamentos de desânimo e pessimismo quanto ao futuro, principalmente para aqueles que cursam o último ano do Ensino Médio Público. No entanto, nadando contra a corrente, o adolescente surge com seus projetos de vida, numa tentativa de se organizar, de planejar seu futuro, de estabelecer metas e ações que os aproximem do propósito da vida de todo ser humano: buscar a felicidade. Adolecer é um processo individual, mas não desconexo, já que toda uma rede de relações o influencia: a família, a sociedade, a cultura, a mídia, a comunidade escolar. Da teia de relações que cercam o adolescente, a família em que ele está inserido exerce papel fundamental na maneira como passará pelo processo de adolecer e construirá seus projetos de vida. Ao longo do tempo, a instituição família tem passado por transformações, muitos arranjos familiares são desfeitos, outros novos se formam, a família assume reconfigurações, os papéis se definem de outras maneiras. Não é raro que se ouça que as novas configurações familiares podem ser as vilãs causadoras dos conflitos e de marginalizações dos adolescentes, culpadas pela desorientação da juventude. A fantasia de que a família de antigamente, extensa ou nuclear, regida por valores patriarcais, seja o modelo tradicional e ideal, contribui para a crença de que as famílias contemporâneas não dêem conta da criação dos filhos. O objetivo principal desta pesquisa se constrói a partir do desejo de entender como os adolescentes, quando inseridos em novos arranjos familiares, têm passado pelo processo de adolecer e como têm construído seus projetos de vida. No desenvolvimento desta pesquisa recorreremos ao método psicanalítico para entender o processo de adolecer, bem como as vicissitudes do psiquismo familiar e suas influências na construção dos projetos de vida dos adolescentes. Conceitos, tais como a transmissão psíquica e os organizadores familiares, norteiam a análise dos dados que foram coletados através de dois procedimentos: a construção do genossociograma e a atividade projetiva: uma carta escrita no futuro. Por fim, com a discussão e considerações finais, esperamos contribuir com subsídios para a reflexão de pais, seus novos companheiros e de todos aqueles que se interessem em proporcionar uma família que ame, eduque, apóie e permita aos seus adolescentes adolecer e crescer.

Palavras-chave: adolecer, projetos de vida, família, contemporaneidade, transmissão psíquica, psicanálise.

Pimenta, Daniela Aparecida de Oliveira. **Becoming adolescent and building projects of life in contemporary family scenario.** Assis, 2007. A dissertation submitted for the degree of Master in Psychology. Post graduation program in *Psychology and society*, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

ABSTRACT

The process of becoming adolescent brings in itself the notion of changes, that imply in reediting and extending the physical and subjective capacities that the it possessed child, in an evolving process that goes to take it a new social, sexual and affective paper. As many changes not always happen of pacific form for the adolescents, whom if they ahead see of arduous and important tasks, amongst them, to construct its projects of life, that they are hatched of ways that will be able to tread when taking ownership of a new social paper, of adult. The problematic current economic partner contributes so that the adolescent, feels itself unsafer, bringing as reflected behaviors of loss of heart and pessimism how much to the future, mainly for that they attend a course the last year of Public Secondary Schools. However, swimming against the chain, the adolescent appears with its projects of life, in an attempt of if organizing, planning its future, to establish goals and actions that approach them to the intention of the life of all human being: to search the happiness. The process of becoming adolescent is inividual, but not disconnected, since all a net of relations influences it: the family, the society, the culture, the media, the pertaining to school community. Of the web of relations that surround the adolescent, the family where it is inserted exerts basic paper in the way as she will pass for the process of becoming adolescent and will construct its projects of life. To the long one of the time, the institution family has passed for transformations, many familiar arrangements they are finished, other news if they form, the family assumes new arrangements, the papers if they define in other ways. It is not rare that if it hears that the new familiar configurations can be the causers villainous of the conflicts and delinquents of the adolescents, culprits for the disorientation of youth. The fancy of that the family of before, extensive or nuclear, conducted for patriarchal values, either the traditional model and ideal, contributes for the belief of that the families contemporaries do not give account of the creation of the children. The main objective of this research if constructs from the desire to understand as the adolescents, when inserted in new familiar arrangements, they have passed for the process of becoming adolescent and as they have constructed its projects of life. In the development of this research we appeal to the psychoanalytical method to understand the process of becoming adolescent as well as the peculiarities of the familiar psychism and its influences in the construction of the projects of life of the adolescents. Concepts, such as the psychic transmission and the familiar organizer, guide the analysis of the data that were collected through two procedures: the construction of the “*genossociograma*” and the projetiva activity: a letter written in the future. Finally, with the quarrel and final considerations, we wait to contribute with subsidies for the reflection of parents, its new spouses and of all those that if interest in providing a family whom it loves, educate, it supports and allow its adolescents to becoming adolescent and to grow.

Key words: becoming adolescent, projects of life, family, contemporary, psychic transmission, psychoanalysis.

Dedicatória

Passado e presente...

*A minha mãe Norma (in memorian) e
meu irmão Marcos (in memorian),
cujas “corujices” ainda sinto.
Ainda posso ouvir vocês torcendo...*

Presente...

*Ao meu amado pai,
cuja confiança e incentivo possibilitaram
o desenvolvimento desse trabalho.*

*Ao meu companheiro Gustavo,
que acreditou em mim,
quando eu mesma duvidei.*

Presente e futuro...

*À Maria Eduarda, Júlia e Rafael,
as crianças, cujas adolescências me inspiram
a continuar aprendendo.*

AGRADECIMENTOS

É uma grande alegria chegar ao término desse trabalho e ter tantas pessoas especiais a quem agradecer, pessoas que de alguma forma me auxiliaram, seja por meio de estímulos ou orientações.

À minha orientadora Prof^a. Dra. Maria Luisa Louro de Castro Valente pelo afeto com que sempre me tratou desde os tempos de supervisão em clínica na graduação, pela amizade e orientação valorosa e por me ensinar a importância da autonomia. Agradeço.

À Prof^a. Dra. Marlene de Castro Waideman, cujos conhecimentos acerca dos adolescentes me nortearam durante todo esse trabalho. Pela leveza e carinho da amizade, pela convivência bem humorada, ainda que muitas vezes virtual. Pelas orientações e sugestões inestimáveis. Agradeço.

Ao Prof^o Dr. Manoel Antonio dos Santos pela gentileza e pertinência de suas orientações por ocasião do exame geral de qualificação. Agradeço.

À Professora e coordenadora pedagógica Marilza Bortolato Fazano, às professoras, aos professores, à diretora, às vice-diretoras, secretárias, inspetoras e demais funcionários, todos amigos queridos da E.E. “Professor José Luiz de Siqueira”, que torceram, incentivaram e entenderam minha ao mestrado. Agradeço.

Aos meus amigos desde a adolescência, Cinthia R. Brunini Pereira (mãe do meu afilhado Rafael) e Marcelo Gerald Colafemina, pelos vinte e poucos anos ao meu lado, dando-me suporte afetivo, apoiando minhas decisões e acreditando em minha capacidade. Agradeço.

À amiga Cristiane Leandra Marchiori, pelo apoio e ajuda em minhas limitações com as línguas estrangeiras. Agradeço.

Ao amigo Fábio Augusto Santa Rosa, pelo incentivo e pelas orientações jurídicas sobre as questões de família. Agradeço.

À amiga Elenise Roldan Melgarejo Damasceno, pela companhia amiga e animada nessa jornada. Por tudo que partilhou e me ensinou entre um *capuccino* e outro na cantina da UNESP, Assis. Agradeço.

À minha família, meu pai Vicente, meu irmão Marcelo, minha cunhada Eloísa, minha sobrinha Júlia e minha enteada Maria Eduarda, pelo amor que me dedicam, pelo incentivo constante, por entenderem minhas ausências. Agradeço.

Ao meu companheiro Luis Gustavo Ferné, pelo amor, amizade e admiração incondicional que me dedica. Pelo apoio, pela paciência com minha falta de paciência e por acalantar nossos projetos, enquanto eu me dedicava ao mestrado. Agradeço.

Aos meus alunos queridos, por alegrarem meu cotidiano com a efervescência de suas adolescências. Por me permitirem observá-los edificando seus futuros. Agradeço.

Aos meus ex-alunos, que sempre retornam para me contar como vão seus projetos de vida. Por me mostrarem que não estou errada em acreditar em dias melhores. Agradeço.

♪ *Pais e filhos* ♪
 ♪ *Legião urbana* ♪

Composição: Dado Villa-Lobos / Renato Russo / Marcelo Bonfá

♪ *Estátuas e cofres*
E paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender
Dorme agora
É só o vento lá fora.
Quero colo!
Vou fugir de casa!
Posso dormir aqui,
com vocês?
Estou com medo tive um pesadelo.
Só vou voltar depois das três!
Meu filho vai ter
nome de santo!
Quero o nome mais bonito!
É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã.
Por que se você parar, pra pensar.
Na verdade não há
Me diz por que o céu é azul
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos que tomam conta de mim
Eu moro com a minha mãe,
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua não tenho ninguém.
Eu moro em qualquer lugar.
Já morei em tanta casa que nem me lembro mais.
Eu moro com os meus pais.
É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Por que se você parar, pra pensar,
Na verdade não há.
Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não lhe entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
E isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer ? ♪

Na década de oitenta, surge no Brasil a Legião Urbana, banda de rock que fez sucesso estrondoso, com músicas entoadas pela voz grave de Renato Russo, seu vocalista e compositor principal. Naquela época, eu e tantos outros adolescentes fomos conquistados pelas letras enigmáticas, que versavam sobre as dores e as alegrias das relações afetivas e familiares, sobre críticas e protestos políticos, sobre loucuras e solidão. A banda termina em 1996, com a morte de seu vocalista, mas ainda hoje continua conquistando muitos fãs adolescentes que sequer haviam nascido quando Renato Russo cantava, “Pais e filhos”, um clássico da banda. Sinal de que as letras e o conteúdo que as inspirava continuam atuais. Sendo assim, justifico o uso dos trechos de algumas músicas nesse trabalho.

SUMÁRIO

Apresentação.....	12
Introdução.....	16
Capítulo I	
1 Adolescência – essa metamorfose instigante	
1.1 Puberdade e adolescência – uma visão psicanalítica	21
1.2 Identidade e crise na adolescência	27
1.3 Eles, os adolescentes, e nós.	32
1.4 Construindo projetos de vida.	41
1.5 A rede de apoio aos projetos de vida do adolescente	46
Capítulo II	
2 A família de “antigamente” e o cenário familiar contemporâneo	
2.1 A família de antigamente.	51
2.2 A fantasia da família tradicional.	54
2.3 Mais mudanças no panorama familiar.	58
2.4 Novas configurações familiares e outras nem tanto.	62
Capítulo III	
3 O método científico	
3.1 O caminho que precede a escolha do método.	69
3.2 O método psicanalítico.	70
3.3 Perspectiva Psicanalítica da família aplicada à pesquisa	72
3.4 Organização da Pesquisa	76
3.4.1 Os colaboradores.	76
3.4.2 Objetivos.	77
3.4.3 Coleta de dados.	77
3.4.4 Procedimentos utilizados	78
Construção do genossociograma.	78
Uma carta escrita no futuro.	79
3.4.5 Referencial teórico.	79
3.4.6 Da questão ética.	79
3.4.7 A devolutiva.	80
Capítulo IV	
4 Apresentando a história dos adolescentes	
A história de Melissa.	81
A carta escrita por Melissa em 2017.	87
A história de João Vítor.	89
A carta escrita por João Vítor em 2017.	91
A história de Beatriz.	92
A carta escrita por Beatriz em 2017.	95
Capítulo V	
5 Análise dos dados	
Melissa.	95
João Vítor.	104
Beatriz.	107
Adolescer em família: uma discussão	116
I - A dinâmica familiar e o processo de adolecer: passado e presente	116
II - Projetos de vida: presente e futuro.	119
Capítulo VII	
Considerações Finais.	121
Referências Bibliográficas	125
Referências Bibliográficas Eletrônicas.	129
Anexos	131

Apresentação

♪ “Ainda que eu falasse a língua dos homens
e falasse a língua do anjos,
sem amor eu nada seria.” ♪¹

O interesse pelo trabalho com adolescentes surgiu ainda na graduação, nos estágios de clínica e orientação vocacional. No último ano de faculdade, fui convidada a dar aulas em uma escola particular e me encantei com a educação. Formada e de volta a minha cidade de origem, fui contratada como Psicóloga por uma escola de ensino pré-vestibular e também comecei a dar aulas de Psicologia no Ensino Médio das escolas públicas. Esse encontro com a Educação e com os alunos adolescentes sempre me trouxe muita satisfação. Há onze anos meu cotidiano é cercado por adolescentes, o que me traz muita alegria, mas também muita preocupação.

Talvez o que mais tenha me preocupado nesses anos trabalhando com os adolescentes, tenha sido o desânimo e o pessimismo que percebia neles, principalmente quando perguntados sobre seus planos para o futuro. No 3º ano do Ensino Médio, em especial, os adolescentes se apresentavam sobremaneira desanimados, inseguros, mais inquietos que o normal peculiar à fase da adolescência. Frente à necessidade de trabalhar e a pouca valorização que sentem existir pela sociedade, que julga o adolescente um indivíduo irresponsável, somado à questão do despreparo para o mundo do trabalho, alguns adolescentes acabam se dedicando a atividades menos adequadas socialmente, dando início assim a um projeto de vida cruel. Esse projeto é cruel no sentido de que as perspectivas desses adolescentes quanto ao futuro envolvem furtos, roubos, tráfico de drogas, prisões e muitas

¹ Trecho da música “Monte Castelo”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo (recortes do Apóstolo Paulo e de Camões).

vezes morte. Muitos outros adolescentes, no entanto, emergem de seus conflitos expressando que têm projetos de vida positivos, são sonhos, desejos e planos delineados. Conseguir vencer o pessimismo, o desânimo e a rebeldia dos adolescentes das escolas públicas e ouvi-los falarem de seus projetos para o futuro é um grato prazer que a profissão de professora de Psicologia no Ensino Médio me proporciona.

A disciplina de Psicologia parece ser muito apreciada pela maior parte dos alunos. Talvez porque o planejamento é construído levando em consideração os conflitos e interesses da fase do desenvolvimento a qual pertencem os alunos. Conhecer algumas das teorias da personalidade também parece ser interessante para os alunos. Através das atividades de sala de aula é possível comprovar que eles assimilam o conteúdo ensinado e o utilizam em sua vivência. O material que recolho é muito rico, traz as vivências, aventuras, angústias e conflitos pelas quais passam os alunos e manifestam sentimentos variados: mágoa, alegria, revolta, esperança e outros. Avaliar esse material, dar certo ou errado, não é cabível à disciplina de Psicologia. Por exigências administrativas da escola, atribuí-se um conceito de 0 a 10, muitas vezes apenas pelo trabalho feito e entregue e, mesmo os alunos que não o fazem, são percebidos como resistentes, o que nos instiga a chamá-los para uma conversa, saber se está tudo bem.

Infelizmente, na última década a disciplina de Psicologia para o Ensino Médio vem sofrendo revezes e perdendo terreno no panorama educacional, correndo o risco de ser banida da grade curricular. Embora se visualize muitos conteúdos de Psicologia nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), não há uma sistematização desses conteúdos e fica a critério de cada unidade escolar decidir como esses conteúdos serão trabalhados. Essa liberdade de escolha abriu espaço para que muitas escolas suprimissem simplesmente o ensino desses conteúdos por profissionais habilitados e os restringissem aos temas transversais, podendo ser trabalhados (ou não) por qualquer outra disciplina. Muitas universidades acataram simplesmente a retirada de Psicologia das grades do Ensino Médio de algumas escolas e suprimiram de seus currículos a habilitação em licenciatura, negando aos seus alunos a possibilidade e escolha da vivência da Psicologia ensinada aos adolescentes. Se retirada definitivamente a disciplina Psicologia da grade do Ensino Médio, temas importantes como os processos subjetivos da adolescência, sexualidade, construção de projetos de vida, entre outros, deixarão de ser trabalhados. Os adolescentes terão muito a perder, principalmente aqueles que estão terminando o Ensino Médio e encaminhando-se para o mundo adulto.

Na rede pública de ensino, é difícil restringir o trabalho do professor de Psicologia apenas à sala de aula. Muitos são os adolescentes, pais e professores, que me procuram em busca de aconselhamento e de orientação. A própria direção da escola encaminha alunos com comportamentos preocupantes, inclusive de outras séries, ao professor de Psicologia. Isso ocorre por falta de opção, já que o Estado não atenta para a necessidade de um psicólogo escolar em seu quadro funcional. Não é raro que nas escolas encontremos alunos com discursos suicidas, com depressão, transtorno obsessivo compulsivo, fobias, síndrome do pânico e outras psicopatologias. O máximo que o professor de Psicologia pode fazer é orientar os responsáveis e encaminhar os casos mais preocupantes para um psicólogo clínico ou para a assistência psicológica oferecida pelo Município.

No trabalho como educadora sempre busquei o contato com a família dos alunos quer fosse nas reuniões de pais, ou quando por alguma ocorrência a escola, eu mesma, ou outro professor requisitassem a presença dos pais. O contato com a família desses alunos é de grande valia para o professor. Entretanto, cada vez mais é comum a ausência desse contato. Por conta da necessidade de trabalhar dos familiares, muitos nunca atendem ao pedido de que algum responsável compareça à escola. Percebe-se que a principal preocupação dos pais é geralmente a de manter a subsistência e sua participação na vida escolar de seus filhos é limitada.

Quando há contato com as famílias dos alunos, fica clara a presença de configurações familiares diversas, caracterizadas por separações, re-casamentos, novas uniões e outras organizações parentais. Ao se chamar os responsáveis por alguns adolescentes, não é raro que compareçam madrastas, padrastos, tios, avós, um parente ou amigo. Fica evidente o despreparo da instituição escola para lidar com os novos arranjos das famílias dos alunos. A sociedade em geral e os professores em particular, habituados à cultura de que a mãe é a responsável pela educação dos filhos, têm dificuldade de se comunicar com a pessoa que comparece.

Consideramos que a família é o alicerce onde o adolescente deve encontrar base para construir sua identidade. Baseado nas suas relações com sua família e na interação com o meio social, o adolescente elaborará um projeto de vida. Partindo desse ponto surgiram os questionamentos que se constituem nos objetivos desta nossa pesquisa. Como o processo de construção da identidade acontece em famílias com outras dinâmicas e arranjos diferentes do “*tradicional*”? Como o adolescente inserido em novos arranjos familiares constrói seus projetos de vida? O desenvolvimento desta pesquisa busca compreender como o adolescente integrante de novos arranjos familiares, vivencia a fase da adolescência e como constrói seus

projetos de vida. São esses os questionamentos que me trouxeram ao mestrado e são eles que norteiam esta pesquisa.

O interesse pelo tema família e o reconhecimento deste grupo como pano de fundo no processo de adolescimento e de construção dos projetos de vida dos adolescentes levou-me a participar do Grupo de Pesquisa “Família e Subjetividade”.² Os conhecimentos construídos neste grupo através das reuniões científicas, dos estudos, dos artigos e livros produzidos, das participações em eventos acadêmicos, das discussões e constantes trocas de experiências e impressões, foram de suma importância para o clareamento dos questionamentos que motivaram esta pesquisa.

Ainda que, as razões que motivaram esta pesquisa no início emanassem dos meus questionamentos enquanto psicóloga e educadora, não poderia deixar de sinalizar que também existiam inquietações de ordem pessoal. No início desse trabalho, em uma aula, o estimado professor Francisco Hashimoto nos disse que o tema de nossa pesquisa estaria sempre muito próximo a nós. Naquele momento fez sentido, já que meu cotidiano é cercado de adolescentes, seus projetos de vida e suas famílias. Não demorei a entender que o tema de minha pesquisa, não só estava perto, mas também dentro de mim. Percebi que parte de minhas inquietações vinham da construção dos meus próprios projetos de vida, em especial os projetos de família, que envolvem um homem que cria sua filha. Há sete anos compartilhamos sonhos, planos, responsabilidades e a experiência inigualável de amar e educar uma menina, que aos nove anos principia pré-adolescer. Com esta pesquisa almejamos que ao entender como o adolescente constrói seus projetos de vida dentro do novo cenário familiar, estejamos contribuindo com subsídios para a reflexão de pais, seus novos companheiros e de todos aqueles que se interessem em proporcionar uma família que ame, eduque, apóie e permita aos seus adolescentes adolescer e crescer.

² O Grupo de Pesquisa: Família e Subjetividade é desenvolvido na UNESP – Campus de Assis/SP, sob a coordenação da Prof^a. Dra. Maria Luisa Louro Castro Valente e Prof^a. Dra. Marlene Castro Waideman.

INTRODUÇÃO

♪ “E depois do começo
o que vier vai começar a ser o fim...” ♪³

O termo *adolescer* significa, segundo os dicionários, *empubescer*, *crescer*, *desenvolver-se*. Considerando esses três sinônimos podemos perceber a dimensão de conceitos que envolvem o processo de *adolescer* e que trazem em comum à noção de mudanças. *Adolescer* implica em mudanças que reeditam e ampliam as capacidades físicas e subjetivas que a criança possuía, num processo evolutivo que vai levá-la a um novo papel social, sexual e afetivo. Tantas mudanças parecem não transcorrer de forma pacífica para a maioria dos adolescentes, que se vêem diante de tarefas árduas e importantes: reconhecer o novo corpo, consolidar sua identidade e construir seus projetos de vida; um traçado de caminhos que poderá trilhar ao tomar posse de seu novo papel social, o de adulto. Assim como a borboleta, que faz desmesurado esforço para sair da crisálida e então poder voar, também o adolescente terá que suportar um processo de metamorfose, transformador, por vezes doloroso, mas, sobretudo instigante, antes que possa adentrar no mundo adulto.

Adolescer é um processo individual, mas não desconexo, já que toda uma rede de relações o influencia: a família, a sociedade, a cultura, a mídia, a comunidade escolar. Da teia de relações que cercam o adolescente, a família em que ele está inserido exerce papel fundamental na maneira como passará pelo processo de *adolescer*. Essa instância, a família, tem sofrido ao longo dos anos importantes transformações, quer seja na redefinição de papéis, na forma de relacionamentos ou nos novos modelos de configurações familiares que se apresentam. De alguma maneira, tantas mudanças podem fazer sombra sobre a adolescência.

³ Trecho da música “Depois do começo”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo.

O objetivo principal desta pesquisa se constrói a partir do desejo de entender como os adolescentes, quando inseridos em novos arranjos familiares, têm passado pelo processo de adolecer e como têm construído seus projetos de vida. Como esses processos acontecem em famílias com dinâmicas e configurações diferentes daquelas que se acredita ser a “*tradicional*”, pai-mãe-filhos, convivendo no mesmo lar? Como é influenciado por essa família quando constrói seus projetos de vida? Como vivencia o sentimento de pertença em famílias cuja organização é diferente da tradicional? A presente pesquisa se propõe a investigar a metamorfose vivida pelo adolescente e a influência das redes relacionais, em especial a família, na construção de seus projetos de vida.

Para fundamentar teoricamente nossa pesquisa recorreremos a uma vasta bibliografia composta por autores que focaram seus trabalhos na metamorfose do processo de adolecer. Esse processo compreende um período, uma etapa, uma fase que é chamada de adolescência. Esse período pode ser doloroso, já que as mudanças inerentes a ele trazem consigo conflitos, inseguranças e dúvidas. No entanto, ao mesmo tempo, tais mudanças possibilitam uma abertura para o novo e o novo é sempre estimulante. O adolescente percebe seu corpo transformar-se e isso o assusta. Por outro lado, muitas possibilidades podem ser vivenciadas com a nova realidade que se apresenta. Deixar de pertencer ao mundo infantil traz insegurança. Não obstante, ao adolescente é ofertado um mundo de oportunidades e situações excitantes, principalmente a partir do século XX, onde ser jovem é muito valorizado e onde a adolescência parece ser a fase mais desejada. Nem sempre foi assim.

Antes do século XIX, a infância e adolescência não tinham nem o significado nem o valor que conhecemos hoje. O surgimento da Psicanálise é um dos fatores que tornam a infância e a adolescência períodos importantes dentro do desenvolvimento do psiquismo. Contudo, nem mesmo Freud (1905) se utilizou do termo adolescência em seus escritos, tendo feito uso no decorrer de sua obra ao termo puberdade para teorizar sobre o desenvolvimento psicosssexual desse período. Mais tarde, outros psicanalistas, Erikson (1976, 1987, 1998), Aberastury e Knobel (1986) Osório (1992), Carvajal (2003), diferenciariam puberdade de adolescência. Apesar do termo usado, é a Psicanálise de Freud que traz luz à relevância do processo psicosssexual na constituição do psiquismo do indivíduo. Nesse trabalho, vamos recorrer aos conceitos psicanalíticos para entender a metamorfose psíquica do adolescente.

Na adolescência, questões não resolvidas na infância são retomadas e carecem ser resolvidas, o que implica em superação do mundo infantil. Psicanalistas como Aberastury e Knobel (1986) vão dar corpo a uma teoria que enfatiza as características comuns e normais da adolescência, bem como a existência de um processo de luto que envolve a superação e a

perda do corpo e das figuras parentais que constituíam o mundo infantil. São esses autores que alertam para os riscos que corre o adolescente ao não elaborar os lutos pertinentes a essa fase. Nesse trabalho vamos trazer contraponto de um outro psicanalista, Carvajal (2003) que considera que dadas as transformações sociais pelas quais passam crianças, adolescentes e adultos, não existiria, na evolução normal da adolescência, o processo de luto. Os três psicanalistas citados e Freud (1914) concordam que também a família, em especial os pais, sofrem com o processo de adolecer, na medida em que devem se desprender de seu filho criança e aprender a conviver com uma outra pessoa, um jovem com uma nova identidade.

Antes que a metamorfose do adolescente termine e ele consiga se posicionar como adulto, será necessário que construa uma identidade para si e para isso enfrentará uma crise. Erikson (1976, 1987, 1998) é o autor que considera essa crise de maneira mais positiva, enquanto possibilidade de crescimento, e usaremos suas idéias como referência para nos ajudar a entender como o adolescente se comporta frente à crise de identidade. Construir uma identidade implica em se diferenciar do outro, representado principalmente pelos pais, mas também pela sociedade em que o adolescente está inserido. Embora adolecer seja um processo que aconteça ao nível do psiquismo, a sociedade, com as particularidades de seu tempo histórico, terá grande importância na construção e na consolidação da identidade. Calligaris (2000) é um autor que aponta as transformações e os conflitos da sociedade em que o adolescente, desse princípio de milênio, está inserido e que se refletem na maneira como a adolescência é percebida e vivenciada.

Embora todos nós, os adultos, estejamos de alguma maneira em contato com os adolescentes, a comunidade escolar tem seu cotidiano envolvido por eles, em especial aquelas escolas que oferecem o curso de Ensino Médio, que geralmente comporta alunos de 14 a 18 anos, período de efervescência da adolescência. No cenário escolar, por meio da convivência entre alunos, funcionários e professores, nos trabalhos feitos, na participação de projetos educacionais e até nas ocorrências indisciplinares, os adolescentes contam suas histórias. São histórias que evidenciam as relações dos adolescentes com a família, o trabalho, o sexo, o amor, a educação, a mídia, a violência e com a preparação de seus futuros. O professor de Psicologia, pelas peculiaridades desta disciplina, tem o privilégio de escutar de mais perto as histórias que os alunos adolescentes contam e apresentamos algumas delas nessa pesquisa. A partir do momento em que nos propomos a ouvir as histórias que os adolescentes têm a contar, poderemos visualizar melhor o processo de “*adolescimento*”, a construção de seus projetos de vida e as relações com suas famílias. Para contextualizar a escola onde essa pesquisa é ambientada, destacaremos algumas características que julgamos importantes, para

melhor situar os adolescentes colaboradores de nossa pesquisa. Na verdade, na medida em que são eles, os adolescentes, que nos contam sobre a adolescência, deixam de ser apenas colaboradores desta pesquisa para tornarem-se colaboradores e co-construtores dela.

Adolescer no mundo contemporâneo não tem sido tarefa fácil, já que nossa sociedade tem passado por significativas mudanças e um sem número de conflitos. A problemática socioeconômica atual contribui para que o adolescente sinta-se mais inseguro, trazendo como reflexos comportamentos de desânimo e pessimismo quanto ao futuro. No entanto, nadando contra a corrente, o adolescente surge com seus projetos de vida, numa tentativa de se organizar, de planejar seu futuro. Muitas vezes, os projetos de vida dos adolescentes estão submersos sob o peso de dificuldades e adversidades que lhes são impostas pela sociedade, mas ainda assim estão lá. Não é tão difícil ter acesso a esses projetos, basta que haja incentivo e que seja permitido ao adolescente se expressar. Logo surgem os desejos, os sonhos, planos de ação que os aproxime de uma vida futura feliz.

Recorremos a Freud (1930), para pontuar que todos nós, não só os adolescentes, nos lançamos na busca de ações que nos permitam alcançar o propósito da vida, a felicidade. A despeito de toda adversidade que a vida nos apresente, definimos metas, criamos projetos e através de algumas ferramentas, tais como: a ciência, a educação, o conhecimento, a arte, a anestesia, o amor familiar, o amor sexual, o amor pelo outro, buscamos nos aproximar da felicidade. Constatamos durante a revisão bibliográfica, que poucos são os estudos sobre a construção dos projetos de vida dos adolescentes: Audi (2006), Cardoso (2002) e Nascimento (2002, 2006). Essa última autora considera que a construção dos projetos de vida dos adolescentes perpassa pela tríade: educação, trabalho e família, em consonância às idéias de Freud (1930).

No momento sócio histórico que vivenciamos, cada vértice desse triângulo enfrenta certa desordem. Nesse trabalho, buscamos contextualizar a situação da educação e do trabalho atuais, como e se contribuem na construção dos projetos de vida dos adolescentes. Como é de nosso interesse investigar como os adolescentes constroem seus projetos de vida dentro de novos arranjos familiares, nos propomos a analisar mais de perto a situação da família contemporânea, sua pré-história, as mudanças em sua dinâmica e sua diversidade.

Por vários motivos, vemos surgir na sociedade novos arranjos familiares, novas formas de agrupamentos de pessoas no lar, modelos diferentes daquele chamado patriarcal e nuclear de configuração básica, pai-mãe-filhos, convivendo na mesma casa. Giddens (2006) e Kehl (2003) são autores que consideram a presença de certa nostalgia e reverência contida em discursos que refletem um desejo de retorno da família tradicional, como solução para os

conflitos que enfrenta a família contemporânea. Nesse trabalho, discutiremos, segundo Samara (1993) e Del Priore (1997), que essa família, a de “*antigamente*”, pode ser um equívoco e esteja cercada de fantasias, tais como a submissão feminina, a insolubilidade dos casamentos e o próprio modelo patriarcal como estrutura de família institucionalizada brasileira, tradicional. Desvelando a história da família do passado, buscaremos compreender melhor a dinâmica da família na atualidade.

Significativas mudanças na sociedade se refletiram sobre a instituição família ao longo do tempo. A perda de poder aquisitivo por parte dos homens, a necessidade de trabalhar colocando as mulheres no mercado de trabalho, o advento do feminismo, dos métodos anticoncepcionais, do sexo sem obrigatoriedade de procriação; deslocaram parte do poder da figura masculina para a figura feminina, modificaram as relações conjugais e com os filhos. Uniões antes sólidas dão lugar às separações e aumentam a estatística de divórcios. A liberdade sexual conquistada permite aos indivíduos a busca de novas tentativas de realização emocional e determinam novos arranjos familiares. Algumas formas de organização familiar, na verdade, não são novidade tendo existido sempre, e outras surgem devido às novas maneiras de vivenciar a sexualidade. Nesse trabalho vamos referenciar a chamada família tentacular, as famílias homossexuais e as monoparentais e para tanto recorreremos às idéias de Kehl (2003) e Roudinesco (2003).

A princípio, a escolha pelo método psicanalítico baseou-se apenas em leituras, em experiência profissional, em interesse e preferência pela teoria da Psicanálise. Escolher um método de pesquisa, no entanto, tornou-se um processo, na medida em que se tomava contato com as especificidades do trabalho científico e com outros métodos, tão válidos e interessantes quanto o método psicanalítico. Muitas vezes houve dúvidas e até alguma angústia, antes que a decisão pelo método de pesquisa se revelasse num reencontro com o método psicanalítico. Outrossim, na medida que entendemos as especificidades de nosso tema e do desenvolvimento do trabalho em si, pudemos constatar que o método psicanalítico era o que daria conta de nossos objetivos. No decorrer do processo de escolha pelo método psicanalítico, foi necessário redescobrir a Psicanálise e olhá-la por um viés diferente, o da pesquisa científica. Recorreremos para isso a autores como Mezan (1993, 2002) e Hermmann (1979, 2004), para então compreender a relevância e distinção do método psicanalítico aplicado à pesquisa, no que diz respeito ao embasamento teórico, à coleta de dados, à escolha de instrumentos e à análise. Utilizar este método de pesquisa possibilitou desenvolver este trabalho, encontrar respostas e constatar que o pesquisador à medida que pesquisa se transforma e cresce junto com o pesquisado.

Também recorremos ao método psicanalítico para entender as vicissitudes do psiquismo familiar e suas influências no processo de adolescer. Alguns conceitos nos foram muito caros, tais como a transmissão psíquica, os organizadores familiares, o sentimento de pertença. Autores como Kaës (1998, 2001), Eiguer (1985, 1995) e Schutzenberger (1997) é que dão suporte teórico para que possamos entender como os arranjos familiares têm exercido influências sobre o adolescente na construção de seus projetos de vida, objetivo principal desta pesquisa que aqui apresentamos.

Capítulo I

1 - Adolescência: Essa Metamorfose Instigante

1.1 - Puberdade e adolescência – uma visão psicanalítica.

♪ “Me deixa ver como viver é bom
 Não é a vida como está, e sim as coisas como são
 (...) Acho que o imperfeito não participa do passado
 Troco as pessoas
 Troco os pronomes
 Preciso de oxigênio, preciso ter amigos
 Preciso ter dinheiro, preciso de carinho
 Acho que te amava, agora acho que te odeio
 São tudo pequenas coisas e tudo deve passar” ♪⁴

A adolescência esteve por muito tempo à margem de estudos, reflexões e ações públicas. A ênfase comumente é dada aos desvios e inconseqüências desta fase – fala-se do adolescente transgressor, rebelde, indisciplinado, irascível, popularmente renomeado de “*aborrescente*”. No entanto, consideramos que a adolescência seja plural, já que os adolescentes nos apresentam diversas faces, podendo ser estudiosos, aplicados, alegres, falantes, taciturnos, rebeldes, indisciplinados, ansiosos, inquietos. Muitas vezes a pluralidade da adolescência não é percebida tão somente observando-se as diferenças entre um outro adolescente. Há vezes em que podemos observar a pluralidade da adolescência, efervescendo em um único adolescente através da manifestação em curto espaço de tempo, de comportamentos instáveis, ambivalentes, distintos e antagônicos. De uma forma ou de outra, a adolescência é um período que carece ser observado de perto, já que essa pluralidade e instabilidade podem colocar o adolescente em risco.

O período da adolescência principia concomitante com a puberdade. Chamamos de *puberdade* a fase de desenvolvimento físico, onde acontecem modificações biológicas e

⁴ Trecho da música “Meninos e meninas”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo, Dado Villa-Lobos.

chamamos de *adolescência*, o período de transformações biopsicossociais pelas quais passa o indivíduo (Osório, 1989). A puberdade se caracteriza por transformações do corpo infantil e é marcada por mudanças fisiológicas de ordem hormonal e estética. Uma avalanche de hormônios propicia o aparecimento de pêlos pelo corpo, há um aumento na altura, na força física e redistribuição da gordura corporal, além de maturação genital. A puberdade sinaliza a adolescência, na questão biológica, possibilitando através de um corpo adulto, que o indivíduo tenha acesso à expressão da sexualidade e da capacidade reprodutiva (Rappaport, 1997). Na puberdade, tendo um corpo mais maduro, a sexualidade é vivenciada de uma maneira distinta da que era sentida pela criança.

Cabe aqui, fazermos uma pausa para observarmos melhor o conceito de puberdade e adolescência para a Psicanálise. O termo adolescência, é ausente à Psicanálise de Freud. É o termo puberdade que aparece na obra de Freud, em especial no decorrer do ensaio: “*As transformações da puberdade*” (1905)⁵. Isso pode ser explicado, em decorrência do termo adolescência ter se tornado corrente entre o século XVIII e XIX, coincidentemente o mesmo período em que a Psicanálise era escrita por Freud. Segundo Áries (1981), o termo adolescência surge quando se institui nos colégios da Europa, no século XVII, a divisão das crianças por idade, separando-as em classes, de maneira a vigiá-las e instruí-las melhor, intelectual e moralmente. O termo adolescência, também estaria vinculado a faixa etária requerida para o ingresso no serviço militar. “*Assim, a adolescência, mal percebida durante o ‘Ancien Régime’, se distinguiu no século XIX e já no fim do século XVIII através da conscrição, e mais tarde, do serviço militar*”. (op. Cit., p. 187). Enquanto uma nova forma de linguagem se consolidava, no que se refere à adolescência como faixa etária específica, Freud escrevia, se utilizando ainda do termo puberdade, sobre as mudanças psicosssexuais comuns a esse período.

Em “*As transformações da puberdade*” (1905), Freud considera que:

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital.

Não obstante, a puberdade traga mudanças que direcionem o indivíduo para uma vida sexual mais próxima da que se conhece na fase adulta, isso não quer dizer que a

⁵ In: FREUD, S. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Vol. VII, 1905.

sexualidade da criança comece aí. Segundo Freud, durante as três primeiras fases de desenvolvimento psicosssexual a criança vivencia sua sexualidade e esta está ligada basicamente ao auto-erotismo; a busca pelo prazer é direcionada a partes específicas do próprio corpo, as zonas erógenas, onde encontra satisfação. Em seguida, a criança entra no período de latência que se caracteriza, não por ausência total de seus impulsos sexuais, mas por certa inibição e calmaria deles, que são direcionados para outras atividades. Uma série de eventos caracteriza o período de latência e vivenciá-los é relevante como preparação do ego para lidar com o “*aumento de energia pulsional instintual*” do início da puberdade (BLOS, 1998). Segundo esse autor, no período de latência:

[...] as funções do ego devem ter adquirido uma capacidade de resistência cada vez maior à regressão e desintegração sob o impacto de situações críticas menores, isto é, cotidianas; a capacidade de sintetização do ego deve ter-se tornado efetiva e complexa e, finalmente, o ego deve ser capaz de defender sua integridade com uma ajuda cada vez menor do mundo exterior (1998, p.77).

O fortalecimento do ego, durante o período de latência, permitirá que ao iniciar a adolescência, o indivíduo torne-se menos dependente da ajuda externa, representada principalmente pelas figuras parentais. Isso implica em abandonar o amor pelos pais da infância, o que só pode ocorrer pela renúncia do incesto, para então se lançar em busca de novas relações objetais fora do círculo familiar, na vida social (Paladino, 2005).

Nesse processo de busca por outras relações objetais, o adolescente terá que lidar com algumas perdas, a saber: do corpo infantil, dos objetos parentais da infância, mais protetores e condescendentes, e do papel e identidade infantis (Aberastury e Knobel, 1995). Sem maturidade psicológica para lidar com tantas mudanças, os adolescentes podem reagir aos conflitos internos com manifestações de rebeldia, autodestruição, depressão e isolamentos. Segundo esses autores, tais comportamentos são comuns a esse período e configuram o que chamam de “Síndrome da Adolescência Normal”. Os lutos referentes a essas perdas devem ser elaborados e isso dependerá da estrutura psicológica construída na infância, do meio familiar e social em que estiver inserido. Para esses autores, “*a elaboração do luto conduz à aceitação do papel que a puberdade lhe destina. Durante o trabalho de luto surgem defesas cuja finalidade é negar a perda da infância.*” (op. cit. p. 65).

É nessa busca de identidade que aparecem patologias que podem confundir habitualmente uma crise com um quadro psicótico (ou neurótico de diferente tipo, ou ainda psicótico), especialmente quando surgem determinadas defesas utilizadas para iludir a depressão, assim como a má-fé, a impostura, as identificações projetivas em massa, a dupla personalidade e as crises de despersonalização, as

quais, quando se consegue elaborar os lutos assinalados, resultam passageiras (ABERASTURY e KNOBEL, 1995, p.66).

Se o adolescente conseguir elaborar seus lutos, os comportamentos da “Síndrome da Adolescência Normal” serão transitórios e darão lugar a uma identidade mais fortalecida.

Contrapondo a idéia sobre os lutos, Carvajal (2003), psicanalista colombiano, considera que não há um luto pela perda do mundo infantil, apenas certo temor que aos poucos vai dando lugar à aceitação do novo. Esse autor considera que o adolescente:

Está perdendo ativa e não passivamente antigos objetos, para substituí-lo por outros novos mais gratificantes e, além disso, necessários à sua nova organização. O lento e ativo processo de desinvestimento, precedido por uma conquista, elimina o trauma. Não haveria lutos e a sua elaboração, mas a mudança, temor, ambivalência e conquistas. O novo vai desalojando o velho (p. 167).

Talvez isso possa ser entendido se observarmos que no mundo contemporâneo, percebe-se certa descaracterização da infância como a conhecíamos há algumas décadas atrás. As brincadeiras de rua, queimada, pique - esconde, passa –anel, lembranças tão agradáveis a quem tem mais de vinte anos, foram substituídas na vida de muitas crianças, por horas em frente à televisão ou aos jogos de vídeo game e computador. Por conta do brincar ter sido substituído pelo domínio da televisão e de outros meios de comunicação e diversão eletrônicos, é que Postman (1994) preconiza o desaparecimento da infância. Isso ocorreria na medida em que desapareçam as características próprias de crianças e elas se assemelhem cada vez mais aos adultos. Os pais, percebidos como protetores e condescendentes na infância, também o são durante a adolescência. Muitos pais têm dificuldades de estabelecer limites, por conta da culpa que sentem de se ausentarem pela necessidade do trabalho e por isso não suportarem causar frustração aos seus filhos. O adolescente de hoje, tem seu corpo, sua liberdade sexual e a ausência de responsabilidade, cultuadas pela mídia, pelo comércio, o que resulta em uma “*glamourização*” da adolescência, que passa a ser desejada pelas crianças e idealizada pelos adultos como “*a melhor fase*”.

Se a adolescência se tornou um período tão almejado por crianças e adultos, talvez a perda do corpo infantil, dos objetos parentais da infância, do papel infantil, não resulte em grande sofrimento pela infância perdida, mas apenas seja encarada como fim de uma etapa que leva a outra melhor, com mais gratificações, mais “*glamour*” e liberdade. Os conflitos da adolescência talvez não sejam referentes à nostalgia, ao que se perdeu no passado, mas sobre aprender a lidar com o que se tem no presente e a como se preparar para o futuro. Não é nossa

intenção contrariar e desmerecer o trabalho de Aberastury e Knobel sobre a existência de lutos da adolescência. No entanto, como já o dissemos, a adolescência deve ser vista dentro do momento histórico, cultural e social em que é vivenciada. Atentamos para o fato de que a infância e adolescência, por ocasião da publicação de *Adolescência Normal*, eram fases mais distintas uma da outra e naquele momento histórico compreendiam certas expectativas quanto à adultez. Tantos anos e tantas mudanças depois, entendemos que os desejos tanto das crianças, como dos adultos, convergem para o estilo “*glamouroso*” adolescente de ser. Deixar de ser criança, possuir um corpo que possibilite as vivências adolescentes e ter pais condescendentes, que permitam liberdade sem responsabilidade, não nos parece ser motivos de temores para os adolescentes e nem implicar necessariamente em luto. Tornar-se adolescente, vivenciar essa metamorfose instigante é uma aventura desejada. Na sociedade contemporânea, talvez tenhamos que pensar não nos lutos pela perda da infância, mas sim nos lutos que os adultos possam enfrentar com a perda de suas adolescências.

A despeito da controvérsia dos lutos infantis, tanto Aberastury e Knobel (1995), quanto Carvajal (2003) concordam que a família, geralmente os pais, é que sofre o luto pela perda de seus filhos crianças. “*Ao perder para sempre o corpo do seu filho criança, vê-se enfrentado a aceitação do porvir, do envelhecimento e da morte*” (Aberastury e Knobel, 1991, p. 16). Aceitar a adolescência dos filhos implica em lidar com o enfrentamento do envelhecimento de seu próprio corpo e com a eminência da morte. Levisky (1998) considera que a adolescência dos filhos coincide com a “*segunda adolescência dos pais, a envelhescência*”. Na confluência desses dois estados, a adolescência dos filhos e a envelhescência dos pais, podemos enxergar uma oportunidade de amadurecimento de todos os envolvidos e uma consolidação da unidade familiar. No entanto, nesse encontro pode ser que de rachaduras na estrutura familiar, por muito tempo relevadas, afluam conflitos e se instale uma crise de grande proporção, que poderá comprometer o desenvolvimento do adolescente. “*Não raro, o jovem pode ser sujeito, objeto ou simplesmente o emergente de conflitos familiares que ampliam a complexidade do processo evolutivo*” (op. cit, p. 86).

Há casos de lutos parentais não elaborados, manifestados por pais com depressões, melancolias, agressividade e muitas vezes violência para com seus filhos. Carvajal considera que muitas vezes:

[...] são os pais que não suportam o desaparecimento do corpo infantil, da brincadeira, da idealização e das carícias infantis, sobretudo quando existem processos de imaturidade afetiva, inexperiência e falhas na gratificação adulta de necessidade, sendo os filhos o único objeto de gozo e distensão. [...] O crescimento da criança se converte em uma verdadeira hecatombe psíquica, que leva a lutos

severos e às vezes a verdadeiros estados de melancolia ou seus substitutos: o ataque à adolescência do filho (2003, p.175).

Não é raro que encontremos casos de pais que por dificuldades e carências afetivas, se apegam sobremaneira ao filho adolescente, irritando-os com superproteção, sufocando-os com carinhos e cuidados próprios da fase infantil. Esse apego dos pais à infância é observado por Freud (1914): *“No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança.”* Tratar o adolescente como se ele ainda fosse criança, negando seu amadurecimento corporal e emocional, é uma forma dos pais tentarem reter a própria juventude e imortalidade, alimentando assim seu narcisismo.

Para muitos pais, é difícil enxergar que seus filhos cresceram e mais difícil ainda é lidar com esse novo indivíduo, a quem desconhecem. Como consequência, vemos pais confusos que tentam tratar seus filhos como se ainda fossem crianças e quando percebem que isso não mais funciona, tentam tratá-los como se lembram de serem tratados pelos seus próprios pais, o que também não funciona. Ao usar como referência a própria adolescência, os pais incorrem em dois erros. Primeiro, porque parte do que se lembram é apenas a representação das suas adolescências, aquilo que restou depois de rejeitado e esquecido. Carvajal (2000) considera que em todo adulto há uma força de oposição que luta por esquecer sua própria adolescência, o que se confirma com a frase comum: *“eu não era assim”*. Em segundo lugar, porque a sociedade se modificou e o mundo adolescente de hoje difere em muitas coisas do mundo que os pais usam como referência e que aludem ser melhor na frase *“na minha época...”*. Por conseguinte, temos os conflitos de gerações caracterizados pelo choque entre o antigo e o novo. No processo de fortalecimento do ego, o adolescente tentará responder a uma pergunta recorrente: *“quem sou eu?”*. Para respondê-la será preciso se diferenciar do *“outro”*, em especial dos pais, numa trajetória que buscará a individuação necessária à construção da identidade, base para uma crise vital.

1.2 - Identidade e crise na adolescência

♪ “Sempre precisei
 de um pouco de atenção
 Acho que não sei quem sou
 só sei do que não gosto
 E nesses dias tão estranhos
 Fica poeira se escondendo
 pelos cantos
 Esse é o nosso mundo:
 O que é demais
 nunca é o bastante.
 E a primeira vez
 é sempre a última chance” ♪⁶

No mundo contemporâneo, a adolescência é considerada um período de relevância na vida do indivíduo, pois nesse momento se dá uma das mais marcantes crises na busca pela construção de sua identidade. Não é exclusividade da adolescência a vivência de uma crise de identidade. Segundo Erikson (1976), desenvolvemos um senso de identidade durante toda vida, num “*ciclo vital*” que é atravessado por períodos distintos, chamados de estágios. Cada estágio compreende uma crise, com tarefas que vão desenvolver características específicas do ego, visando à consolidação da identidade.

Na adolescência busca-se a consolidação da identidade, tarefa que não será fácil para o adolescente, que vê seu corpo mudar, numa metamorfose que não pode controlar; que deve abandonar o mundo infantil ao qual está acostumado, para fazer parte de outro que desconhece; que vivencia sentimentos contraditórios quantos as figuras parentais, repudiando-os e clamando por atenção. Embora a adolescência seja um período tão valorizado atualmente, isso não isenta os adolescentes de uma crise de identidade. Como já mencionamos, a adolescência é plural, podem existir variadas formas de ser adolescente e a crise de identidade poderá ser vivenciada com tranquilidade por alguns deles, ao passo que outros poderão atravessá-la com certa turbulência.

Não obstante, consideremos que possam existir momentos turbulentos durante a crise de identidade, ao mencionarmos “*crise*” não estamos nos aproximando de um sentido tempestuoso, catastrófico. Antes disso nos referimos ao conceito de Erikson (1976), que caracteriza crise como um período de mudanças, onde se faz necessário a tomada de decisões e direções, que acarretam conflitos e inseguranças, mas que vão mobilizar no indivíduo recursos para seu crescimento. De qualquer forma, deixar o mundo adolescente e adentrar ao mundo adulto será inevitável e essa travessia não acontecerá sem que se resolva a crise de

⁶ Trecho da música “Teatro dos Vampiros”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo

identidade. Ao falarmos em mundo, nos remetemos inevitavelmente à sociedade. Erikson considera que a sociedade ocupa para o adolescente o lugar “do outro”

[...] a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como outros o julgam, em comparação com eles próprios e com a tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira pela qual eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele (1976, p. 21).

No processo de individuação, de diferenciação, não haverá fortalecimento do ego se houver um distanciamento do outro. O adolescente só pode olhar pra si mesmo, comparando-se ao outro e avaliando o que o outro pensa dele. É como se ele só pudesse se perceber como indivíduo através do outro no espelho. O “outro” ao qual nos referimos, não personifica uma única pessoa, mas todo o círculo de indivíduos e seus valores pertencentes à sociedade na qual está inserido. A identidade se consolidará, através das relações do indivíduo com o meio social. Para o adolescente, o meio social é seu espelho.

A sociedade, o momento histórico e a cultura de determinado povo têm grande influência sobre o processo da adolescência. Ao mesmo tempo, enquanto sofre influências, também os adolescentes modificam o meio social em que vivem. Nas palavras de Erikson, “na juventude, a biografia cruza-se com a história; nela, os indivíduos são confirmados em suas identidades e as sociedades regeneradas em seu estilo de vida” (1987, p.258).

Ao se focar a adolescência, não podemos perder de vista que esse período é uma invenção do homem, em especial no ocidente, e tem menos de um século. Embora possamos encontrar características comuns aos adolescentes de todo o mundo e identificar rituais de passagem (em algumas tribos perfuram seus narizes com lascas de bambu, em outros lugares perfuram-se com piercing), não se pode generalizar. É preciso contextualizar a sociedade em que o adolescente está inserido, a época histórica que vive, para que se possa compreender melhor sua linguagem, sua vestimenta, suas preferências, suas maneiras de se expressar. A importância de se contextualizar a sociedade e cultura em que o adolescente está inserido, nos leva a imaginar como são os adolescentes em outros lugares e culturas diferentes. Na África, em meio às tribos, a passagem para o mundo adulto depende de rituais melhor definidos que, muito embora nos pareçam cruéis, são mais objetivos e talvez menos angustiantes que a moratória imposta aos adolescentes do ocidente. No oriente médio, em meio às constantes guerras, talvez não haja espaço para adolecer, se pensarmos que a prioridade seja a sobrevivência.

No ocidente, o período da adolescência corresponde basicamente à segunda década da vida do ser humano. Parece-nos estranho que em um mundo globalizado, onde a rapidez dos avanços tecnológicos e a mídia exigem pronta resposta das pessoas, onde as relações familiares contam com uma dinâmica familiar mais movimentada e onde se faz cada vez mais urgente a preparação para o mundo do trabalho, se impute ao indivíduo um período tão longo de moratória. Erikson chama esse período de “*moratória social*” e a entende como sendo:

[...] um compasso de espera nos compromissos adultos e, no entanto, não se trata apenas de uma espera. É um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem (ERIKSON, 1987, p.157).

Esse período de moratória social é legitimado pela sociedade, que espera do adolescente que se prepare e desenvolva habilidades e capacidades para ser um “*bom*” adulto. Pensamos que talvez os objetivos desse período estejam muito vivos na cabeça dos adultos que, no entanto, não os manifestam, nem agem no sentido de incentivar os adolescentes a se prepararem para o futuro. Para muitos adultos, a idéia da adolescência como período de preparação para o mundo adulto, convive com outra idéia de adolescência como uma época de curtição, de alegria, ausência de compromissos. Parece até que muitos adultos invejam a adolescência de seus filhos, o que deixam confusos os adolescentes que não entendem muito bem por que desejar a vida adulta.

Na década de sessenta, Calligaris (2000) considerava que os jovens invejavam e desejavam a vida adulta, tinham pressa de deixar a infância, pois era no mundo adulto que se poderia viver a vida, onde tudo que era negado à criança e ao adolescente seria enfim liberado. Vemos ocorrer na atualidade uma inversão, as crianças e os adultos é que invejam e desejam a adolescência. Parece-nos que isso causa certa revolta nos adolescentes que não vêem porque devem se preparar para uma vida adulta.

Os pais dos adolescentes de hoje, muitos foram adolescentes na década de setenta, uma época marcada por movimentos sociais que buscavam a derrubada da repressão, não apenas na política, mas também no meio familiar. Isso se reflete atualmente na busca por maneiras de criarem seus filhos permitindo que tenham mais liberdade do que a que eles mesmos tiveram, com a idéia de que não cometeriam os mesmos erros dos seus pais, sob a égide de serem “*pais legais*”. No entanto, ainda que seja significativo para os adolescentes que os pais sejam menos autoritários do que nas gerações anteriores, possibilitando uma relação mais próxima e arejada, os adolescentes ainda precisam que os pais sejam realmente pais. “*Legais*” devem ser os amigos e os adolescentes vão buscá-los noutros lugares. Dos pais

espera-se que entendam seus filhos, que os orientem, escutem e contenham, enfim, que sejam pais disponíveis.

Pensando em proporcionar uma vida melhor aos filhos, os pais empenham-se em lhes dar tudo àquilo que não tiveram e esse é um desejo compreensível. Entretanto, na sociedade atual, excessivamente consumista, a vida de muitos adultos se transformou em uma corrida para conseguir cada vez mais dinheiro, para que possam atender os desejos consumistas de seus filhos, e por que não, os seus próprios. É bom lembrar que os desejos dos adolescentes hoje, não se comparam aos da adolescência de seus pais. O comércio identificou na adolescência um alvo muito lucrativo e atualmente satisfazer os desejos e as vontades dos filhos, principalmente na classe-média, muitas vezes implica em atender à moda, às marcas (de alimentos à vestimenta), à tecnologia e novas mídias, representadas por celulares, iPods, diskman, jogos de computadores e vídeos games.

Outra questão angustiante para os pais é prover a necessidade de sua família. Como a educação pública enfrenta vários problemas, se eles quiserem proporcionar uma educação mais adequada aos filhos, devem arcar com mensalidades de escolas particulares, além de complementarem com cursos de idiomas e de informática, por exemplo. Nas classes menos favorecidas, a situação dos adultos é ainda pior, já que por conta da situação econômica atual do país, há que se esforçar muito, trabalhar muito, para proporcionar um mínimo de condição de moradia, alimentação e educação às suas famílias. Para atender a tantas necessidades e vontades, os pais precisam trabalhar cada vez mais, o que os afasta de seus filhos, prejudicando a convivência familiar e os momentos de lazer. O mundo do adulto pode parecer aos olhos do adolescente, um lugar não muito prazeroso, mas sim, estressante e sobremaneira cansativo. E já que na adolescência de hoje, os filhos podem ter a liberdade e as vantagens que antes só se conquistava com a vida adulta, não parece haver mesmo o que invejar ou desejar da vida adulta de seus pais, que se apresentam como confusos, ambíguos, perdidos, desautorizados e impotentes. Nas palavras de Postman, *“em nossa situação atual, a idade adulta perdeu muito de sua autoridade e de sua aura, e a idéia de deferência por alguém que é mais velho se tornou ridícula”* (1994, p. 148).

Não é raro encontrar uma mãe vestida como sua filha adolescente. O elogio *“parecem irmãs”* faz bem ao ego da mãe, mas geralmente constrange a adolescente, quando não a revolta. Também vemos homens vestidos como seus filhos com calças de cós baixo e cuecas aparecendo. Quando os pais pretendem ser os melhores amigos do filho, confidentes e cúmplices, freqüentarem os mesmos ambientes, buscarem igualdade, estão pecando por uma concepção equivocada de que isso vá facilitar as relações entre eles e seus filhos. O

adolescente busca formar grupos onde os membros se identifiquem pelos mesmos sentimentos e angústias, e entende essa tentativa de igualdade dos pais como invasão de território, se rebela e repudia tal comportamento.

Acaba assim a preocupação fundamental do adolescente de ser aceito ou reconhecido pelos adultos como par. Não precisa mais se preocupar. A adolescência é agora o ideal dos adultos por ser supostamente um tempo de férias permanentes – uma maneira de ser adulto quanto aos prazeres, mas sem as obrigações relativas (CALLIGARIS, 2000, p. 74).

A tendência dos adultos de quererem imitar os adolescentes, o afrouxamento de limites impostos pelos pais e o fato de os adolescentes poderem ter a liberdade, antes só conquistada com a vida adulta, faz com que muitos adolescentes não tenham o que invejar ou desejar dessa nova etapa e não entendam porque devem se preparar para a uma vida adulta, que os próprios adultos parecem não desejar.

No entanto, a mesma sociedade que glamouriza a adolescência, se encarrega de cobrar dos jovens uma postura adulta ao término desse período. Aqueles mesmos pais que não estabeleceram limites, não ensinaram os filhos a terem responsabilidades, cobram, ao se aproximar o final do Ensino Médio, que se decidam por uma profissão, por uma faculdade, encontrem um emprego, dêem um rumo às suas vidas, enfim, que sejam adultos. Esse momento de confronto das expectativas da sociedade e da família, com o adolescente despreparado (educacional, profissional e socialmente) intensifica nos jovens comportamentos rebeldes, auto-destrutivos e sentimentos pessimistas quanto ao futuro.

Ainda que esse quadro seja cada vez mais visível no dias atuais, queremos acreditar que a energia efervescente da adolescência possa fazer os adolescentes reagirem de maneira positiva às dúvidas que os envolvem nesse período. Não muito longe da superfície dos comportamentos instáveis dos adolescentes, encontra-se algo que nos parece um feliz fio de esperança. Basta ouvi-los um pouco, deixá-los se expressarem, para ver surgir, para além das suas angústias, os seus projetos de vida.

1.3 - Eles, os adolescentes, e nós.

♪ “E quem um dia irá dizer que existe razão
nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?” ♪⁷

É certo que a adolescência tem relações profundas com o meio e com o momento histórico, cultural e social em que é vivenciada, nos fazendo crer que possam existir várias adolescências e vários tipos de adolescentes. Podemos encontrar adolescentes mergulhados em redemoinhos de conflitos, manifestos em comportamentos depressivos, agressivos, delinquentes, ou apenas por atitudes rebeldes, “mal-criadas” e mal-humoradas. Outros passam por esse período, sem turbulência, vivenciando suas dúvidas e conflitos de maneira mais calma e contida. Outros ainda, vivenciam a adolescência como um período de festa permanente. Carvajal (2000) é de opinião de que há alguns tipos de adolescência, a amputada, em condensação simbólica, exuberante, abortada e tardia. Ficando clara a necessidade de contextualização. Os adolescentes que auxiliam na construção desta nossa pesquisa, têm características próprias à adolescência dos tempos modernos, influenciada pelas possibilidades de educação, trabalho e lazer que uma cidade de interior oferece, pelo momento sócio econômico que o país vivencia, pelas novas mídias, pelo ensino oferecido pelas escolas onde estudam.

Todos nós, os adultos, estamos de alguma maneira em contato com eles, os adolescentes. Ainda que muitas vezes não nos apercebamos desse contato, de alguma maneira fazemos parte da teia de relações que envolvem os adolescentes, quer seja na família, na comunidade, em nossos trabalhos, nas escolas, nos primeiros anos das universidades, nos postos de saúde, no supermercado, na fila do cinema, em ocorrências policiais. Eles, os adolescentes, estão por toda parte.

A despeito da vasta rede que se liga ao adolescente, as escolas e em especial aquelas que oferecem Ensino Médio, que geralmente comportam alunos de 14 a 18 anos, têm seu cotidiano permeado pela vivência da adolescência. Quando nos propomos investigar a adolescência e a construção dos projetos de vida dos adolescentes, inseridos no cenário familiar contemporâneo, entendemos que lidamos com uma adolescência de certa maneira privilegiada, já que esses adolescentes são também alunos e cursam o terceiro ano do Ensino Médio, etapa final da Educação Básica oferecida pelo Estado. Sendo alunos, esses adolescentes estão ligados à rede relacional representada pela comunidade escolar. Na

⁷ Trecho da música “Eduardo e Mônica”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo

convivência com essa comunidade, em especial com os professores, muitas possibilidades de crescimento se apresentam, quer seja intelectual, cognitivo, afetivo, emocional. Infelizmente, é grande o número de adolescentes fora da escola, fora dessa rede relacional.

O censo escolar de 2006⁸ acusa que 33.282.663 alunos foram matriculados no Ensino Fundamental em todo Brasil, e apenas 8.906.820 alunos se matricularam no Ensino Médio, o que demonstra que um grande número de adolescentes fica fora da escola entre uma etapa e outra. Muitos desses adolescentes abandonam a escola para entrarem no mundo do trabalho para ajudarem no sustento de suas famílias, outros por conta do abandono de suas famílias e outros ainda por causa da criminalidade.

O cenário social em que muitos adolescentes de baixa renda estão inseridos compreende muitas vezes o mundo do tráfico de drogas, da violência e da criminalidade. Some-se a isso, o desânimo e pessimismo que esses adolescentes sentem frente à dificuldade de cursarem uma faculdade, ou fazerem um curso profissionalizante, ou ainda, por não terem experiência, encontrar um emprego. Levisky (1998a) considera que:

[...] intensas e contínuas frustrações geram explosões auto e hetero-agressivas, aumentando a incidência de depressões, atos delinqüenciais, moléstias psicossomáticas, apatia ou indiferença diante dos questionamentos existenciais do cotidiano pós-moderno (p. 29).

O resultado é que muitos adolescentes acabam se dedicando a atividades menos adequadas socialmente, dando início assim a um projeto de vida cruel, que envolve o uso e venda de drogas, furtos, roubos e outros crimes.

A escola não está imune à violência que vemos na mídia, em jornais e em nosso cotidiano. Na sala dos professores, permanente espaço de troca de experiências e nos HTPC (horário de trabalho pedagógico comunitário), muitos professores relatam alarmados frases de alunos e ocorrências da sala de aula que expressam que muitos alunos idealizam o mundo do tráfico e do crime, como aspiração para o futuro. Infelizmente, algumas vezes o cotidiano escolar é assaltado por episódios de alunos que usam drogas, que abandonam a escola para se tornarem traficantes, que machucam e até matam outros alunos, que são encaminhados à FEBEM ou que morrem prematuramente vítimas da criminalidade.

Não obstante, a violência seja vivida de forma sensível pela comunidade escolar, ela ainda é menor que fora dela. De certa forma, consideramos que os adolescentes de nossa pesquisa são privilegiados por terem conseguido chegar até essa etapa do ensino. Abrigados pelo espaço escolar, no contato com o mundo do conhecimento, os adolescentes têm a

⁸ Dados disponíveis no Portal do Mec.

possibilidade de construir projetos de vida positivos e, quiçá, buscar um futuro melhor. É de nosso entendimento que a Educação seja a ponte para esse futuro melhor, na medida em que o conhecimento abre espaço para a reflexão e o pensar crítico, possibilitando ações que possam gerar mudanças sociais. É o que Freire considera:

Do ponto de vista de uma tal visão de educação, é da intimidade das consciências, movidas pela bondade dos corações, que o mundo se refaz. E, já que a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais (2000, p. 87).

Procuraremos contextualizar a escola onde essa pesquisa é ambientada, enfatizando algumas características que julgamos importantes, para melhor situar os adolescentes colaboradores de nossa pesquisa. Esses adolescentes estão abrigados pela única escola estadual do município que oferece Ensino Médio no período diurno, além do noturno. Além dos projetos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, como “*Prevenção também se ensina*”, “*Agenda 21*” e “*Tá na roda – uma conversa sobre drogas*”, nessa escola também é desenvolvido o “*PEC – Projeto Educação e Cidadania*”. Esse projeto consiste no desenvolvimento de temas que são trabalhados de forma multidisciplinar, engendrados nos conteúdos específicos de cada disciplina. Dessa forma, o tema *justiça* pode ser trabalhado em Português, na forma de leitura e construção de textos, que depois são trabalhados em História, acrescidos de seus conteúdos específicos, usados em Matemática na forma de levantamento de dados e construção de gráficos. Tal projeto visa levar o aluno adolescente a construir um conhecimento mais crítico e ter uma leitura mais abrangente do mundo.

Embora a assistência do Estado seja deficitária em muitos pontos, essa escola conta com uma biblioteca com bastantes títulos, laboratório, sala de vídeo e uma sala de multimídia, com vídeo cassete, DVD, televisão e um computador ligado a uma televisão, para o uso de power point e outras mídias. Essa última sala tem sido muito utilizada por aqueles professores que já compreenderam a importância da tecnologia como apoio pedagógico na construção do conhecimento dos alunos. Outros professores, que ainda resistem às modernidades tecnológicas, perdem a oportunidade de acrescentar conteúdos relevantes às suas disciplinas e deixam de atender a demanda de curiosidade de uma adolescência que já se acostumou à rapidez e variedade de informações possibilitadas pelos meios midiáticos, principalmente a internet. As utilizações das várias mídias e as utilizações da Internet podem colaborar de

maneira significativa para a relação ensino e aprendizagem. José Manoel Moran⁹ em concordância com essa idéia, considera que:

[...] a palavra chave é integrar: Integrar a Internet com as outras tecnologias na educação - vídeo, televisão, jornal, computador. Integrar o mais avançado com as técnicas convencionais, integrar a comunicação pessoal, interpessoal e a tecnológica, dentro de uma visão pedagógica nova, criativa, aberta.

Os meios de comunicação de massa digitais têm ampliado a partir da década de noventa e, ainda mais nesse princípio de milênio, seu impacto sobre o adolescente. Isso ocorre com o avanço tecnológico e melhores possibilidades de acesso à internet. Se antes considerávamos preocupante o bombardeio sofrido pelo adolescente pelos conteúdos transmitidos pela televisão, é compreensível que nos preocupemos ainda mais com a facilidade e rapidez de acesso a uma rede mundial de comunicação. “*Navegar na internet*”, termo geralmente usado para caracterizar quem entra na rede, vem bem a calhar, já que na internet os horizontes se ampliam, as possibilidades de caminhos e rotas são infindáveis, assim como o horizonte a frente do comandante de uma nau.

Sendo realistas, não podemos deixar de reconhecer os perigos a que os usuários ficam expostos, quando disponibilizam em rede mundial, informações pessoais, senhas e sentimentos. Olhando-se positivamente para as possibilidades da internet, reconhecemos um campo informativo e de entretenimento em larga escala.

Comportamentos próprios dos adolescentes se modernizam com a tecnologia e passam a ser utilizados também pelos adultos. A antiga troca de correspondência foi substituída pela rapidez dos e-mails; apelidos tornaram-se “*nicknames*”; as conversas infindáveis pelo telefone agora acontecem via fone/PC/microfone, ou via programas de bate papo digitados; agências de namoro tornaram-se sites de encontro; a revista pornográfica que era escondida embaixo da cama, agora são pastas de fotos escondidas em outros diretórios do computador; o antigo diário, chama-se blog e ninguém mais se importa que se leiam suas impressões pessoais.

Recentemente, um site tem mobilizado grande parte dos usuários da rede. O *orkut* é uma rede de relacionamentos que permite a cada usuário ter uma página pessoal onde se pode construir um perfil, descrevendo características pessoais, preferências musicais, relacionais, atividades desenvolvidas, etc. Também possibilita que o usuário estabeleça uma rede de

⁹ Professor de Novas Tecnologias no Curso de Televisão da USP/SP. Artigo disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/088.pdf>

conhecidos (e até de desconhecidos), que compõem sua lista de amigos. Através da lista dos amigos, encontram-se outros amigos, conhecem-se outros novos, compondo uma teia de possibilidades de relações. Basicamente, o *orkut* reúne e reedita digitalmente símbolos característicos da adolescência de antes: a agenda-diário; o “*relicário*” – caderno de questionário pessoal respondido pelos amigos; o álbum de fotos; o caderno de recordações, onde os amigos deixavam recados, poesias e dedicatórias. Através dos chamados “*scrapps*”, ou recados, podemos perceber o retorno de uma cortesia que por pouco não se perdeu no tempo, manifestada por recados desejando um bom dia, uma boa semana, um feliz aniversário, ou dedicando alguma poesia. Com a vida atribulada que se leva no mundo contemporâneo, o tempo para a convivência com amigos se tornou mais escasso e os “*scrapps*” vêm, nesse sentido, criar uma ponte de acesso rápido que mantém e sustenta a afetividade.

As possibilidades da internet são muitas e seu lugar na vida das pessoas já começa a ser de destaque. Isso cria em uma sociedade desigual, mais um tipo de exclusão, a digital. Não ter endereço eletrônico (e-mail), *MSN* (conversa digitada em tempo real via internet), *Skype* (programa de comunicação de voz via internet) e *orkut* podem transformar o cidadão em um excluído digital. É certo que as desigualdades sociais e a problemática econômica enfrentada pelas classes de baixa renda impedem que a maior parte da população tenha computador. Isso não tem sido mais problema, já que os chamados *cyber cafés* e as *LAN houses* transformam-se rapidamente em suporte para o mundo digital de quem não possui computador, mas podem ir a esses estabelecimentos e pagar alguns trocados por uma hora de contato com o mundo virtual.

É assim, que percebemos nas salas de aula do Ensino Médio da rede pública, algumas mudanças causadas pela era digital. Mesmo que a maioria dos adolescentes não tenha computador em casa, a grande maioria tem *orkut*, e-mail e cadeira cativa na *lan house* mais próxima de casa. Trabalhos não mais são entregues em folhas de papel almaço, mas em disquetes. Os fatídicos trabalhos que antes deixavam de ser entregues na aula, no dia marcado, por terem sido esquecidos em casa, agora vem por e-mail respeitando o prazo do dia. Corrigir erros de português tornou-se uma batalha contra a linguagem SMS (*Short Messaging Service*) usada frequentemente em mensagens de texto de celulares e atualmente também nos trabalhos escolares. Alguns termos são usados pela facilidade das abreviaturas (pq = porque, vc = você, td = tudo), outros decorrem de um modismo que beira o analfabetismo (escreve dextah

formah eh 1 disvalorizaxxaum dah linguah portuguezah = escrever dessa forma é uma desvalorização da língua portuguesa)¹⁰.

Os professores que também tem *orkut* têm a possibilidade de interagir mais com seus alunos, através dos *scrapps* que enchem a página de recados com cortesias e impressões sobre o que aconteceu na aula. Se antes o professor tentava manter sua vida particular longe da escola e dos alunos, com o advento do *orkut* fica difícil esconder particularidades, informações pessoais, sobre seus amigos e família. Por um lado, essa exposição pode desagradar o professor, mas por outro o aproxima do aluno, que passa a reconhecê-lo como par, como pessoa “igual”.

Considerando que a afetividade da relação entre professor e aluno, seja um dos fatores facilitadores do processo ensino-aprendizagem (Aquino, 1996), entendemos que em tempos modernos, algumas posturas do professor possam prejudicar o aprendizado de seus alunos. Tendo em vista que os alunos têm recebido uma educação familiar um pouco mais aberta ao diálogo e à expressão de opiniões, na sala de aula estes alunos entram em choque com tipos de professores que ainda mantêm uma postura exageradamente autoritária, fechada, impositiva, baseada na transmissão de informações apenas. Em contrapartida, nos parece que os alunos tenham mais empatia e se interessem mais por disciplinas em que os professores demonstram flexibilidade, objetivam a construção do conhecimento e abrem espaço para que o aluno coloque suas opiniões e suas dúvidas. Não estamos falando aqui, sobre o professor permissivo, que não contém a indisciplina, que permite o desrespeito entre alunos e muitas vezes contra ele mesmo, o que acaba por comprometer o propósito de ensinar e educar.

No cenário escolar, vamos encontrar vários tipos de alunos e de professores. A postura do aluno se apresenta como reflexo de sua vivência, do meio de onde vem, da educação que recebeu (ou não) em casa, das particularidades da sua idade. A postura do professor em sala de aula acaba sendo um reflexo de sua vivência pessoal e profissional, de como lida com seus anseios, com as dificuldades e desvalorização de sua carreira e com o nível de sua realização pessoal. Deve haver flexibilidade para que o contato entre ambas as vivências não resulte em embate.

De alguma forma, todo o professor será sempre lembrado.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

¹⁰ Ver na WEB, site que “traduz” o português para essa linguagem: <http://aurelio.net/web/miguxeitor.html>

No entanto, se pensarmos em nosso passado escolar, poderemos identificar algum professor que nos marcou de uma forma positiva e especial, ou por sua competência em ensinar os conteúdos, ou por sua paixão pela profissão, ou pela atenção e respeito que possa nos ter dedicado. Professores que se apresentem dessas formas em sala de aula, de alguma maneira acabam por abrir um espaço onde o aluno sente-se à vontade para tirar dúvidas, pedir orientação sobre assuntos que acredita que só um adulto possa explicar. Muitas vezes os alunos, em especial os adolescentes, não se sentem confortáveis para perguntar certas coisas aos pais, ou aos responsáveis por eles, quer seja por dificuldades de comunicação ou por medo de represálias.

É o que acontece quando o assunto é sexo. Na adolescência, a sexualidade é vivenciada apoiada por um corpo maduro que está pronto para o sexo. Também é um momento em que a possibilidade de relacionamentos se apresenta, evocando sentimentos de amizade, amor, paixão, atração que são vivenciados com toda energia e intensidade próprias da adolescência. O adolescente tem muitas dúvidas sobre esse novo corpo, diferente do infantil, assim como sobre os novos sentimentos que sente aflorar. Sanar suas dúvidas com os amigos não é a melhor opção, já que estando na mesma fase compartilham as mesmas inquietações. A família nem sempre é o espaço onde o adolescente encontra continência quando o assunto é sexo e relacionamentos. A dificuldade de comunicação, os conflitos de gerações, o embate entre pais e filhos comum à adolescência dificultam o diálogo quando o assunto é sexo. Muitos pais, alarmados pelo risco das DSTs, em especial a AIDS, pela preocupação de uma possível gestação e por não estarem preparados para discutir e orientar seus filhos assumem uma postura de intimidação e ameaças, o que fecha qualquer possibilidade de diálogo com o adolescente. Waideman (1998), em seus estudos sobre a educação sexual de adolescentes nas escolas, considera que a família e a comunidade ao se sentirem despreparados para orientar os adolescentes, transferem para escola, para o professor em especial, essa responsabilidade.

Ao longo do tempo, a escola foi assumindo funções que vão além do ensino dos conteúdos de leitura, escrita, raciocínio lógico e crítico das civilizações e do mundo. Até o ensino religioso, que antes cabia à família, agora deve ser ensinado nas escolas. Com a educação sexual, não foi diferente e as escolas também abraçaram essa responsabilidade, não obstante, muitas não estejam preparadas para trabalhar esse tema em toda sua complexidade.

Em algumas escolas que contam com a disciplina Psicologia em sua grade curricular, há a possibilidade de serem trabalhados conteúdos referentes ao desenvolvimento da sexualidade e questões que falem de sexo, mas também dos sentimentos envolvidos nos

relacionamentos afetivos e sexuais com o outro. No entanto, como já dissemos em outro momento, ter aulas de Psicologia no Ensino Médio é uma possibilidade que muitas escolas e a própria Secretaria da Educação parecem não valorizar, haja vista a diminuição de aulas e a possibilidade de sua exclusão total da grade curricular. Sem o professor de Psicologia no cenário escolar, os conteúdos de educação sexual ficam geralmente a cargo dos professores de Biologia, que dentro da especificidade da disciplina, na maior parte das vezes, enfocam basicamente o funcionamento dos órgãos reprodutores e os métodos preventivos das DSTs e da gravidez, embora o PCN ¹¹ oriente de outra maneira, considerando que a orientação sexual

[...] não deve limitar-se à veiculação de informações de caráter puramente biológico, ou preventivo, no que se refere somente ao controle das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e outros inconvenientes sociais, mas, do contrário, devem incluir um questionamento mais amplo sobre o sexo e seus valores, seus aspectos preventivos para o indivíduo como forma de exercício da cidadania (p.122).

Professores de outras disciplinas ficam em pânico frente à possibilidade de ter que trabalhar um tema para o qual não se sentem pessoalmente preparados e profissionalmente capacitados. Tais professores, quando têm que trabalhar em projetos de orientação sexual, impostos muitas vezes de maneira vertical, vindos da Secretaria da Educação, o fazem de maneira insegura, deixando transparecer suas dificuldades e incômodo para lidar com o tema. Não cumprem dessa forma o papel de educadores sexuais, ficando o adolescente com suas dúvidas, muitas vezes agravadas pela insegurança das informações e impressões passadas pelo professor.

Não obstante, toda a insegurança que possa atingir os adultos quer seja na família ou na escola, o adolescente espera que venha deles a orientação para suas dúvidas quanto à sexualidade. Algumas famílias, atentas para a necessidade de orientar seus adolescentes, abrem espaço para que o adolescente coloque suas dúvidas e inseguranças, sem represálias, sem investigar, sem querer saber o “*por quê*” de determinada pergunta, até porque não é preciso já ter feito sexo para ter dúvidas sobre ele. Por outro lado, já ter feito sexo na adolescência, não esgota as dúvidas dos adolescentes, na verdade as ampliam.

Se a escola tiver no seu plano gestor um projeto de orientação sexual que contemple as questões de ordem fisiológicas e relacionais do sexo, o adolescente pode encontrar aí um espaço onde possa se compreender melhor, ajudando-o a tomar decisões de maneira mais reflexiva que impulsiva. Caso esse espaço não exista, por não haver um projeto de orientação

¹¹ Parâmetros Curriculares Nacionais.

sexual, ou por não funcionar de maneira adequada, os adolescentes tendem a procurar aqueles professores dos quais já falamos, aqueles que de alguma maneira demonstram estarem abertos ao diálogo e inspiram a confiança do adolescente de maneira que ele sinta-se à vontade para partilhar suas dúvidas e inseguranças.

Embora seja bonito de se ver um bom relacionamento entre determinado professor e seus alunos, isso não é suficiente. Muitos adolescentes por timidez ou vergonha, não se aproximam nem desse professor mais flexível, nem tem uma família continente no que diz respeito à questão sexual e ao sofrimento do seu processo de adolescimento. Vivenciam suas dúvidas e conflitos de maneira solitária, tomam decisões que baseadas na impulsividade, podem comprometer sua saúde e seu futuro. Assusta-nos os casos de suicídio na adolescência e mais ainda quando pensamos “*ele não dava trabalho, era tão quieto*”.

Apesar de toda diversidade de problemas e mudanças pelas quais passam as instituições fundantes da nossa sociedade no mundo contemporâneo, a verdade é que eles, os adolescentes, são nossa responsabilidade, da família, dos pais, da escola, dos professores, de todo adulto, dos órgãos de saúde, da sociedade como um todo. Conhecer a adolescência e suas peculiaridades, entender a subjetividade desse período tão especial, é importante para que possamos vislumbrar o adolescente. Olhar os adolescentes sob um viés que contempla a efervescência de possibilidades que carregam em si, não deve ser atividade utópica. Antes disso, devemos acordar para necessidade realista de refletirmos sobre nosso papel na concretização dessas possibilidades, na medida em que a atenção e orientação que damos a eles podem, mesmo que não seja certeza, mudar o rumo de seus futuros. Nosso desejo com o presente trabalho é contribuir para essa reflexão.

1.4 - Construindo projetos de vida.

♪ “Será só imaginação?
 Será que nada vai acontecer?
 Será que é tudo isso em vão?
 Será que vamos conseguir vencer?
 Nos perderemos entre monstros
 Da nossa própria criação
 Serão noites inteiras
 Talvez por medo da escuridão
 Ficaremos acordados
 Imaginando alguma solução.” ♪¹²

Mergulhando em transformações biopsicossociais, engendrado em um processo de desenvolvimento que o impele inevitavelmente para frente, muitas vezes o adolescente sente-se incompreendido, cobrado sobremaneira pela família e pela sociedade. Preso a um redemoinho de sentimentos e impressões que lhe causam sofrimento, o adolescente pode insurgir com atitudes auto-destrutivas, que envolvem o uso de drogas, a violência, o vandalismo. A despeito das freqüentes notícias de desvaios adolescentes, a maioria deles emerge do turbilhão de suas adolescências com seus projetos de vida positivos, numa tentativa de buscar soluções para a crise instalada, para reestruturação do caos.

Soluciona essa crise intensa transitoriamente, fugindo do mundo exterior, procurando refúgio na fantasia, no mundo interno, com aumento paralelo da onipotência narcísica e da sensação de prescindir do externo. Deste modo cria pra si uma nova plataforma de lançamento desde a qual poderá iniciar conexão com novos objetos do mundo externo e preparar a ação (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p. 18).

O adolescente volta-se para o seu mundo interno e utiliza as atribuições de sua vida psíquica sobre os seus anseios, preocupações e expectativas, traçando um projeto, um plano de ação para lidar com o inevitável enfrentamento com o futuro. A construção dos projetos de vida é uma reação positiva ao caos, uma tentativa de o adolescente organizar internamente, o que o externo e suas exigências lhe apresentam como sofrimento.

Nesse ponto, queremos pontuar que valer-se dos projetos de vida como defesa contra o sofrimento, não é pretensão exclusiva do adolescente. Todo ser humano tem de lidar com o sofrimento vindo do exterior e reage a ele com instrumentos que visam à obliteração deste sofrimento por meio da busca de sua antítese, o prazer. É o que nos aponta Freud, em “*O Mal-Estar na Civilização*”¹³, ao mencionar uma questão recursiva de todos os seres humanos: o propósito da vida.

¹² Trecho da música “Será”, Legião Urbana. Composição: Dado Villa-Lobos / Renato Russo / Marcelo Bonfá.

¹³ FREUD, Sigmund. O mal estar na Civilização, cap. II, vol. XXI, 1930. Obras completas, edição eletrônica.

O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra ‘felicidade’ só se relaciona a esses últimos. Em conformidade a essa dicotomia de objetivos, a atividade do homem se desenvolve em duas direções, segundo busque realizar — de modo geral ou mesmo exclusivamente — um ou outro desses objetivos. Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer (FREUD, 1929, vol. XXI).

Na busca incessante de dar sentido à sua vida, o ser humano persegue a felicidade, mas só consegue obtê-la se puder ludibriar o sofrimento, deslocando parte de sua libido, de sua energia vital, no intento de driblar as contínuas situações de desprazer. Só de conseguir êxito nesse intento, já se sente feliz. No entanto, os infortúnios e adversidades se apresentam de maneira tão aguda em nossas vidas, que é necessário que tenhamos projetos, planos de ação, orientados por ferramentas que nos permitam ludibriá-los e driblá-los.

Ainda em Freud (1929), vamos encontrar apontamentos sobre três medidas paliativas para suportar os sofrimentos e as dores inerentes à vida, a saber:

- *derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça.* Freud menciona a ciência, aos quais acrescentamos por derivação: a busca por conhecimento e a Educação;

- *satisfações substitutivas, que a diminuem.* A arte é citada por Freud como medida paliativa, ainda que ilusória. Dejours (1992) acrescenta que o trabalho também é operador fundamental, que sob a égide da sublimação, nos permite contornar o desprazer das insatisfações cotidianas;

- *substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela.* Aqui entendemos que Freud se refere às drogas sintéticas, que inebriam os sentidos, proporcionando uma analgesia psicoativa do sofrimento. A despeito disso, Freud acrescenta ser possível que o organismo encontre substâncias com efeitos semelhantes em sua própria química. É o caso das endorfinas, substâncias liberadas pelo cérebro durante atividades esportivas e durante o sexo e que provocam sensações de prazer, de bem estar.

Quanto à religião, poderíamos pensar em qual das três modalidades acima se encaixaria. Freud (1929) nos diz que “*não é simples perceber onde a religião encontra o seu lugar nessa série*”. No entanto, mais adiante considera que “*as religiões da humanidade devem ser classificadas entre os delírios de massa*”, uma forma de “*remodelamento delirante da realidade*”, que ilude aqueles que buscam uma felicidade constante, ou uma proteção garantida do sofrimento.

Ainda no capítulo II, Freud faz referência a uma outra modalidade, que poderia ser considerada a quarta ferramenta contra o sofrimento, citada por ele como relevante *“técnica da arte de viver”*, que usamos ao nos lançarmos na busca pelo prazer. Essa técnica, não visa desprezar, ou fugir ao mundo externo e seus objetos, mas sim, objetiva encontrar prazer no *“relacionamento emocional”* com eles. Apesar da possibilidade de sofrimento que possamos encontrar ao deslocarmos libido no uso desta técnica, pouco nos importamos, olhos postos na meta de *“consecução completa da felicidade”*, que desta técnica possa advir. Freud encerra o suspense ao nos revelar: *“Evidentemente, estou falando da modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo, que busca toda satisfação em amar e ser amado”*. Baseados nessa revelação podemos refletir que passamos grande parte de nossas vidas envolvidos em um processo de aperfeiçoamento dessa técnica da arte de viver. Aprender a nos relacionarmos com o outro, amando-o e sendo por ele amado, a despeito do encontro de algum sofrimento, põe-nos em contato com uma das formas mais sublimes de felicidade. Tal arte de viver encontra suas raízes nos primórdios de nossa história individual, no encontro do prazer advindo de nossas relações com as figuras parentais. O amor que encontramos no jogo relacional do romance familiar, é uma modalidade tão especial de busca do prazer, que talvez se torne nosso projeto mais caro para o futuro: encontrar nossos pares e constituir uma família.

Esperamos ter conseguido, com essas breves palavras, nos situarmos quanto à importância das duas forças, a busca do prazer e a fuga do desprazer, que embora sejam antagônicas, convergem para o mesmo fim, o encontro da felicidade. *“Caminhos muito diferentes podem ser tomados nessa direção, e podemos conceder prioridades quer ao aspecto positivo do objetivo, obter prazer, quer ao negativo, evitar o desprazer”*, escreve Freud (1930). Isso posto, entendemos que na busca de um propósito, dos projetos de vida, algumas ferramentas são usadas e nos orientam nesse intento, tais como: a ciência, a educação, o conhecimento, a arte, a anestesia, o amor familiar, o amor sexual, o amor pelo outro. Em consonância com essas idéias, encontramos a epígrafe do trabalho de Wilhelm Reich (1972), *“O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes da nossa vida. Deviam também governá-la”*.

A construção dos projetos de vida na adolescência não é uma idéia utópica e romantizada, mesmo sendo mais fácil visualizar nos adolescentes a irresponsabilidade, a confusão, o desânimo, o pessimismo e a visão desoladora quanto ao futuro. Em nosso levantamento bibliográfico encontramos poucas pesquisas e estudos sobre os projetos de vida dos adolescentes, Nascimento (2002, 2005), Audi (2006), foram responsáveis por alguns

deles, mas quem de alguma maneira se envolve com adolescentes, percebe que seus projetos de vida e a preocupação com o futuro, não estão muito longe da superfície rugosa de seus comportamentos “*aborrescentes*”. É o que podemos perceber em um estudo feito por Salles (1998) com alunos, professores e diretores de escolas públicas do interior do estado de São Paulo, sobre as representações sociais da adolescência, construídas por adultos e adolescentes. Essa autora conclui que:

Todos, independentemente de sexo, série, escola e situação financeira da família, compartilham aspirações, desejos e medos e se mostram preocupados com seu futuro, emprego, estudos e profissão, que podem garantir situação financeira estável (p. 152).

Ainda que o adolescente nos pareça um indivíduo despreocupado e irresponsável, ele traz dentro de si angústias e dúvidas quanto ao seu futuro.

Em algum momento do desafio de responder: “*quem sou eu?*”, o adolescente se deparará com a noção de que a resposta para sua pergunta está no seu futuro, que enquanto desconhecido, não pode ser controlado, mas pode ser planejado, recoberto de sonhos e desejos. O adolescente entende, nem sempre de maneira consciente, que não pode prever, nem controlar seu futuro, mas que é responsável por quem será nesse futuro. Nas palavras de Erikson (1987, p.122), “*isso é preparado na convicção firmemente estabelecida e invariavelmente crescente, não intimidada pela culpa, de que ‘Eu sou o que posso imaginar que serei’*”. Imbuído de seus sonhos e seus desejos, o adolescente se lança na aventura de tentar visualizar como e quem será nesse futuro, e isso se dará através da construção de seus projetos de vida.

Os projetos de vida dos adolescentes são temas de duas pesquisas desenvolvidas por Ivany Nascimento, primeiramente (2002), com adolescentes de escolas públicas de São Paulo e posteriormente (2005), com adolescentes em Belém. Segundo a autora, o adolescente traz em si energia suficiente que pode ser direcionada para a ação de planejar:

A ação de planejar a vida implica uma abertura permanente para transformações, desafios e inovações. Significa disponibilidade para lidar com o desconhecido e eleger metas, sem perder de vista a flexibilidade para reorganizá-las diante do imprevisível.
Projetar a vida envolve o estar apaixonado por ela, acreditar que vale a pena entrar no jogo infinito de buscar-se pela materialização de desejos, para dar sentido à vida (2002, p. 112).

O adolescente é um ser novo e único, não é mais criança e ainda não é adulto, e está perante um mundo de possibilidades, cheio de energia para vivenciá-las e talvez por isso não

encontremos em nenhuma outra fase da vida, mais disposição para apaixonar-se, que na adolescência.

É certo que ter um propósito, um projeto, um planejamento, não traz em si a certeza de sua concretização. Sobre essa incerteza, Freud (1929) nos diz:

Seu êxito jamais é certo, pois depende da convergência de muitos fatores, talvez mais do que qualquer outro, da capacidade da constituição psíquica em adaptar sua função ao meio ambiente e então explorar esse ambiente em vista de obter um rendimento de prazer (1929, vol. XXI).

A capacidade de adaptação do psiquismo àquilo que se apresenta como adversidade ou imprevisto pelo externo, será fundante na reestruturação dos projetos de vida, de maneira que continue no intento de busca de prazer, de felicidade. No caso do adolescente, se ele puder entender que pode sempre reorganizar seus projetos de vida, seus planos, frente aos obstáculos e continuar na busca pela realização de suas metas, seus sonhos e desejos, não tomará caminhos tortuosos, desviantes, perigosos e se encaminhará para uma vida adulta provida de sentidos positivos.

Nascimento (2002), ao pesquisar as representações sociais dos adolescentes sobre seus projetos de vida, nos diz que a construção desses perpassa pela “*tríade: educação, trabalho e família*” que funciona para o adolescente:

como um modelo de vida social, que determina o sentido da vida presente e futura dos mesmos. Verifica-se que esta tríade além de vigorar como consenso para a trajetória de vida funciona também como critério de avaliação da condição de sujeito adulto para si e para o mundo enquanto desempenho de papéis sociais (p.178).

A tríade mencionada – a educação, o trabalho e a família – está em concordância com as idéias de Freud (1929), que discutimos anteriormente, sobre as medidas paliativas que nos orientam em nosso propósito de busca do prazer, de felicidade. Então, podemos entender que já na adolescência, a despeito da crise comum à esse período, essa tríade será importante como ferramenta para organizar e nortear nossos projetos de vida.

1.6 - A rede de apoio aos projetos de vida do adolescente.

🎵 “Nas favelas, no Senado
 Sujeira pra todo lado
 Ninguém respeita a constituição
 Mas todos acreditam no futuro da nação
 Que país é esse?
 Que país é esse?” 🎵¹⁴

A adolescência e o adolescente estiveram por muito tempo à margem de estudos, reflexões e ações públicas. Na sociedade contemporânea, vemos que cada vértice da tríade – educação, trabalho e família – citada por Nascimento (2002) passa por transformações, o que pode angustiar ainda mais o adolescente que tenta visualizar seu futuro por meio da construção seus projetos de vida. Já o dissemos anteriormente que eles, os adolescentes, são nossa responsabilidade – dos adultos, da família, dos professores, do Estado, enfim da sociedade. Nesse sentido, podemos entender que para o adolescente construir projetos de vida, será mais tranquilo se estes forem incentivados e se houverem ações que indiquem caminhos para a sua concretização.

Os adultos da comunidade escolar, nem sempre acordam para a necessidade de incentivar e trabalhar, com seus alunos, projetos que os mobilizem a construir seus projetos de vida. Ao concluírem o ensino básico oferecido pelo Estado, os adolescentes geralmente se vêem perdidos e desorientados às portas de seu futuro, sem ter um projeto de vida construído, sem preparação, nem qualificação, sem conhecimentos suficientes para enfrentarem o sistema de vestibulares para entrada nas faculdades públicas e sem condições financeiras para cursar uma faculdade particular, ou mesmo um curso técnico profissionalizante. Há muito tempo os problemas sócio-econômicos do nosso país, a falta de atenção e de vontade política fazem sombra sobre a preparação para o mundo do trabalho e muitos adolescentes recém saídos do Ensino Médio, acabam por serem absorvidos pelo mercado de trabalho informal, ou passam a integrar os altos índices de desemprego do país. A família, muitas vezes, também não se dá conta que deveria ter dedicado especial atenção à construção dos projetos de vida dos seus filhos, nem se apercebem que a dinâmica familiar tem influência sobre os projetos de vida dos adolescentes sobre o desejo de ter, ou não uma família no futuro.

Apesar da necessidade urgente de melhorias no setor educacional público do país, o Estado tem dedicado alguma atenção aos jovens com a criação de políticas públicas que incentivam o adolescente mais carente a buscar profissionalização e o Ensino Superior. Objetivando visualizar de que maneira essa atenção auxilia (ou não) o adolescente na construção de seus projetos de vida, observaremos com um olhar mais aproximado, as ações

¹⁴ Trecho da música “Que país é esse?”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo.

propostas recentemente pelo Estado para os adolescentes no que se refere às duas vértices da tríade: a *educação* e o *trabalho*.

Desde a década de noventa, algumas políticas públicas foram criadas com a intenção de melhorar a qualidade da educação básica. O FUNDEF¹⁵ (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) destina recursos para as escolas de ensino fundamental, que atendem a faixa etária de alunos de sete a quatorze anos. O Ensino Médio não se beneficia diretamente dessa distribuição de recursos e fica a cargo apenas dos Estados destinarem recursos para sua manutenção. Desde 2004, tramita e aguarda votação pelo Congresso Nacional, uma Proposta de Emenda Constitucional, que transforma o FUNDEF em FUNDEB¹⁶ (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), um fundo de financiamento que contempla a educação básica em todo seu ciclo, desde a pré-escola até o final do Ensino Médio. Atualmente a aprovação do FUNDEB continua emperrada no Congresso Nacional.

Depois de inúmeras críticas, em outubro de 2004, o decreto nº. 5245 regulamenta a Medida Provisória do ProUni – Programa Universidade para todos. O ProUni tem um caráter que visa a inclusão social dos alunos de baixa renda, estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, concedendo-lhes uma oportunidade de ingressarem no ensino superior. Essa faixa de alunos, por conta da baixa qualidade do ensino que lhes foi oferecido pelo Estado durante a Educação Básica, dificilmente conseguiria passar pelo processo seletivo do vestibular das universidades públicas. O ProUni é uma oportunidade que esses alunos têm de dar prosseguimento ao estudo e por meio dele conseguir melhores colocações no mercado de trabalho. Visto dessa maneira, o ProUni pode parecer um programa que concretize os projetos de vida dos adolescentes no que diz respeito a suas aspirações por estudo. No entanto, em três anos de implantação do programa, o que podemos perceber é que ele é ineficiente em vários aspectos, sua abrangência muito pequena, ao mesmo tempo em que mascara associações privado-públicas e encobre a falta de iniciativas do governo federal que busquem de maneira efetiva a melhoria da Educação para a população de baixa renda no Brasil.

Os dados do ProUni¹⁷ referentes às bolsas ofertadas e aos número de candidatos pré-selecionados no segundo semestre de 2006, evidenciam que 200.969 pessoas se inscreveram no ProUni, pleiteando uma das 47.059 bolsas oferecidas em todo o território Nacional. Do

¹⁵ Dados disponíveis no Portal Eletrônico do MEC.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ Dados disponíveis no Portal Eletrônico do MEC.

total de inscritos no ProUni, apenas 21,7% conseguiram ser pré-selecionados. Causa-nos muita estranheza o fato de 157.335 pessoas não ter conseguido se beneficiar de uma iniciativa inscrita sobre o título de “*Programa Universidade para Todos*”.

Uma outra opção para os alunos das séries finais do Ensino Médio é a busca por conhecimentos técnicos. Muitos adolescentes, enquanto constroem seus projetos de vida, percebem o quanto o mercado de trabalho pode ser concorrido, o quanto o Ensino Médio público pouco os prepara para o mesmo e o quanto estudar em uma universidade de qualidade pode estar longe de seus planos. Atentos para a necessidade de se preparar melhor para o mundo do trabalho, buscam em escolas técnicas o conhecimento que pode conferir-lhes um diferencial no momento de procurar trabalho. Para isso é preciso que se desempenhe dupla jornada, cursando o Ensino Médio e uma escola técnica.

No Brasil existem 33 Centros Federais de Educação Tecnológica¹⁸ (CEFETs ou Escolas Técnicas Federais). São institutos de ensino tecnológicos nas áreas agrárias, exatas e saúde, gratuitos, de nível médio e superior, mantidos pelo Governo Federal. Também vamos encontrar ensino técnico em escolas e serviços privados, tais como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), além de um sem número de escolas privadas de menor porte.

Em 2005¹⁹, as instituições de ensino privadas detinham 71,3% das escolas técnicas, ao passo que as instituições públicas, o restante, 28,7%, e isso se somarmos as escolas técnicas mantidas pelas três instâncias, federais, estaduais e municipais. Com esses dados podemos perceber que a maior parte dos adolescentes de baixa renda, que não podem pagar mensalidades em cursos técnicos privados, é excluída dessa possibilidade de aprimoramento de seus estudos, já que a oferta de escolas técnicas públicas é bem menor.

Muitos adolescentes precisam ajudar no sustento de suas famílias e a necessidade de trabalhar os afasta da dedicação aos estudos e impossibilita a manutenção das necessidades que teria como aluno universitário, ou de cursos técnicos. Para o adolescente que não tem condições de frequentar um curso técnico, nem público e nem privado, que não consiga ser beneficiado pelo ProUni e nem ingressar em uma universidade pública, o caminho acaba sendo a procura de um trabalho.

Ainda vinculando colocação profissional (trabalho) à qualificação profissional (educação), o Governo Federal, sob a Lei 10.940/2004, institui o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego – PNPE²⁰. Esse programa estabelece parcerias e convênios

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ Dados disponíveis na tabela 2 no Portal eletrônico do INEP.

²⁰ Dados disponíveis no Portal do Ministério do Trabalho e Emprego.

com empresas que direcionam recursos para a qualificação profissional do jovem que busca seu primeiro emprego, em troca de incentivos e subsídios fiscais. Uma notícia vinculada recentemente²¹, dá conta de que esse programa não gerou os resultados esperados, tendo pouca procura por parte das empresas e como consequência, um número pouco expressivo de adolescentes inseridos no mercado de trabalho.

Sem preparo, nem experiência profissional, o adolescente que termina o Ensino Médio e precisa trabalhar acaba por buscar os trabalhos com características informais. São empregos na lavoura, em trabalhos domésticos, como atendentes em lojas, lanchonetes, etc. Nesses empregos não é preciso uma maior qualificação e o adolescente acaba por se submeter às longas jornadas, geralmente sem regularização trabalhista. Em uma atividade de sala de aula, onde os alunos devem construir uma árvore genealógica profissional, é visível que muitos dos seus ascendentes trabalharam na lavoura, em serviços braçais, com poucos direitos e muito sacrifício. O adolescente expressa que almeja um destino diferente e melhor que seus ascendentes, mas não é raro que frente às dificuldades que enfrenta para conseguir profissionalização, acaba aceitando empregos que não lhe oferecem segurança, nem estabilidade. Dessa forma, o adolescente não consegue encontrar no mundo do trabalho uma via de realização profissional e pessoal, perpetuando a situação de desvantagem social que o caracterizou ainda em sua família de origem, como cidadão carente, de baixa renda.

Com o término do Ensino Médio, aquelas famílias que não incentivaram a construção dos projetos de vida dos adolescentes, cobram planos e decisões prontas sobre quais caminhos o adolescente vai tomar. Nomeiam o adolescente como “*Sir*” adulto e esperam que tome as rédeas de sua vida e encontrem um emprego que possa sustentar a família que terão um dia. Aí encontramos uma questão de relevância para nossa pesquisa. A família muitas vezes não se dá conta, de que a idéia dos adolescentes sobre a família que terão um dia (ou não) se desenvolve, principalmente, no jogo familiar, onde são construídos os conceitos de conjugalidade, de paternidade ou maternidade. Segundo Carneiro e Magalhães (2005),

A literatura psicanalítica das relações amorosas ressalta que a conjugalidade se origina na trama inconsciente familiar dos sujeitos-parceiros. Na família, histórias passadas e presentes se misturam e são transmitidas aos filhos, associadas às expectativas de futuro, conjugando as fantasias individuais dos membros da família e os mitos familiares. Assim, a conjugalidade dos pais se reflete no desenvolvimento afetivo-sexual dos filhos e nos padrões de relacionamento que se estabelecem na família (p.112).

²¹ In: Jornal Eletrônico Zap, 29/03/2007.

O estilo de vida de seus pais e a maneira como se relacionam têm grande influência sobre a dinâmica familiar, sobre o adolescente e sobre os projetos de vida que tem quanto à conjugalidade e quanto ao seu desejo de ter ou não família. O enredo familiar, com suas crenças, com suas histórias e pré-história, são transmitidos de uma geração à outra e compõem significativamente o psiquismo dos indivíduos. O adolescente é um ponto de convergência de dois tempos, o antigo e o atual. O conteúdo que lhe é transmitido vem pontuado de idéias, conceitos e julgamentos de uma outra época, anterior ao mundo em que o adolescente vive. Para entender o adolescente é preciso olhá-lo dentro do seu contexto familiar, ouvir sua história, mas também ouvir as histórias que lhe contaram.

O panorama da familiar sofreu muitas transformações e mudanças: a conjugalidade se revela de outras maneiras, muitos arranjos familiares são desfeitos, outros novos se formam, a família assume novas configurações e muitas vezes impõem aos adolescentes o convívio com uma gama de novas combinações: pai, mãe, padrasto, madrastra, irmãos, meio-irmãos, avós, tios e primos de laços sanguíneos ou não. Com tanta diversidade de convivência, a questão da transmissão psíquica parece ser ampliada e o material transmitido pode vir de várias direções.

Na presente pesquisa é objetivo principal investigar como o adolescente inserido em novos arranjos familiares elabora sua crise de identidade e constrói seus projetos de vida. Por esse motivo, julgamos importante observar com mais atenção a família contemporânea com sua diversidade, opções, conflitos e peculiaridades. Entender a família contemporânea não é atividade simples, é necessária uma inevitável viagem ao passado, acompanhar as mudanças sociais que ocorreram e produziram a família como a vemos hoje. É o que nos propomos discutir no capítulo que se segue.

Capítulo II

II - A família de “antigamente” e o cenário familiar contemporâneo.

2.1 - A família de antigamente

♪ “É a verdade o que assombra
O descaso que condena,
A estupidez o que destrói
Eu vejo tudo que se foi
E o que não existe mais.” ♪²²

O cenário familiar contemporâneo tem ocupado espaço significativo nas discussões, quer seja na mídia, nas escolas, nos meios acadêmicos, ou em qualquer colóquio. Resguardado o contexto sócio-cultural de cada país, essa discussão ultrapassa fronteiras e de várias maneiras acontece no mundo todo. Giddens (2006) em seu livro *Mundo em Descontrole* nos apresenta questões importantes da contemporaneidade em vários países e sobre o debate da família considera que

[...] em muitos países ocidentais, o debate é ainda mais estridente. A família é um local para as lutas entre tradição e modernidade, mas também uma metáfora para elas. Há talvez mais nostalgia em torno do santuário perdido da família do que em qualquer outra instituição com raízes no passado. Políticos e ativistas diagnosticam rotineiramente o colapso da vida da família e clamam por um retorno à família tradicional (p.63).

No Brasil também vamos encontrar rotineiramente, no cotidiano e na mídia, diversos discursos sobre a ruína da família, certa defesa e apelo ao retorno da família de antigamente, “*tradicional*”. Imbuídos de saudosismo, ativistas, religiosos, educadores, psicólogos, políticos e outros avaliam que o modelo de família “*tradicional*” brasileira, funcionava melhor e era mais “*normal*” que a família contemporânea. É possível perceber que por trás desses discursos tente-se responsabilizar a família como é hoje, com suas diversas dinâmicas e várias formas de configurações, pela degradação social em que vivemos, pelos conflitos, pelas drogadição dos adolescentes, pela desorientação da juventude (Kehl, 2003).

Sempre que falamos em contemporaneidade, nos remetemos à tradição, num exercício comparativo inevitável. No entanto, há que se ficar atento para não se considerar irrefletidamente o antigo, o tradicional, como padrão de excelência. Giddens (2006) nos alerta que a tradição pode ser inventada, eleita como verdade e usada como meio de poder por grupos conservadores, interessados em antagonizar o novo, o contemporâneo. “*A tradição é*

²² Trecho da música: “Metal contra as nuvens”, Legião Urbana. Composição: Dado Villa-Lobos/ Renato Russo/ Marcelo Bonfá.

talvez o conceito mais básico do conservantismo, uma vez que os conservadores acreditam que ela encerra uma sabedoria acumulada” (p. 52).

Entendemos que no debate sobre a família brasileira, e por situarmos nossa pesquisa no cenário familiar contemporâneo, busquemos conhecer as famílias de “antigamente”, tentando identificar diferenças e pontos em comum entre o “*tradicional*” e o contemporâneo. Não obstante, é preciso visualizar de que maneira é construída a idéia de família tradicional brasileira e para efeito de contextualização, empreenderemos uma viagem ao passado, buscando descortinar verdades e fantasias, para melhor entender que família “*tradicional*” é essa que parece inspirar nostalgia.

Quando nos remetemos à idéia de família de antigamente, “*tradicional*”, encontramos um modelo comum a Europa e que se introduz no Brasil, principalmente no sertão nordestino, através da chegada dos colonizadores portugueses, a partir do século XVII. Nas fazendas de cana-de-açúcar do Nordeste, em belos casarões coloniais, residiam as famílias de elite, um tipo de família extensa, matrimonializada, hierarquizada, com valores patriarcais, constituída por pai, mãe, filhos, tios, avós, outros parentes, além de serviçais e escravos (Samara, 2002).

Esse tipo de família é descrita na obra de Gilberto Freyre pela primeira vez em 1933 e mostra o pai – o patriarca – como o senhor da “casa grande e da senzala”, autoritário, gerenciador das finanças e das decisões importantes no que dizia respeito à esposa, aos filhos e a todos aqueles que na hierarquia, eram considerados dependentes e inferiores a ele. A figura da esposa era tida como submissa, e a ela cabia servir ao marido, cuidar dos filhos e da organização da casa.

Na família extensa com valores patriarcais, os casamentos em sua maior parte, eram meros arranjos entre as famílias, que priorizavam questões de herança e honra, a negociação das posses, unindo terras e instalando alianças de poder. “*O casamento de elite do sertão nordestino sempre foi, antes de tudo um compromisso familiar, um acordo muito mais que um aceite entre esposos*” (Priore, 1997, p. 257).

Os papéis de marido e esposa eram pré-definidos e transmitidos através dos costumes, dos valores e da moral. Na vida do novo casal, a afetividade e a sexualidade eram relevadas a planos secundários e inferiores, atendendo e sendo necessárias à função básica do casamento: a procriação. A satisfação sexual era direito apenas do marido, que podia buscá-la com a esposa quando bem entendesse, ou com outras mulheres, se assim desejasse. A sexualidade da mulher estava vinculada basicamente à procriação e não obstante tenhamos mencionado sexualidade da “mulher”, não podemos esquecer que estamos na verdade falando

de meninas de treze ou quatorze anos, despreparadas física e psicologicamente para o sexo e para o casamento. A sexualidade imposta prematuramente a essas meninas, era permeada pelo medo do sexo, da gravidez e do parto, que por vezes chegava a ser sinônimo de morte.

Um fato triste é que muitas noivas de quinze anos morriam logo depois de casadas. Meninas. Quase como no dia da primeira comunhão. Sem se arredondarem em matronas obesas; sem criarem buço; sem murcharem velhinhas de trinta ou quarenta anos. Morriam de parto – vãs todas as promessas e rogos à Nossa Senhora da Graça ou do Bom Parto (FREYRE, 2005, p.432).

Por se casarem muito jovens, as mulheres tinham muitas gestações durante sua vida fértil, se bem que muitas meninas por estarem despreparadas fisicamente, morriam em decorrência de complicações logo no primeiro parto. Esse cenário, onde meninas são usadas em barganhas comerciais e alianças de poder, sem que se levasse em conta o seu preparo físico e psicológico, nem suas vontades e seus desejos, nos parece muito cruel, vistos aos olhos de hoje, mas estavam em acordo com as características da família extensa, baseada em valores patriarcais do Brasil Colônia.

O papel dos filhos varões também era pré-definido, cabendo a eles apenas respeitar as decisões e vontades do patriarca e efetivamente tinham suas vidas, sua sexualidade, seus projetos de vida e seus casamentos, decididos e controlados por ele. Os filhos viviam sob o jugo do pai autoritário, interessado na manutenção e continuidade do patrimônio. “*O pátrio poder era, portanto, a pedra angular da família*” (Samara, 2002). Na verdade, todos aqueles que eram considerados dependentes do patriarca, viviam sob a sombra de sua autoridade.

Vários autores, entre eles Freyre (2005), Priore (1997) e Samara (1993, 2002), minudenciam a família no Brasil Colônia e nossa intenção, nesse momento, não vai além de apresentar de maneira geral, a família extensa com valores patriarcais, referenciada como modelo familiar tradicional. Nosso real interesse é desvelar algumas fantasias que parecem dar forma ao imaginário social acerca da idéia de que a família extensa com valores patriarcais seja o modelo familiar institucionalizado brasileiro.

2.2 - A fantasia da família tradicional

♪ “Quem me dera, ao menos uma vez,
Explicar o que ninguém consegue entender:
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente.” ♪²³

A família extensa com valores patriarcais tem sido entendida como modelo institucionalizado de família brasileira, no entanto, em torno dessa idéia muitas fantasias foram construídas, tais como eleger um único modelo como tradicional, generalizá-lo como representativo de um país com tantas regiões e a maneira de referenciar o papel feminino dentro da família brasileira.

Por muito tempo, estudiosos pautaram-se na descrição de Gilberto Freyre (2005) sobre a família no sertão nordestino, na época do Brasil colônia e a usaram como referência para instituir o modelo de família brasileira de antigamente, “*tradicional*”. Com relação à riqueza da escrita desse autor, pode-se perceber que há pouca ênfase dada à pluralidade de organizações familiares vivenciadas para além dos casarões coloniais, oriundas da diversidade etno-cultural. Ao se deixar de considerar a pluralidade das famílias construídas em torno de casais não unidos pelo matrimônio, os concubinatos, as famílias chefiadas apenas por mulheres, pode-se ter a idéia equivocada de que a família extensa, patriarcal, matrimonializada e hierarquizada, era o único modelo de família brasileira. Não obstante ocupe o lugar de tradição no imaginário das pessoas, a maioria não tem correspondência com esse modelo de família representativo apenas em uma determinada região de um país com tamanha dimensão territorial, como o Brasil.

É o que tem demonstrado as pesquisas mais recentes, pois não apenas em São Paulo, mas também em Minas Gerais eram mais comuns as famílias com estruturas simples e menor o número de integrantes. Tudo leva a concluir que o panorama se repete para outras áreas, mesmo se considerarmos aquelas ainda não estudadas (SAMARA, 1993, p. 81).

No século XVIII, o pólo econômico não se concentrava exclusivamente nos engenhos de cana-de-açúcar do Nordeste, sendo que o comércio do ouro em Minas Gerais e do café no interior de São Paulo fazia dessas regiões pólos em franco crescimento econômico e populacional. Em torno desses pólos, a sociedade se organizava de maneira diferente do Nordeste, o meio urbano efervescia em pequenos negócios voltados ao abastecimento das capitanias, a vida rural era mais modesta, havia menos escravos e para suprir essa falta, há

²³ Trecho da música “Índios”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo.

uma grande migração dos homens para o campo, abrindo uma lacuna na cidade que passa a ser ocupada pelas mulheres (Samara, 2002).

Se não podemos considerar a família patriarcal como modelo único e tradicional de família brasileira, cabe aqui questionar também a representatividade da mulher na sociedade brasileira, como sendo a figura da esposa do patriarca, submissa a bordar. Mesmo que os valores patriarcais também façam sombra sobre dinâmica familiar de outras regiões do Brasil e a mulher não tenha tido seu valor, seus direitos, nem igualdade ao homem, reconhecidos pela sociedade, isso não foi capaz de apagar sua importância dentro da família, nem sua participação efetiva no desenvolvimento do Brasil.

Em pesquisas baseadas na documentação jurídica dos séculos XVIII e XIX, Samara (1987) assinala a contradição que parece existir entre o que pretendia a moral vigente e o que realmente acontecia na prática social: “[...] *de um lado, o casamento, a moral e a própria submissão e a castidade da mulher; de outro, o alto índice de ilegitimidade, a falta de casamento e a insatisfação feminina revelada nos testamentos e processos de divórcio*” (p.32). Apesar destas condições se revelarem cada vez mais frequentes na atualidade, parece-nos que as “*mães solteiras*”, as “*desquitadas*” e as “*moças desonradas antes do casamento*”, mulheres que foram estigmatizadas e tão discriminadas na sociedade moderna, sempre existiram ao longo da história.

Diferentemente da família extensa, patriarcal, que possuía muitas mulheres que se dedicavam à organização do lar, em outras regiões, o gerenciamento da família ficava a cargo da esposa, “*a dona da casa*”. Com a falta de mão de obra escrava, muitos homens trabalhavam nas lavouras e nas minas de ouro, outros ainda lançaram-se na aventura do bandeirantismo e como resultado, vamos encontrar muitas mulheres sozinhas tomando conta do lar, dos filhos, dos negócios e das propriedades, como considera Samara (1993):

Mulheres que por ausência do marido ou viuvez, zelaram pelo patrimônio da família, gerindo propriedades e negócios. Outras trabalhavam na agricultura e nas pequenas manufaturas domésticas, contribuindo para o sustento da casa. Sabe-se também que durante o bandeirismo, as matronas cuidaram da casa e também dos negócios e da lavoura nascente (p.58).

No século XIX, outros fatores vão evidenciar o trabalho e importância da mulher brasileira. A abolição da escravidão e a conseqüente falta de mão de obra nas fazendas de café estimulam o processo imigratório, sendo que nas famílias de imigrantes que chegaram a mulher se apresenta como força de trabalho ao lado do homem. Com o advento da

industrialização, a mulher se insere expressivamente no mercado de trabalho remunerado, nas fábricas e no comércio, contribuindo financeiramente para o sustento da família.

O que podemos entender, é que não obstante a mulher fosse considerada submissa, inferior e incapaz de exercer atividades masculinas, podia desempenhá-las de maneira tão satisfatória quanto os homens, e sempre teve um papel muito importante dentro da sociedade, assumindo efetivamente responsabilidades e atribuições consideradas como tradicionalmente masculinas. Nunca foi uma questão de falta de habilidade e capacidade, mas de oportunidade e crédito.

A despeito da falta de reconhecimento, quando nos lembramos de nossas antepassadas, das histórias que ouvimos de nossas avós e da vasta literatura pesquisada, é possível visualizar com clareza o real perfil da mulher brasileira. A história do Brasil nos apresenta mulheres que trabalharam e lutaram muito, desempenhando seus papéis de mãe e esposa dentro da família, cuidando e organizando o lar, trabalhando fora, ou na maioria das vezes, exercendo ambos, características que são observadas ainda hoje.

Como pudemos perceber instituir o modelo de família de papel feminino, comuns à casa grande dos engenhos canavieiros do nordeste como tradicional é um pensamento muito simplista, genérico e desconsidera outros tipos de famílias que se organizaram em outras regiões do nosso país (Samara, 2002). Na verdade, em um país com dimensões desmesuradas e tamanha miscigenação étnica e cultural, diversidade seria uma boa palavra para caracterizá-lo. Da mesma forma, podemos contemplar a família brasileira, caracterizada pela diversidade e pluralidade, quer seja na sua organização, configuração, ou nos papéis desempenhados por seus membros.

Mesmo considerando a diversidade e pluralidade da família brasileira, encontramos como paradoxo a necessidade freqüente de se eleger um modelo familiar que represente a sociedade, que ocupe o lugar do tradicional. Coelho (2003) considera que ao adentrarmos o século XX novamente se faz presente a necessidade “*de sintetizar a cena social em um modelo. O modelo dominante no Brasil estava associado à imagem de um casal e seus filhos vivendo sob o mesmo teto*” (p. 146). O autor se refere ao modelo nuclear de família, privatizado, no sentido de que se torna um lugar onde podem ser vivenciados sentimentos conjugais e filiais, baseados nos vínculos de consangüinidade, legitimados pelo matrimônio e assegurados pelo Código Civil Brasileiro, de 1916.

Embora o modelo nuclear do início do século XX apresente sinais de decadência do patriarcalismo, ainda nos parece que as dinâmicas destas famílias refletiam basicamente a

desigualdade social e de direitos entre homens e mulheres, ressaltando as diferenças de gêneros e impondo ainda uma hierarquia.

Nesse modelo de família, homem e mulher se percebem intrinsecamente diferentes, e esta diferença se cristaliza em sinais visíveis como o tipo de roupa, linguagem, comportamento e mesmo sentimento próprio para cada sexo. O poder do homem se apresenta como superior ao de sua esposa, esta superioridade se fundando na sua relação privilegiada com o trabalho fora de casa e no fato de que a expectativa de monogamia só é sistematizada em relação à mulher, e não vive-versa (FIGUEIRA, 1987, p. 15).

Assim como a família patriarcal, também a família nuclear não contempla a noção de modelo familiar tradicional, nem de perfeição. As diversas transformações do panorama familiar e o surgimento de outras configurações familiares, não devem nos sugerir noções de desvios, de disfunções, de desestruturação familiar, já que tais noções decorrem “*da presunção de ser o modelo de família nuclear o padrão por excelência de organização familiar e social [...]*” Silva (2004) ²⁴. Ainda segundo esse autor,

[...] a imposição da obrigatoriedade do exercício dos direitos reprodutivos apenas no âmbito do casamento transformou em tipos jurídicos os tipos sociológicos já existentes na cultura familiar brasileira, institucionalizando as figuras da mãe solteira, da concubina, da amante e do filho ilegítimo, constituindo então a base para um processo de discriminação social que classifica homens, mulheres e filhos a partir da forma como se organizam socialmente e de como são gerados.

Podemos perceber que durante muito tempo a sociedade olhou a família sob o viés da perfeição da família patriarcal e também da nuclear, o que colocou na berlinda outras e diversas formas de configurações familiares que sempre existiram e submeteu seus integrantes ao estigma do ilegítimo. Da metade do século XX em diante, o reflexo das transformações sociais colocam, efetivamente em discussão, os modelos irrefletidamente institucionalizados de família e a diversidade de configurações que na realidade se apresentam.

Procuramos trilhar nesse tópico um caminho que nos levasse a desfazer as fantasias que cercam muitos discursos que regulam as comparações sobre a família de antigamente e a contemporânea. Por causa da diversidade cultural e regional, talvez nem possamos generalizar e nomear um modelo familiar como tipicamente brasileiro. Quando nos voltamos para o passado e reconhecemos a pluralidade de organizações familiares existentes no nosso país, percebemos que a idéia de uma família de antigamente, tradicional, na verdade depende da correspondência de cada pessoa com sua ascendência. A idéia de família de antigamente,

²⁴ Texto disponível no Portal eletrônico do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. In: “A construção do direito à convivência familiar e comunitária no Brasil”.

portanto, é muito mais uma questão de herança familiar do que de padrão familiar brasileiro. Podemos dizer que: “[...] *não existe um único modelo de família, mas sim muitas famílias brasileiras*” (Coelho, 2005 *apud* Neder, 1994, p. 143).

Além disso, temos que considerar que a história do nosso país é marcada por significativos acontecimentos econômicos e sociais que vão transformar a sociedade e se refletir em constantes mudanças na organização das famílias e nas relações entre seus membros. Ao falarmos de uma instituição tão importante quanto a família, tais mudanças não são assimiladas tão rapidamente e carecem de reflexões. Contudo, o caminho talvez deva ser outro que não eleger a família de antigamente como melhor e culpar a família contemporânea pelos conflitos que vivenciamos na atualidade. Entendemos que a reflexão sobre a família brasileira contemporânea deva perpassar pela diversidade que a caracteriza e pelas mudanças que a acompanham.

2.3 - Mais mudanças no panorama familiar

♪ “Mudaram as estações, nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Está tudo assim tão diferente
Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o pra sempre, sempre acaba
Mas nada vai conseguir mudar o que ficou.” ♪²⁵

A família de meados do século XX traz como herança da efervescência dos acontecimentos sócio-econômicos dos séculos anteriores, um gradativo declínio do patriarcalismo, a perda de poder aquisitivo dos homens, a inserção cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho, o deslocamento de parte do poder da figura paterna para a figura materna. Camargo e Valente (2005), consideram que a transição de um modelo patriarcal para um modelo mais matriarcal de família, onde a mulher tem ampliada sua participação na manutenção da família, dividindo com o homem essa responsabilidade, “*abriu as portas para o que mais tarde se delineará como movimento feminista*”.

A mulher desde então, dedica-se à sua formação educacional, conquista espaços profissionais, melhora sua auto-estima, valoriza-se mais, descobre e investe em sua sexualidade. O advento dos métodos anticoncepcionais deu liberdade às mulheres de se relacionarem sexualmente em busca de satisfação, sem intenção de reprodução. A dependência que antes acorrentava a mulher a casamentos que não desejava e o medo de não

²⁵ Trecho da música “Por Enquanto”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo.

conseguirem criar seus filhos sozinha, cedem, e as uniões antes sólidas dão lugar às separações e divórcios, à busca por outros relacionamentos e às novas tentativas de realização emocional.

Em meio a tantas mudanças, o panorama da família se modifica ainda mais: surgem novas formas de configurações familiares, diminui significativamente o número de casamentos, aumentam o número de famílias reconstituídas, de uniões estáveis, de famílias monoparentais, principalmente aquelas chefiadas por mulheres (Berquó, 1998).

Diferente daquelas uniões, onde outros eram os motivos para se construir uma família, no mundo contemporâneo os casais levam muito em consideração a afetividade e sexualidade ao decidirem se unir. Giddens (2006) considera que a importância dada à intimidade do casal é de fato “*novíssima*” no mundo contemporâneo:

Hoje o casal, casado ou não, está no cerne do que é a família. O casal passou a se situar no centro da vida familiar à medida que o papel econômico da família declinou e o amor, ou o amor somado à atração sexual, se tornou a base de formação dos laços de casamento (p. 68).

Sendo o amor e a atração sexual fatores importantes na união de um casal, sugerem que haja uma correspondência, uma via de mão dupla, o que pode significar o sacramento da igualdade tão almejada. No mundo contemporâneo, é preciso que ambos desejem estar juntos, o que acontecerá enquanto houver amor, pelo tempo que a relação for prazerosa. Embora seja interessante ver inserido nos relacionamentos contemporâneos, sentimentos como o amor e o prazer, parece-nos lamentável que isso só tenha podido ocorrer com a conquista de igualdade econômica do casal dentro da família.

Apesar de todas as mudanças na cena conjugal e independente delas, a família ainda se orienta pela necessidade de criação dos filhos, de ministrar as noções destinadas à defesa da vida, ou seja, ensinar as habilidades psicofísicas que se vão formando nas crianças, ao longo do seu desenvolvimento até atingir a maturidade (Soifer, 1989). Aliar os sentimentos envolvidos na dinâmica do romance do casal à responsabilidade de criar os filhos tem sido o desafio de muitas famílias. Quando o casal fracassa no intento de conciliar seus romances e a criação seus filhos, nos deparamos com um quadro de crianças e adolescentes em risco, vítimas de abandono e de negligência, tanto física quanto emocional.

Em uma sociedade ideal, firmada em sólidos valores éticos, talvez nem fosse necessário que houvesse o Direito de Família, o Estatuto da Criança e do Adolescente e tantos artigos, tanto na Constituição, quanto no Código Civil, para regulamentarem e garantirem direitos que são primordiais, como o direito de toda criança e adolescente ter educação, saúde

e uma família. Na sociedade real em que vivemos, em um momento histórico permeado por guerras, violência e deficiência ética, todas as intenções de manter o direito básico do ser humano de ter uma família-alicerce-provedora é desejável.

As famílias dos séculos anteriores tinham os papéis de pai e mãe bem distintos. Nas famílias contemporâneas, os direitos e os deveres se dividem de maneira mais igualitária entre pais e mães, inclusive assegurados pelo Novo Código Civil (Lei N. 10.406, de 10-01-2002). O art. 1.630 assim determina:

“Art. 1.630. Os filhos estão sujeitos ao poder familiar, enquanto menores”.

Nota explicativa do artigo: “**Poder familiar.** O poder familiar consiste num conjunto de direitos e obrigações, quanto á pessoa e bens do filho menor não emancipado exercido em igualdade de condições por ambos os pais, para que possam desempenhar os encargos que a nora jurídica lhes impõe, tendo em vista o interesse e a proteção dos filhos”²⁶.

No antigo Código Civil (1916) se falava em *pátrio poder* e este era exercido pelo pai sobre os filhos, na forma de autoridade conferida pela providência do sustento. Entretanto, em caso de separação, geralmente a mãe é que teria preferencialmente a guarda dos filhos, assumindo assim o *pátrio*, com a ajuda financeira do pai na forma de pensão, ajuda financeira. Como pudemos perceber, com o novo Código Civil, o *pátrio poder* se transforma em *poder familiar*, que deverá ser exercido de maneira igualitária e simultânea por ambos os pais, em favor da proteção e manutenção dos filhos.

A saída da mulher para o mercado de trabalho, com as conseqüentes conquistas profissionais e pessoais, possibilitou que a mulher revisse seu papel de submissão ao homem, modificando sistematicamente o relacionamento do casal. No entanto, se a mulher conquistou seu lugar na sociedade isso não quer dizer que tenha conseguido igualdade de papéis. Quando a mulher assumiu seu papel profissional, uma lacuna se abriu no lar. Se antes a mulher era a principal responsável pela educação dos filhos, quem a substitui agora que ela precisa passar um período longe de casa trabalhando? Com os pais ausentes durante a jornada de trabalho, geralmente os filhos vão para escola e no outro período ficam com os avós ou algum parente, com babás, em creches ou escolas.

Quando o homem retorna para casa é comum que busque o descanso por um dia de trabalho. Já a mulher, quando chega do trabalho, encontra ainda pela frente o cumprimento de sua jornada complementar: organizar a casa, ver tarefas escolares dos filhos e dar atenção ao marido cansado. É certo que alguns homens já se aperceberam dessa injustiça e assumem ao

¹ Código Civil anotado / Maria Helena Diniz – página 1117.

lado da mulher a organização doméstica, a atenção e cuidado dos filhos. No entanto, tantos séculos de comportamento machista ainda faz sombra sobre o homem na atualidade e muitos ainda acreditam que a mulher deve assumir mesmo a tripla jornada, já que “*quis*” trabalhar e mesmo aqueles que a “*ajudam*” em casa, o fazem no sentido de “*contribuir*” com a mulher, nas atividades que acreditam serem suas funções. Ainda é difícil encontrar lares onde o casal tenha participação igualitária. A mulher, ainda sobre efeito do personagem da “rainha do lar”, muitas vezes sente-se culpada e ainda que estafada e sobrecarregada, tenta desempenhar as atividades que se espera dela: ser profissional, mãe e educadora, organizadora do lar, esposa e de mulher.

Essa disparidade é vivenciada pelas mulheres de forma bastante dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções. Um respeitável contingente de mulheres urbanas de classe média sente-se traído e iludido por estas promessas não cumpridas (JABLONSKI, 1999, p. 64).

No mundo contemporâneo, não basta mais que a mulher assuma o personagem de “rainha do lar”, agora é necessário que ela agregue a ele valores de “super-mulher”. É o que podemos perceber ao ver um comercial veiculado na atualidade, onde uma mulher que ao usar determinada marca de desodorante, assume super-poderes e anda pela parede externa de prédios, perfura o chão para entrar dentro do vagão do metrô, voa e flutua acima das cabeças das pessoas nas ruas. Tudo isso para ganhar tempo e dar conta de tantos afazeres. O curioso é ouvir no fundo a música que caracterizou um seriado de muito sucesso na década de sessenta, “A Feiticeira”, que era uma dona de casa que usava de magia para cuidar da casa e do marido. Parece-nos que isso reflete que naquela época a mulher já se sentia sobrecarregada.

Atualmente a situação é bem mais complexa. O papel profissional da mulher, a sua atuação nas questões financeiras da família, o estresse com a sobrecarga de atividades, as inseguranças do homem frente às modificações na redefinição dos papéis, são fatores que se não forem bem trabalhados pelo casal, gerarão conflitos que quando não resolvidos podem levar a muitas brigas e a separações.

Se por um lado vemos um aumento significativo de separações e divórcios, aumentam também os novos arranjos familiares, ou re-casamentos. Também viúvos e viúvas, ou ainda aqueles pais solteiros, que embora tenham tido filhos, nunca se casaram, ao se ligaram a outra pessoa darão início a uma nova configuração familiar. Outros fenômenos da sociedade contemporânea fazem surgir novos tipos de configurações familiares, que nos propomos a observar.

2.4 - Novas configurações familiares e outras nem tanto

♪ “Me diz por que o céu é azul?
 Explica a grande fúria do mundo
 São meus filhos que tomam conta de mim.
 Eu moro com a minha mãe,
 Mas meu pai vem me visitar
 Eu moro na rua não tenho ninguém.
 Eu moro em qualquer lugar.
 Já morei em tanta casa que nem me lembro mais.
 Eu moro com os meus pais.” ♪²⁷

Podemos entender as novas configurações familiares, como novas maneiras de organização dos componentes desse grupo. As crianças podem ser criadas pela mãe, ou pelo pai, sem a presença do outro genitor, pelos avós, por outro parente, por madrastas, padrastos, por dois pais, duas mães. Embora algumas configurações familiares sejam reflexos das transformações da sociedade contemporânea, outros não são na verdade novidade e demonstram que:

[...] por mais inusitadas que possam parecer certas expressões do indivíduo no grupo, ou mesmo do grupo em sua totalidade, elas certamente evidenciam novas roupagens ou diferentes arranjos e atualizações de experiências já vividas por outras gerações (PASSOS, 2005, p.11).

Alguns tipos de configuração familiar que observamos na atualidade sempre existiram, como os re-casamentos, também chamados de casamentos de segunda geração, ou o “morar juntos”, chamado hoje de uniões estáveis. O que percebemos de novidade nas novas configurações familiares são as maneiras de relacionamento entre seus membros, a redefinição dos papéis, comportamentos e situações novas que se apresentam como reflexos das mudanças sociais.

Encontramos hoje, várias configurações de família e para cada uma delas uma denominação. Vamos explorar algumas delas.

A *família nuclear* ainda é o tipo de configuração familiar mais comum (55,4%) e, segundo dados do IBGE (2000)²⁸, é o modelo hegemônico, predominante na sociedade brasileira. Vale pontuar aqui, que talvez as ferramentas utilizadas para aferir numericamente o tipo de organização familiar, possam deixar escapar particularidades e diversidades das configurações familiares e, por conta disso, apontem a família nuclear como modelo hegemônico, predominante em mais da metade das famílias brasileiras.

²⁷ Trecho da música “Pais e Filhos”, Legião Urbana. Composição: Dado Villa-Lobos / Renato Russo / Bonfá.

²⁸ Dados disponíveis no Portal eletrônico do IBGE.

A despeito de ser, ou não o modelo familiar predominante na sociedade, esse modelo familiar não é o mesmo de antigamente, já que reflete, sem dúvida, as transformações da sociedade e se constrói baseado em significativas mudanças, principalmente no que diz respeito à redefinição de papéis, na divisão mais igualitária de poder e responsabilidades, na liberdade maior dada aos filhos. Na área do Direito, já percebemos ações nesse sentido, principalmente com as modificações do novo Código Civil (2002), não obstante vários pontos ainda necessitem ser iluminados. No que se refere ao campo da religiosidade, embora muitos grupos acolham os novas configurações familiares, outros representados pelo catolicismo, ainda repudiam o divórcio.

É chamada de *família tentacular* (Kehl, 2003) e também de “*família reconstituída*” (Grisard Filho, 2003), aquela que se caracteriza pela convivência de um casal com os filhos vindos de relacionamentos anteriores, tanto do pai quanto da mãe e dos filhos nascidos desse vínculo atual.

As separações e as novas uniões efetuadas ao longo da vida dos adultos foram formando, aos poucos, um novo tipo de família que vou chamar de família tentacular, diferente da família extensa pré-moderna e da família nuclear que aos poucos vai perdendo a hegemonia (KEHL, 2003, p. 169).

Nesse tipo de configuração familiar, temos em cena personagens de atuação muito importante: os padrastos e as madrastas. O papel que esses personagens vão desempenhar é permeado por conflitos internos e outros que abarcam os relacionamentos com enteados, a família e a sociedade. Embora padrastos também enfrentem problemas, as madrastas parecem sofrer de maneira mais intensa os conflitos no papel que terá que desempenhar, por conta das mudanças de seu papel social e também pelas peculiaridades próprias do universo feminino.

Normalmente, uma mulher nasce como mãe no momento em que nasce seu filho, ainda que desde muito pequenas, as meninas se preparem para esse papel, como podemos ver nas atividades lúdicas com suas bonecas. No entanto, quando uma mulher nasce como madrasta, a criança já existe, assim como toda uma história familiar, costumes, modos de criação. Muitos conflitos podem surgir na convivência com enteados, quer seja em tempo integral ou em tempo parcial. O tempo de convívio dependerá do tipo de estrutura da nova configuração familiar. Na verdade, há muitas formas de ser madrasta nas novas configurações familiares. A autora considera que:

Isto se aplica a todas as formas de ser madrasta: em tempo integral, com os filhos morando na casa da madrasta e não mantendo contato com a mãe; em tempo integral com os filhos morando com a madrasta e visitando a mãe; em tempo parcial, com os filhos morando com a mãe e visitando a casa do pai e da madrasta; em tempo parcial, com os filhos morando com a mãe, mas passando a metade ou mais da metade do tempo com o pai e a madrasta; em tempo parcial, com os filhos tendo acesso livre e não determinado aos dois lares; e a situação em que a mulher conserva sua própria casa, mas passa grande parte do tempo com seu companheiro e os filhos dele, na casa dela ou na dele (SMITH, 1995, p.32).

Ao assumir o papel de madrasta, esta encontrará muito cedo situações adversas. A denominação madrasta já não ajuda muito, visto que a primeira sílaba, acrescida do som agudo, resulta em “*má*”, carregando assim a palavra de uma conotação negativa. Desde os contos de fada, as madrastas são as vilãs, aquelas que judiam e perseguem as mocinhas/enteadas das histórias. As mulheres como madrastas são as pessoas que chegam depois de um fracasso familiar, ou de uma morte e mesmo que não sejam responsáveis por esses fatos, são o símbolo vivo de que uma perda ou separação dolorosa aconteceu. Socialmente podem ser desvalorizadas quanto à sua efetiva função junto aos enteados. Não é raro que nas escolas se exija a presença da “mãe verdadeira”, como se a madrasta fosse uma mentira, um embuste. Legalmente, as madrastas não são reconhecidas e na ausência dos pais, os responsáveis naturais, quer seja por morte ou caso os pais decaiam do poder familiar, serão nomeados como tutores os parentes em linha reta (avós) e na falta desses, os parentes colaterais (tios)²⁹. Como podemos ver, o parentesco baseado em laços de sangue ainda parece ser mais valorizado, que o laço afetivo que se desenvolve entre enteados e os companheiros de seus pais. Fica claro que as mudanças que vemos no novo Código tentam reconhecer que a existência de outras dinâmicas familiares, no entanto, ainda não contemplam a importância das madrastas e padrastos, nem asseguram seus direitos.

Embora a madrasta não tenha direitos assegurados legalmente, socialmente espera-se dela que cuide bem de seus enteados, proporcionando-lhes proteção e educação adequadas, como se fosse a mãe. Contudo, normalmente acontece é que madrastas sintam-se e ajam como mães-substitutas. Muitas madrastas se esmeram em cuidar, educar e amar os enteados como se fossem seus próprios filhos, reproduzindo sua criação, os valores recebidos de sua família, somados a uma forma de educar que acredita ser a mais acertada. Suas intenções entram em choque com a maneira como essa criança foi criada antes pela mãe biológica, com os costumes da família de origem.

²⁹ Art. 1.731 do Código Civil - Código civil anotado / Maria Helena Diniz – 9. Ed. Revisada e atualizada de acordo com o novo código civil (lei n. 10.406, de 10-01-2002), págs. 1188 e 1189.

A afetividade e os cuidados despendidos pelas madrastas até podem ser bem recebidos pelos enteados, mas quando é preciso disciplinar, expor regras, não é raro que madrastas ouçam o fatídico: “*você não é minha mãe*”. Nesse momento, o enteado está expressando claramente que tem, no caso de separações ou abandono, ou teve, no caso de falecimento, uma mãe que o criou e que a madrasta é uma intrusa. A madrasta recebe tal afirmativa, como uma traição, como uma ingratidão e vê seu papel questionado. No caso das madrastas em tempo parcial, pode ser um pouco mais fácil e talvez pensem: “*Não sou mesmo a mãe, ela que ensine isso a ele*”. Entretanto, para aquelas madrastas que efetivamente criam seus enteados, quer seja pela perda, ou pelo pouco envolvimento da mãe biológica, a situação é ainda mais complicada e mulheres nessa situação podem viver estressadas, deprimidas e atormentadas por sentimentos de rejeição, de incapacidade e de culpa.

Uma outra figura tem sido cada vez mais vista nas novas reconfigurações familiares: o padrasto. Se antes, por motivo de viuvez, ou de separação, era mais comum o homem se casar novamente, hoje com o aumento das separações, muitas por iniciativa da mulher, e com a liberdade e desejo delas de se lançar em novos relacionamentos, o padrasto é figura cada vez mais comum. Diferente das madrastas, a figura do padrasto parece ser, a princípio, mais aceita socialmente. Não entanto, a relação padrasto-enteado, também está envolta em conflitos quanto à afetividade, à autoridade, aos ciúmes e a questões referentes a direitos e deveres. Podemos até perceber certa aura negativa, metaforizada pelo dito popular: “*Deus é pai, não é padrasto*”, uma clara alusão de que padrasto não é uma figura tão boa, nem deve ser melhor que o pai. Com as mudanças que envolvem as reconfigurações familiares, tem se tornado cada vez mais freqüente e comum as situações vividas com padrastos e a despeito disso, poucos são os estudos sobre a figura do padrasto.

A família tentacular apresenta uma dinâmica muito intensa e a convivência parece ser mais barulhenta e festiva, já que se juntam filhos de parentalidade diversa, com criações e hábitos diferentes. Não obstante, o clima possa ser de festividade, também podem existir conflitos nas relações dos filhos com os pais biológicos, com os meios irmãos, com madrastas e padrastos, reflexos de sentimentos de posse, de ciúmes, de mágoas não resolvidas. Quando o casal que se separou ainda mantém situações passadas pendentes, quando existem problemas de comunicação, ou financeiros e legais no presente, a tendência é que os filhos sofram e o mosaico das relações na família tentacular seja muito prejudicado. Tais sentimentos são até certo ponto esperados, dada a complexa teia relacional presente na família tentacular. Entretanto, se o antigo casal tiver uma relação de respeito, de cooperação e de diálogo, os filhos sentir-se-ão mais seguros e a convivência continuará barulhenta, agitada, dada a

complexa teia relacional presente na família tentacular, mas não necessariamente turbulenta e conflituosa.

Outro tipo de configuração é chamado de *família monoparental*, ou *uniparental*, onde apenas uma pessoa é responsável pelos filhos. Pontuamos aqui, que esse tipo de configuração familiar pode ser transitório já que há sempre a possibilidade de um novo rearranjo. Muitos são os motivos para a configuração desse tipo de família. Por motivo de viuvez, quando um dos pais falece e aquele que sobrevive assume sozinho a responsabilidade de criar os filhos.

Um outro fator que determina a monoparentalidade é desencadeado pelas gestações na adolescência, sem que haja casamento e por mulheres mais maduras que geram filhos sem serem casadas e que por um ou outro motivo são estigmatizadas pela sociedade sob o título de “*mães solteiras*”. Na atualidade, com avanço da ciência da fertilidade, com a conquista da independência financeira e possibilidade de adoção, muitas mulheres por opção e sem se importarem com rótulos, decidem atender ao desejo de serem mães, dispensando o homem como companheiro na criação de seu filho.

As famílias monoparentais também podem surgir após a dissolução de uma família nuclear, por conta de separações e divórcio. Tanto a mulher quanto o homem, não se sentem mais acorrentados às relações que não os satisfazem, simplesmente pela responsabilidade da criação dos filhos. No entanto, a extinção do vínculo do casal, não encerra suas responsabilidade como pais.

O poder familiar é indivisível, porém não seu exercício. Quando se trata de pais separados, cinde-se o exercício do poder familiar, dividindo-se as incumbências. O mesmo ocorre, na prática, quando o pai e a mãe em harmonia orientam a vida dos filhos (VENOSA, 2005, p. 36).

Mesmo quando os pais se separam, mantém-se, ou deveria ser mantido, o vínculo com os filhos. É de suma importância a participação de ambos, mesmo daquele que não detiver a guarda. Embora quando apenas um dos pais passe a ter a guarda, o outro não deverá deixar de conviver com os filhos, de participar da tomada de decisões no que se refere à criação, manutenção e educação deles. Ainda que a maior parte das famílias monoparentais seja chefiada por mulheres, no Novo Código Civil, a mãe não tem automaticamente garantida a guarda dos filhos. Muitos homens têm manifestado o desejo de serem os guardiões dos filhos e quando houver divergência nesse ponto, é direito de ambos requerer que a justiça delibere por uma solução, que sempre levará em conta o bem estar dos filhos.

A *família homossexual* é um tipo de configuração que se organiza em torno de pessoas do mesmo sexo que optam por um estilo familiar de se relacionar. É um modelo que ganha lugar na sociedade, na medida em que se conseguem vitórias contra o preconceito e a discriminação e se avança na luta por uma legislação que garanta os direitos dos cidadãos homossexuais. Muitos homossexuais se unem e desejam, quer seja pela adoção, quer seja pela fecundação *in vitro*, se colocarem nos papéis parentais (de pai e mãe). O “desejo de família” pode nos parecer um tanto contraditório se observarmos que a luta de homossexuais, tinha como bandeira o desejo de que fossem reconhecidos e que tivessem “direito à diferença” (Roudinesco, 2003). Parece-nos que à medida que a família se tornou um lugar mais arejado e mais distante da opressão patriarcal, pode deixar de ser rejeitada pelos homossexuais. Na medida em que os homossexuais vão assumindo seu lugar de direito na sociedade, também vão assumindo seu desejo e direito de constituir família. Do ponto de vista psicológico, é perfeitamente possível, duas mulheres ou dois homens serem base de uma família com filhos, já que “*se existir para a criança alguém que faça a função paterna e alguém que se encarregue amorosamente dos cuidados maternos, a família estruturará edipicamente o sujeito*” (Kehl, 2003, p.173). O importante para a constituição da identidade do sujeito, é que alguém tenha exercido a função de pai e mãe, de maneira que em seu imaginário exista essa referência.

No campo do Direito, muitas batalhas estão sendo travadas na busca por igualdade e na contemplação de situação das mais diversas que podem ocorrer com esse modelo familiar. Algumas dessas batalhas já prenunciam conquistas, como no caso da cantora Cássia Heller, morta em 2005, amplamente coberto pela imprensa. Cássia vivia um relacionamento estável de dez anos com sua companheira Maria Eugênia, sendo que criavam juntas o filho de Cássia. Com a morte da cantora, sem amparo legal, Maria Eugênia teve afastado de si o filho, lançando-se em longa batalha judicial que terminou ao ser reconhecido seu direito de mãe. Outro exemplo é o do casal de homossexuais da cidade de Catanduva, interior do estado de São Paulo, que após passar por todos os estágios de adoção, conseguiram pela primeira vez no Brasil registrar uma criança como filha de ambos. Embora no Código Civil Brasileiro, somente casais heterossexuais, ou homens ou mulheres solteiras possam adotar, o casal conseguiu que a certidão de nascimento fosse emitida como nome de ambos os pais. “*A decisão abre jurisprudência para que outros casais homossexuais consigam a adoção*”.³⁰ E é o que está acontecendo já que o mesmo jornal noticia que outro casal de homossexuais obteve

³⁰ In: Jornal “O Povo On Line”, <http://www.opovo.com.br/opovo/brasil/694692.html>

a guarda provisória de quatro crianças na cidade de Ribeirão Preto. São exemplos de conquistas, no entanto, muito há que se rever na legislação e na sociedade para que homossexuais possam vivenciar de maneira plena o direito e desejo de família, o que só poderá acontecer com uma real diminuição do preconceito e reconhecimento dos homossexuais como cidadãos iguais em direitos.

Na tentativa de mapear e definir a família contemporânea nos deparamos com a diversidade e com várias terminologias para a família, o que nos leva a pensar em qual modelo familiar nos encaixamos e se ele funciona melhor que outros. Na verdade não é tão importante o nome que se dá às novas configurações, ou novos arranjos, ou reconfigurações familiares. Ao deixarmos de lado as definições e a idéia da família ideal para contemplar as famílias possíveis, talvez encontremos substrato para discussões de soluções efetivas para os conflitos atuais.

Sendo o mundo contemporâneo caracterizado pela efervescência de mudanças, o novo desbanca o velho com rapidez vertiginosa. Quando falamos de uma instituição tão importante quanto a família, tais mudanças não são assimiladas tão rapidamente e as pessoas perdem muito de suas referências. Para subsidiar a sociedade, torna-se cada vez mais relevante o desenvolvimento e a divulgação de estudos e pesquisas que auxiliem no entendimento de como as famílias se organizam, analisando para além das definições e comparações, as dinâmicas relacionais, as qualidades dos papéis e os vínculos entre seus membros.

Na pesquisa que por hora apresentamos, esperamos contribuir com reflexões que possam auxiliar na discussão sobre a família contemporânea, entendendo a diversidade de vínculos, as relações entre seus integrantes, vislumbrando de que maneira as reconfigurações familiares dão suporte, motivam ou não, os projetos de vida das próximas gerações, representada pelos adolescentes, que são colaboradores e co-construtores dessa pesquisa.

III - O método científico

3.1 - O caminho que precede a escolha do método

♪ “Temos nosso próprio tempo...” ♪³¹

A importância de vários conceitos fica patente quando se inicia o processo de escolha do método científico. Na verdade esses conceitos precedem à escolha e é imprescindível que se tenha claro o percurso que a própria ciência vem traçando, as mudanças e influências que sofreu ao longo do tempo. É um caminho inevitável a percorrer, um caminho que nos confere muito aprendizado e que nos possibilita a reflexão sobre nosso papel enquanto pesquisadores e sobre a relevância de nossa pesquisa.

É do ser humano, e só dele, a capacidade de perceber problemas, observar e compreender os fenômenos que os criam ou sustentam, e propor análises e, quiçá, soluções para tais. Alguns indivíduos, mais que outros, se dedicaram mais a essa atividade, preocupados em sistematizar a observação e a análise dos problemas. A essa atividade mais sistematizada chamamos Ciência, e a esses indivíduos chamamos pesquisadores. Tendo se desdobrado em diversas ciências, cada uma delas com o seu próprio objeto de investigação, sua metodologia, seus pressupostos, seus procedimentos, a ciência só tem a ganhar com a vigilância da epistemologia, acreditando que essa lhe conferirá seriedade, “*mínima exigência para colocá-la a serviço da humanidade*” (Almeida, 1997, p. 16).

Embora a ciência tenha se multifacetado em várias outras, algo as mantém unidas sob um laço único que lhes confere o caráter de Ciência, a utilização de um determinado método de investigação. O método é base fundamental a qualquer pesquisa, a teoria que o orienta e os procedimentos intelectuais a serem utilizados formam o alicerce da pesquisa.

Entendemos a adolescência como um período de transformações principalmente psíquicas, sendo muitas delas inconscientes, consideramos que o método psicanalítico seria o mais indicado para nortear a coleta e análise de dados. Tal escolha baseia-se também na minha formação, em minha experiência profissional e em minha preferência pela teoria da Psicanálise. Busquei entender como conceitos utilizados na clínica psicanalítica poderiam ser utilizados no campo da pesquisa. Nesse processo foi necessário redescobrir a Psicanálise e lançar sobre ela um novo olhar, o de pesquisadora. A escolha pelo método psicanalítico deixou de ser uma decisão pautada apenas em minha preferência pela Psicanálise, pautando-se na consideração de que este método científico nos possibilitaria uma melhor compreensão do nosso tema, nos

³¹ Trecho da música “Tempo perdido”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo.

dando a oportunidade de durante o desenvolvimento desse trabalho crescer enquanto o pesquisado também cresce.

3.2 O método psicanalítico

♪ “Tenho os sentidos já dormentes,
O corpo quer, a alma entende.
Esta é a terra-de-ninguém
Sei que devo resistir
Eu quero a espada em minhas mãos.
Eu sou metal, raio, relâmpago e trovão.” ♪³²

A Psicanálise pode ser entendida como um método de investigação, uma teoria que o norteia e uma prática profissional, com técnicas próprias. O método de investigação psicanalítico, que é peculiar da clínica terapêutica, pode perfeitamente ser transportado para outros lugares, como a pesquisa, por exemplo. O próprio Freud demonstrou que a Psicanálise pode voar para além da clínica, quando analisou obras de arte, literatura, mitos e situações cotidianas.

Esse modelo se ajustará à pesquisa se for mantido o referencial teórico que orienta sua escuta, investigação e interpretação. Segundo Herrmann (2004, p.60), “*clínica e pesquisa estão separadas pelas técnicas respectivas, mas unidas pelo método*”. Entretanto, faz parte da conceitualização da produção universitária (científica) preocupar-se em fundamentar, justificar, contextualizar, recorrer à teoria de uma maneira diferente da qual se faz no dia-a-dia do consultório, por exemplo, deve-se manter certo rigor, o emprego dos conceitos deve ser pormenorizado, explicitados, tomando-se cuidado com a precisão com que se vai usá-lo. Mezan (2002), pontua que “*boa parte dos escritos de Freud faz avançar a psicanálise, tomando por tema fenômenos a que Laplanche chamou pelo termo muito feliz de extramuros*” (p. 419). Ainda segundo Mezan:

Na categoria extramuros cabem diversos tipos de trabalhos, [...] a elucidação do problema escolhido não visa diretamente uma intervenção terapêutica. Variam os métodos de colher os dados: entrevistas, pesquisa em textos, descrição de um fato social ou cultural -, mas a partir de certo ponto a tarefa do autor é idêntica em todos os casos: construir, com base em uma análise do material que ainda não é psicanalítica, mas formal, uma questão psicanalítica, de explorá-la em várias direções, de montar uma hipótese e sustentá-la, de ilustrá-la com exemplos apropriados [...] (2002, p. 428).

Tanto na clínica, quanto fora do “*setting*” terapêutico, na pesquisa, por exemplo, o objeto da psicanálise será sempre o inconsciente, é em busca dele que vamos quando

³² Trecho da música “Metal contra as nuvens”, Legião Urbana. Composição: Dado Villa-Lobos/ Renato Russo/ Marcelo Bonfá.

iniciamos um processo terapêutico ou uma pesquisa nos moldes psicanalíticos. O inconsciente compreende “*a gama de significados emocionais possíveis que se organizam segundo um fio condutor que batizamos de desejo, com tendência a se manifestar à consciência e daí ao ambiente*” (Silva, 1993, p 20). O inconsciente também é desejo,

e é melhor que assim se diga, designando por desejo essa área de procedência do discurso do paciente onde se organiza o jogo das emoções, à qual tem acesso interpretativo o analista, pela especificidade da escuta (HERRMANN, 1979, p.126).

Quando falamos sobre a investigação em Psicanálise, estamos falando da escuta peculiar, que privilegia o discurso do outro, nele faz poucas interrupções, se aparta de pré-conceitos e julgamentos, busca no discurso o conteúdo latente e aí, as manifestações do inconsciente. Também se faz importante o olhar do observador e sua maneira de se portar ante o sujeito. Segundo Rezende (1993), a participação do observador caminha para a situação analítica, onde “*a interpretação clínica faz-se em situação analítica, por meio da escuta e da transferência*”. A visão corrente de relação sujeito – observador, transmuta-se para sujeito – sujeito. O processo transferencial também acontece em pesquisa, dependendo do tempo e intensidade dos encontros entre o pesquisador e o sujeito, “*de qualquer modo, quando o pesquisador se debruça sobre o seu objeto, pensando psicanaliticamente, cria-se um campo transferencial*” (Silva, 1933, p.138).

A atenção flutuante, tão importante na situação terapêutica, também na pesquisa encontra sua grandeza, se pensarmos que o pesquisador pode influenciar o discurso do entrevistado. Por conta da resistência, muitas vezes o conteúdo latente, não é encontrado de imediato no discurso do sujeito, ele fica diluído em episódios que aparentemente não dizem nada sobre o que se passa em seu inconsciente. A atenção flutuante do pesquisador permite que o sujeito fale livremente, sem reconhecer naquele que o observa, sinais que o reprimam ou julguem. Quando o sujeito fala livremente, a resistência enfraquece e surgem os conteúdos latentes. Entretanto, se o pesquisador, expressar sua opinião, seus julgamentos, mesmo que de maneira não-verbal, por meio de uma mudança de expressão, de espanto, por exemplo, isso pode modificar o rumo do discurso do sujeito, ou simplesmente silenciá-lo.

Na coleta de dados para sua entrevista, o pesquisador que faça uso da atenção flutuante, terá para si muitos conteúdos que a primeira vista não se ordenam, não trazem uma resposta a seus questionamentos.

O pesquisador do método psicanalítico não deve se apressar em ir a campo, colher todos os dados que caírem na rede da atenção flutuante deve deixar que esses dados

repousem algum tempo em nossa mente, que deve suportar o acúmulo de estímulos e a ausência de significação. Ter paciência para esperar que o inconsciente faça seu trabalho [...] (SILVA, 1993, p. 24).

Somente ao fazer uso da interpretação é que poderá ordenar, encontrar um sentido para aquilo que é do sujeito, mas que nem ele conhecia por ser inconsciente.

Na pesquisa com método e referencial teórico psicanalíticos, a interpretação nos coloca em contato com o *pathos* do observado, não no sentido de doença, mas de exposição de seu inconsciente, de seus desejos, de seus mecanismos de defesa. Nesse contato, aprendemos com a experiência e na busca pela verdade, crescemos. “A interpretação psicanalítica visa à ruptura dos sistemas de referência provisoriamente explícitos, sobretudo daqueles mais rotineiros, para restituir a amplitude da verdade apenas possível” (Herrmann, 1979, p. 180). Cabe aqui dizer que a verdade em psicanálise é apenas relativa, subjetiva, não nos leva a soluções definitivas. Rezende (1993, p.118) utiliza uma metáfora de Bion: “[...] a verdade é a incógnita que sendo desconhecida, faz-nos pensar, mantém-nos vivos e esperançosos”.

Pesquisar com o método psicanalítico pode não nos levar a conclusões definitivas, mas propicia discussões. Na impossibilidade da devolutiva das interpretações, tal como acontece na clínica, o pesquisador coloca as interpretações em pauta para serem discutidas, não apenas pelos meios acadêmicos, mas por meio da publicação de livros, artigos, ou em palestras para a sociedade como um todo, buscando assim cumprir o papel da ciência, que é o de colocar a pesquisa a serviço da humanidade.

3.3 - Perspectiva Psicanalítica da família aplicada à pesquisa.

♪ “Este é o livro das flores
Este é o livro do destino
Este é o livro de nossos dias
Este é o dia de nossos amores” ♪³³

Embora ao construir a Psicanálise, Freud não tenha trabalhado em especial a família e os processos que se desenvolvem nesse grupo peculiar, podemos percebê-la a todo o momento como pano de fundo, como nos casos das históricas ou na própria construção da teoria do complexo de Édipo. É a partir dos relatos de seus pacientes que Freud percebe que nem sempre a família que é trazida para a clínica é a mesma que existe de fato. A família presente no discurso do analisado é, na maior parte das vezes, fruto de suas fantasias, de seus

³³ Trecho da música “O livro dos dias”, Legião Urbana. Composição: Renato Russo.

desejos e, por conseguinte, é esse discurso que nos leva ao trabalho do inconsciente, objeto principal da Psicanálise.

Por outro lado, quer seja no trabalho terapêutico, nas manchetes de jornais ou em simples observações, podemos constatar o quanto muitas famílias são mesmo desestruturadas, incontinentes, no sentido de que são negligenciadoras de suas responsabilidades para com os membros que a compõem. Tais fatos não escaparam à Psicanálise e, nas duas últimas décadas, muitos autores postulam ser possível uma *Psicanálise da Família*. Telles (2004), citando Nocetti, nos dá uma boa idéia do percurso que a *Psicanálise de Família* vem traçando até os estudos mais recentes.

Por exemplo, Ferenczi insistiu em privilegiar o trauma como decorrente de uma realidade factual, a contrapelo da corrente maior do pensamento psicanalítico. Essa postura permite observar a família não apenas como receptores projetivos da fantasia do paciente, mas como um grupo com dificuldades variadas em interação e com algo potencial patógeno para todos os seus membros. Essa linha de pensamento se desdobra em Balint na Inglaterra, em Abraham e Torok na França e é retomada por Kaës, em seus trabalhos sobre o transgeracional.³⁴

Além do transgeracional, o conceito do intergeracional é muito caro para nós nessa pesquisa, já que segundo o referencial psicanalítico, é de grande importância reconhecer que nas histórias das famílias muitos conteúdos são passados, transmitidos de pais para filhos, dos antepassados para o grupo familiar ao longo do tempo. A família é espaço de trocas constantes e para Kaës (2001), a herança intergeracional, quanto a transgeracional recebidas, têm lugar relevante, através da transmissão psíquica, na constituição do psiquismo de seus membros.

Para Kaës (1998), a herança que é transmitida de um psiquismo a outro é, *“preferencialmente, o que não contém, aquilo que não se retém, aquilo que não se lembra, como a vergonha, a falta, a doença, o recalçamento, os objetos perdidos e ainda enlutados”* (op.cit., p.09). No entanto, não apenas os conteúdos negativos são transmitidos. De uma geração à outra, são transmitidos *“aquilo que ampara e assegura a continuidade narcísica, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a conservação e complexidade das formas e da vida: ideais, mecanismos de defesa, identificações, certezas, dúvidas”*. (idem, p.09).

Podemos considerar que somos herdeiros dessa herança, antes mesmo de nascermos, já que no mínimo duas famílias e suas histórias nos precedem. Nas palavras de Kaës (2001),

³⁴ In: Psychiatria on line Brasil, <http://www.polbr.med.br/ano04/psi0104.php>, Janeiro de 2004 - Vol. 9 - Nº. 1.

[...] nossa pré-história faz de cada um de nós, bem antes de nascermos, o sujeito de um conjunto de intersubjetivo, cujos sujeitos nos têm e nos mantêm como servidores e herdeiros de seus “sonhos de desejos insatisfeitos”, de seus recalamentos e de suas renúncias, na malha de seus discursos, de suas fantasias e de suas histórias (p.13).

É como se ao nascermos, nosso nome fosse inscrito na primeira linha livre de um livro. Acima do nosso nome, inscrevem-se tantos outros e em cada um deles são anotados lembretes, coisas que não foram realizadas, mágoas, injustiças, méritos, pactos de lealdade, que reunidos contam a história de nossos antepassados. Schutzenberger (1997) chama esse livro de “*o grande livro das contas da família*”.

Na verdade, se quisermos usar tal metáfora, devemos imaginar que ao nascermos, nosso nome é inscrito, não em um, mas em dois grandes livros, já que por meio do par formado por nossos pais, nos tornamos herdeiros das histórias de cada uma das suas famílias de origem.

Antes mesmo do desejo de família, em verdade a partir do encontro do casal, existem estruturas inconscientes que já delineiam uma organização familiar. Eiguer (1985) considera que são três os organizadores fundamentais do relacionamento familiar: *a escolha do objeto*, que consiste na escolha inconsciente do parceiro conjugal com base nas experiências edípicas; *o eu familiar*, investimento emocional de cada membro da família, representado pelo sentimento de pertença que lhe permite reconhecê-la como sua; *a interfantasmaticização*, ponto onde convergem os fantasmas individuais de cada membro, fantasmas comuns a cada integrante, desejos convergentes, transmissão psíquica. É um processo inconsciente que cria um espaço de trocas de histórias e de relatos referentes à própria história de cada membro da família, bem como de seus ascendentes.

Compreender o indivíduo implica em também conhecê-lo dentro da família, com sua organização peculiar, um espaço onde transitam conteúdos transmitidos, partilhados, crenças e histórias que se vão contando e recontando, criando assim uma mitologia familiar. Segundo Eiguer, “*o mito familiar é definido como um relato, uma história, implicando um conjunto de crenças partilhadas por toda família, eventualmente transmitidas há gerações*” (1995, p.142). Essencialmente os mitos são constituídos de conteúdos inconscientes, uma forma de relato que nos remete as fantasias sobrepostas àquilo que não se quer, ou não se pode falar.

A Psicanálise como método de investigação deve ser considerada, no que tange as pesquisas que envolvam sujeitos, suas famílias e a teia de processos inconscientes que os ligam, evidenciados pela transmissão psíquica e pelos organizadores familiares. Freud já demonstrou desde o final do século XIX, que a verbalização é a essência da psicanálise, já

que, além do conteúdo manifesto, apresenta um conteúdo latente, possibilitando, através da interpretação, acesso ao inconsciente.

Na pesquisa com o método psicanalítico é possível a utilização de vários instrumentos que possibilitem esse acesso, tais como registro de sessões psicoterápicas, testes projetivos de personalidade, entrevistas e até interpretação de produções artísticas e literárias. Em pesquisas que envolvam o sujeito e sua família, um instrumento muito interessante é o genossociograma, como nos mostra Schutzenberger:

O genossociograma permite uma representação sociométrica (afetiva), calcada na árvore genealógica familiar, com suas características de nomes, prenomes, lugares, datas, sinais, vínculos e principais acontecimentos da vida: casamentos, mortes, doenças graves, acidentes, mudanças de moradia, ocupações, aposentadoria. O genossociograma é uma representação da árvore genealógica comentada (genograma), posta em destaque por setas sociométricas, por diferentes tipos de relações do sujeito, com vistas a seu desenvolvimento e aos vínculos entre as diferentes personagens: da co-presença, da coabitação, da coação, das díades, dos triângulos, das exclusões... (1997, p.19).

Quando falamos sobre a investigação em Psicanálise, estamos falando da escuta peculiar, que privilegia o discurso do outro, nele faz poucas interrupções, se aparta de pré-conceitos e julgamentos, busca no discurso o conteúdo latente e aí, as manifestações do inconsciente. Herrmann (1999) considera necessário que haja

[...] em primeiro lugar uma disponibilidade ilimitada a deixar que surja aquilo que pode vir a ser significativo, para então o tomar em consideração, não emprestando sentido antes que este apareça e não o reduzindo depois às formulas conhecidas. Em segundo lugar, que se pratique a arte da interpretação. Esta consiste em interpretar com o paciente, não em interpretar o paciente [...] (p 13).

A escuta psicanalítica, bem como a atenção flutuante, possibilitam um afrouxamento da resistência do sujeito, que ao falar de seu grupo familiar, deixa entrever o processo de transmissão psíquica de conteúdos antes não notados. Durante a construção do genossociograma é possível perceber emergir muitos conteúdos latentes, mas é durante a análise e interpretação do material construído que o pesquisador vai recolher um rico material, são os símbolos, os “*não-ditos*”, os segredos de família, as “*coincidências*”, os mecanismos de defesa, os “*não percebidos*”.

Na pesquisa com método e referencial teórico psicanalítico, a interpretação nos coloca em contato com a exposição do inconsciente do sujeito, de seus desejos, seus mecanismos de defesa, mas também de suas fantasias sobre suas relações com seus pais, irmãos e outros parentes. A interpretação de um fato no método psicanalítico, não é a explicação de situações observadas, mas sim revelar algo que a própria realidade não havia

observado, tem o objetivo de romper com o conjunto de informações temporárias que estão às claras, principalmente os mais habituais, para refazer a amplitude da “*verdade apenas possível*”. Para Herrmann (1979), a interpretação psicanalítica terá valor de verdade “*quando produzir um sistema de rupturas do campo significativo que, verticalmente, mantenha coerência*”. Descobrir a veracidade dos fatos relatados é muito menos importante que interpretar e desvendar os mecanismos que são utilizados pelo sujeito para vivenciar as relações familiares e traduzi-las em uma vida psíquica saudável, ou não.

3.4 - Organização da Pesquisa

3.4.1 - Os colaboradores da pesquisa

Foram escolhidos como colaboradores desta pesquisa, adolescentes que estão cursando o 3º ano do Ensino Médio Público, com faixa etária média de 17 anos. Chamamos de colaboradores ao invés de sujeitos, pois é da convivência com esses adolescentes, e é também do eco de suas vozes que surgiram os questionamentos que levaram a essa pesquisa e que a direcionam em grande parte desse trabalho. A escolha por adolescentes que estão cursando o 3º ano se deu por considerarmos que seja nesse período, o último ano do Ensino Médio, que o adolescente esteja ainda mais mergulhado em suas angústias e incertezas quanto ao futuro. A escolha do adolescente de escola pública se baseia no fato de que ele não tenha como caminho certo a universidade, fazendo da construção de seus projetos de vida uma tarefa ainda mais complexa.

Os colaboradores desta pesquisa são alunos das salas onde ministro aulas de Psicologia no ano letivo de 2007. Foram escolhidos por meio de uma das atividades de sala de aula onde deveriam construir um genograma de suas famílias. Foram selecionados alguns genogramas que apresentavam uma configuração diferente daquela chamada família nuclear. Alguns adolescentes foram convidados a participar desta pesquisa, depois que lhes foram explicados os objetivos desta. Embora todos tenham mostrado interesse, alguns não puderam aceitar por trabalharem ou estudarem nos períodos em que não estavam na escola. Uma das adolescentes, mesmo se encontrando nessa situação, aceitou participar. Os adolescentes que aceitaram, submeteram-se (por serem menores de idade) a aprovação dos pais por meio de assinatura de termo de consentimento (em Anexo). Os pais dos colaboradores consentiram na

participação de seus filhos e autorizaram o uso dos dados coletados, exclusivamente para essa pesquisa.

3.4.2 – Objetivos

Objetivo principal

Entendemos que o processo de adolecer não ocorre apenas internamente e de maneira isolada, sendo sensível às influências externas, em especial do grupo familiar. Considerando que o cenário familiar contemporâneo apresenta mudanças em sua dinâmica, organização e definição de papéis, entre outras particularidades, nos questionamos sobre a influência desse cenário no processo de adolescimento, no momento em que os adolescentes estão construindo seus projetos de vida.

O objetivo principal do trabalho consiste em investigar como o adolescente, quando inserido em novos arranjos familiares, vivencia o processo de adolecer e como constrói seus projetos de vida.

Objetivos secundários

Partindo da premissa de que o legado transmitido de um psiquismo a outro dentro da família é parte fundante do processo de construção da identidade do indivíduo, objetivamos investigar como a transmissão psíquica acontece no cenário familiar contemporâneo e as possíveis influências no processo de adolecer e na construção dos projetos de vida do adolescente para o futuro.

3.4.3 – Coleta de dados

A coleta de dados aconteceu em dois momentos. Primeiro, foi feita uma entrevista com o sujeito para construção do “*genossociograma*” de sua família. Essa entrevista ocorreu em uma sala na própria escola onde os colaboradores estudam. Em um segundo momento, considerando a riqueza de conteúdo a que o professor de Psicologia tem acesso, optamos por utilizar também como procedimento metodológico a atividade “*Uma carta escrita no futuro*”. Essa atividade foi aplicada em sala de aula para todos os alunos, como previsto no Plano de Ensino da disciplina Psicologia, sendo que aquelas escritas por nossos colaboradores, foram separadas e aqui usadas como material para análise. Consideraremos, a seguir, sobre os procedimentos metodológicos escolhidos.

3.4.4 – Procedimentos utilizados

Genossociograma

Consideramos que a construção do genossociograma nos permitiu visualizar e entender a constituição da família em que o adolescente está inserido. Tendo como objetivo entender como o adolescente constrói seus projetos de vida dentro dos novos arranjos familiares, buscamos com a construção do genossociograma, identificar influências, pressões e expectativas. Também nos interessa saber, como se dá a transmissão psíquica, os ditos e os “não-ditos”, frente à convivência com pessoas de vários parentescos e outras que não são parentes, mas que pela proximidade também transmitem de alguma forma conteúdos.

Utilizamos como instrumento para a construção do genossociograma entrevista com roteiro semi-estruturado que focava, em especial:

- Constituição da família, a começar pelos avós.
- União dos pais.
- Separação dos pais.
- Configuração da família atual.
- Agrupamento de pessoas que vivem no mesmo lar.
- Relação com os membros da família: pais, irmãos, meio irmãos, padrastos e madrastas, avós e outros.
- Nascimentos, mudanças de cidade, ou residência, mortes, doenças significativas.

Para construção do genossociogramas, utilizamos alguns sinais gráficos baseados em Schutzenberger, (1997), para melhor visualização das relações:



Uma carta escrita no futuro.

Essa atividade tem sido usada nas salas em que ministro aulas de Psicologia no Ensino Médio, já há alguns anos, com o intuito de que os alunos falem de seus projetos de vida. É pedido para que cada aluno escreva uma carta para um professor com que ele tenha tido aula, com a data de dez anos à frente, contando o que faz, em que trabalha, se namora, se constituiu família, enfim, como é sua vida.

Podemos considerar essa atividade como uma técnica projetiva, já que ao escreverem os alunos “entram na brincadeira”, usam de imaginação, vencem a resistência, o pessimismo e projetam seus desejos, planos e sonhos, deixando que assim se conheça seus projetos de vida. Utilizaremos essa atividade como procedimento na presente pesquisa, acreditando que nos fornecerá um material rico, que nos auxiliará no entendimento de como o adolescente tem construído seus projetos de vida.

3.4.4 - Referencial teórico

O método psicanalítico será o referencial teórico que norteará a escuta, coleta e análise dos dados, como já discutimos em um capítulo anterior.

Na coleta de dados, usando da escuta própria desse método, fizemos poucas inferências, deixamos que o sujeito falasse livremente e o quanto quisesse. Com o intuito de construir um rascunho do genossociograma, foi confirmado ao final da entrevista dados como nomes e idades.

3.4.5 - Da questão ética

Os colaboradores participantes desta pesquisa foram esclarecidos sobre o que era mestrado, o que era dissertação e qual a importância de se fazer uma pesquisa. Foi-lhes explicado que suas identidades, bem como a de seus familiares, seriam mantidas em sigilo, garantido pela troca de nomes. No caso dos colaboradores, eles mesmos escolheram os nomes a serem usados na pesquisa.

O termo de consentimento para participação de menores em pesquisa, foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FAMEMA – Faculdade de Medicina de Marília. O termo de consentimento encontra-se em Anexo.

Com base no termo de consentimento, foi explicado aos pais sobre o resguardo da identidade de todas as pessoas mencionadas no material coletado, bem como o direito de retirarem a autorização da participação de seus filhos em qualquer momento da pesquisa.

Não foi oferecida qualquer ajuda de custo aos colaboradores e suas famílias, já que não houve despesas de nenhum tipo.

A entrevista foi gravada em arquivo WAV, transportada para o computador e, posteriormente, transcrita. Foi assegurado aos pais e sujeito que todo material, gravado ou escrito, ficará de posse desta pesquisadora pelo prazo de cinco anos, sendo que após esse período será destruído.

3.5.4 - A devolutiva

Alguns dos pais e colaboradores manifestaram desejo de obter o produto final desta pesquisa. Segundo o método psicanalítico, a devolutiva é de fato muito importante, pois contribui para o crescimento.

Em pesquisa, por estarmos fora do “*setting*” terapêutico, nos deparamos com a impossibilidade da devolutiva individual das interpretações feitas sobre os dados fornecidos pelos colaboradores destas pesquisas. Ao mesmo tempo, por uma questão ética que se baseia no entendimento do desejo, do direito dos pais e dos colaboradores e da relevância de uma devolutiva, nos propomos, ao término desse trabalho de pesquisa, promover uma palestra na escola para os colaboradores, outros adolescentes, seus pais e outros adultos. Esperamos, desta forma, que a oportunidade de devolutiva de nossa pesquisa possa contribuir para reflexões acerca dos adolescentes, seus projetos de vida e suas famílias, cumprindo assim, o papel da ciência, que é o de colocar a pesquisa a serviço da humanidade.

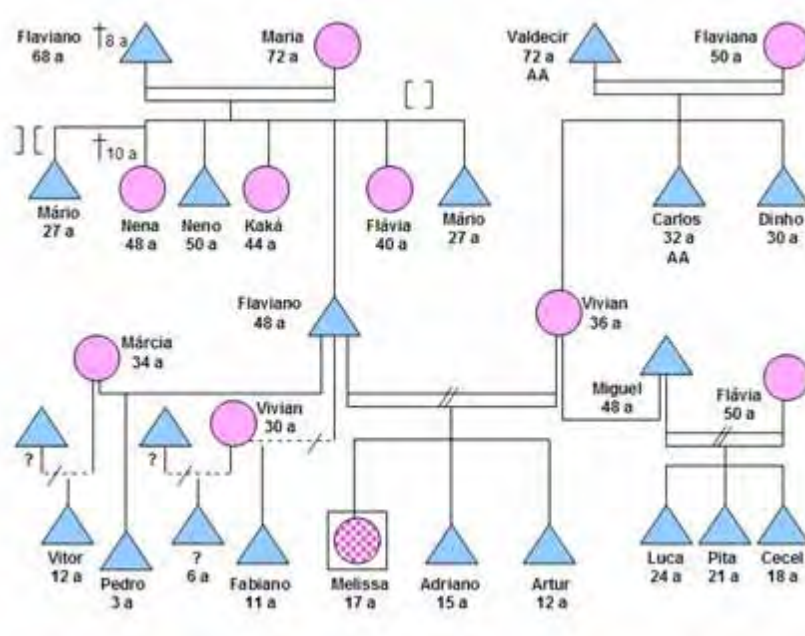
Capítulo IV

*“E nossa história não estará pelo avesso
Assim, sem final feliz.
Teremos coisas bonitas pra contar.
E até lá, vamos viver
Temos muito ainda por fazer”* ³⁵

4 - Apresentando a história dos adolescentes.

A história de Melissa

Genossociograma Familiar de Melissa



Melissa é uma adolescente de quase 17 anos. Cursa o 3º ano do Ensino Médio e faz curso técnico de auxiliar de enfermagem em uma escola particular na cidade vizinha de onde mora, onde também faz estágio supervisionado em um hospital. Mora com a mãe (36 a), o padrasto (48 a), e os dois irmãos (15 e 12 a). O pai (48 a) mora em outra casa, na mesma cidade com a nova companheira (34 a), seu filho (4 a) e o enteado (11 a).

Sobre o casamento de seus pais, nos relata que ficaram casados por oito anos e então se separaram. Antes de se separarem brigavam muito, por conta das traições do pai e das agressões físicas e verbais de ambos. A mãe não tomou a iniciativa da separação antes, porque

³⁵ Trecho da música “Metal contra as nuvens”, Legião Urbana. Composição: Dado Villa-Lobos/ Renato Russo/ Marcelo Bonfá

sua filha era muito apegada ao pai e porque todos eram muito ligados à família dele. Apesar de a mãe saber das traições, já que os encontros do marido com outras mulheres aconteciam em lugares públicos da cidade, nunca tomou nenhuma atitude por rezear escândalos. Se a mãe os temia, Melissa não, e já que a mãe nada fazia, ela fazia. Em várias ocasiões, Melissa viu o pai com outras mulheres e reagiu com agressividade, batendo, mordendo e puxando os cabelos das acompanhantes de seu pai. Por várias vezes os pais se separam temporariamente.

A separação mais séria se deu depois de uma briga em que o pai bateu na mãe e a trancou dentro de casa. Melissa, que chegava a casa com uma tia, viu a rua cheia de gente e a mãe tentando sair por uma janela sendo ainda agredida pelo pai. A tia tentou intervir, a Polícia Militar foi chamada e levou seu pai pra delegacia. Dessa vez a mãe disse não suportar mais e ante a negativa do marido em sair de casa, juntou os pertences seus e de seus filhos e mudou-se para a casa da mãe. Depois de um ano morando na casa da avó, conseguiram uma casa em um conjunto habitacional recém construído. Nessa época o pai sai da antiga casa, aluga-a e como a mãe não aceitasse o filho morando lá, vai morar na nova casa com os filhos e a ex-mulher. Nessa casa o pai de Melissa dorme em um colchão na sala, enquanto os filhos dormem no quarto com a mãe, pois ninguém gostava mais dele. Mesmo separados, embora vivendo sob o mesmo teto, os pais de Melissa continuam a brigar muito, até que ele entendeu que não há mais jeito e resolve alugar uma casa para morar sozinho.

Por um tempo, mesmo morando em outra casa, o pai visita os filhos com frequência e então começa a se afastar. Um dia aparece em casa, brinca com os filhos e a com filha que tinha acabado de ganhar um cachorrinho e os convida para conhecerem sua casa. Chegando lá ele comunica que está morando com outra mulher. A reação de Melissa é de descontrole e agressividade. Entra na casa, xinga a mulher, quebra pratos e copos, grita que não vai sair de lá e expulsa a nova companheira do pai de sua casa. Melissa fica na casa três dias, sem tomar banho e se alimentando pouco. Vários familiares tentam falar com Melissa sem resultado. Até que a avó conversa com ela, relembra as coisas ruins que haviam passado com o pai, lhe diz que ela tem seguir com a vida e que o pai ainda vai depender muito dela. Melissa cede e volta pra casa da mãe.

Depois de um tempo, uma trégua é dada e as duas famílias parecem interagir bem. O pai e a madrasta passam a frequentar a casa dos filhos e esses passam os finais de semana na casa do pai. A madrasta e a mãe de Melissa convivem bem e ela trata os enteados com carinho e atenção. A mãe de Melissa começa a namorar e ela e o namorado saem junto com o ex-marido e a nova companheira, numa relação de amizade. Viveram desta forma, em paz por três anos.

Em uma discussão com a sogra que está doente, a madrasta de Melissa “estoura” e diz não agüentar mais os enteados, que comem muito feito porcos e ameaça a sogra que se ela contar pra alguém a mata. A sogra, conta então para Melissa, que chora muito e vai à casa do pai. Lá joga pedras na casa, xinga a madrasta de falsa, se atraca com ela e rolam pelo chão. A mãe de Melissa é avisada e chega para separar a briga. Como a mãe de Melissa não bate, ela bate. A briga toda é presenciada pelo filho (12 a) da madrasta de Melissa que chora muito.

A trégua termina e os filhos se recusam a ir à casa do pai, mas saem juntos para passear, sem a presença da madrasta. O pai se muda para uma cidade próxima e vem menos visitar os filhos, que passam a ir para a casa do pai nos finais de semana. No início, Melissa se recusa a ir, mas depois cede e por um tempo fica tudo em paz.

Segundo Melissa, o pai presenteava os filhos no Natal com uma roupa e um calçado e nessa época começa a implicar com a filha, criticando as roupas curtas e sapatos de salto alto. Nos finais de semana em que ia visitar o pai, ele reclamava e implicava muito com ela, que voltava pra casa da mãe chorando. A mãe até a orienta para não ir mais, mas Melissa tem esperanças que o pai via mudar e que na próxima visita será diferente e que ele irá tratá-la melhor e lhe dizer algo de positivo, o que não acontece.

Embora a madrasta tenha pedido desculpas pelo episódio com a avó e tente tratá-los como antes, a relação entre ela e os enteados não é recuperada. Eles não ligam para as coisas que ela faz, a provocam de propósito, fazem pirraça para que ela tenha motivos para reclamar deles. As discussões acontecem com frequência e então os filhos resolvem não ir mais a casa do pai e da madrasta. O pai se muda com a família para uma outra cidade próxima e se distancia mais ainda dos filhos, vindo vê-los de três em três meses. Nessas visitas, Melissa reclama que o pai dava dez reais pra cada um e não queria saber de suas necessidades, acreditando que a pensão de duzentos e cinquenta reais paga à ex-esposa para ajudar a criar os filhos era suficiente.

Segundo Melissa, os irmãos sentem muita falta do pai, mas ela, não. O irmão menor sente mais a falta do pai, porque só tinha um ano quando os pais se separaram e também porque gostam das mesmas coisas, como pescar. Quando o pai vem, leva o filho pequeno pra pescar. Embora ela diga que não se importa, fica muito chateada, pois acredita que o pai não liga pra ela. Nesse ano ela esperou a semana toda que o pai se lembrasse de seu aniversário e como ele esqueceu, chorou e ficou muito magoada, vingando-se dele na próxima visita recusando-se a vê-lo e dizendo que não tinha pai. Como retaliação, o pai se nega a dar um de seus dois celulares pra filha, que não tinha nenhum e precisava, por estudar em outra cidade.

O padrasto é quem lhe compra um celular, por ficar indignado com a atitude e descaso do pai dela.

Melissa diz não sentir saudades do pai, não desejar e não aceitar que ele e a mãe vivessem juntos hoje, acreditando que sua vida seria pior, que teria menos liberdade, já que o pai tem muito ciúme dela. Reclama muito do ciúme do pai, que é manifestado como se ela provocasse os outros, o que a ofende já que julga não fazer nada de errado. Embora o pai manifeste ciúmes, não conversa com a filha o que a magoa muito. Essa mágoa é expressa ao pai através de inúmeras cartas que escreve e desabafa, cobrando atenção e questionando a falta de afeto e apoio do pai, e a ausência de frases como “eu te amo, eu te adoro” Ela acredita que o pai sente algo ao ler as cartas, mas não sabe demonstrar, já que nunca comentou nada sobre elas. Melissa diz que evita conversar com o pai, pois sempre brigam muito e ela sempre se magoa e chora por qualquer coisa que ele lhe diga. Diz que não sente mais respeito nem carinho de pai por ele e que pra ela, pai é quem cria.

A mãe e o padrasto (48 a) estão juntos desde 2002. Embora nunca tenha gostado dos outros namorados da mãe e tenha dado muitos escândalos, Melissa aceita bem desde o início esse namoro. A mãe tenta esconder o namoro, mas depois de queimar dois bolos de chocolate e de pedir socorro ao amigo, Melissa desconfia e na segunda vez autoriza que ele durma lá. Depois de dois anos de namoro, ele vai morar com eles. A mãe então descobre que ele a trai, perde o controle, bate nele, manda-o embora. Ficam separados, mas voltam. Melissa descobre que o padrasto ainda sai com a outra mulher e o obriga a contar pra mãe, que reage com violência, ameaçando-o com uma faca. Nesse momento chega a amante dele, que ameaça a mãe de Melissa. Defendendo a mãe, Melissa bate na amante do padrasto, machucando-a. Melissa e o irmão também batem no padrasto machucando-o. A mãe e o padrasto ficam separados por sete meses, embora ele peça várias vezes para voltar, o que Melissa não aceita. O padrasto então chama Melissa para uma conversa, diz que considera ela e os irmãos como seus filhos, que podem contar com ele como um amigo, pede perdão. Melissa permite que ele volte. Desde então, o padrasto e a mãe vivem bem, ele faz todos os gostos dela, compra muitos presentes. O padrasto também trata muito bem Melissa e os irmãos, compra coisas pra eles, levá-os onde precisam, conversa, dá conselhos, não dá broncas, mas orienta e se preocupa. Melissa o respeita, conta sobre seus problemas pra ele, que é mediador entre ela e a mãe. Segundo Melissa, ele é um bom pai para os três filhos do primeiro casamento, (24 a, 21 a, e 18 a) e se dá bem com todos, com o pai dela e com seus irmãos. Melissa se dá muito bem com os filhos do padrasto, principalmente com o caçula. Os filhos do padrasto frequentam a casa de Melissa e se dão muito bem com a madrasta, que gosta muito deles. Melissa frequenta

a casa dos filhos do padrasto e tem amizade com a mãe deles, o que provoca o ciúmes da mãe, que diz que Melissa gosta mais do bolo de chocolate dela.

Melissa conta que não há mortes significativas na família, mas do lado da mãe há dois casos de doença. O avô (72 a) e o tio (32 a) sofrem de alcoolismo há bastante tempo. Na verdade quem sofre mais é a avó (50 a) que cuida de ambos e que segundo Melissa, ainda vai matar o filho, por não agüentar mais. Embora o tio seja alcoólatra, Melissa manifesta gostar muito dele, achando engraçada as situações em que ele se envolve durante a bebedeira.

A relação de Melissa com a avó materna é de muito afeto e ela busca apoio, colo e “*comida boa*” na casa dela. O avô paterno já é falecido, mas Melissa se dá muito bem com a avó paterna e resume que suas duas avós são tudo pra ela.

Segundo Melissa os conflitos familiares a marcaram muito, pois lhe faltou muita coisa, uma estrutura que não teve, fazendo com que ela apreendesse a dar seus passos sozinha, acreditando que para sua idade ela viveu muitas coisas que outras pessoas da idade dela não viveram. Diz que a falta de apoio do pai e as magoas que guardou, fizeram com que ela tivesse que tomar seu próprio caminho, segundo a sua cabeça, porque ela queria crescer, independente de apoio. Melissa nos diz que a família que teve não vai influenciá-la na hora de construir a própria diferente de maneira negativa, mas que quer que seja diferente da que teve.

Embora a mãe a apóie e seja tudo pra Melissa, o seu desejo é mostrar para ela, para o pai e para madrasta que ela é capaz, quer retribuir a mãe por tê-la criado sozinha e mostrar que não precisou do pai. Para Melissa, a madrasta já viu que ela é capaz, pois no estágio atendeu bem seu filho doente. A relação da mãe com o padrasto a influencia de maneira positiva.

Profissionalmente, Melissa quer ser psicóloga e diz sempre ter desejado isso e nunca ter se visto fazendo outra coisa, a não ser teatro, mas prefere Psicologia. Manifesta desejo de ajudar as outras pessoas, que gostam de conversar com ela e acham que ela tem uma cabeça boa e sempre quis que o seu melhor, o que conseguir, o que ela for boa e capaz, puxar para o lado profissional. Não tem interesse por nenhuma outra profissão liberal e acredita que o estudo é tudo.

A relação com os irmãos recentemente melhorou. Melissa relata nesse momento, que o pai teve um filho (11 a), com outra mulher (30 a, mesmo nome da mãe) enquanto era casado. Essa mulher e o filho moram no fundo da casa da avó paterna. Melissa e a mãe nunca tiveram raiva dessa mulher, sempre tiveram pena dela, pois ela foi enganada, por ser uma pessoa simples, “da roça”. Melissa tem bom relacionamento com o irmão, morre de pena e se

emociona ao falar dele, pois diz que o pai nunca deu conforto pra ele e que se ela já sofreu imagine ele.

Ao falar dos irmãos, Melissa precisa contar nos dedos quantos são. Pois considera os filhos do padrasto como irmãos também. Melissa acredita que sua família é a mais doida que existe e acha muito engraçado tudo que acontece e as festas que reúnem todos.

Melissa sente-se preparada para entrar no mundo adulto há muito tempo, pois teve responsabilidades desde pequena, já que a mãe trabalhava muito. Não quer ter família, mas pensa que depois e ter carro e casa, gostaria de adotar dois meninos com a mesma idade, um negro e um branco, para ensinar todas as coisas da vida, dar do bom e do melhor, mostrando a realidade. Diz que nunca foi discriminada, a não ser por ser gordinha, o que a fez sofrer muito. Hoje diz não sofrer mais, pois sempre fica com quem quer e acredita por causa do seu lado simpático e engraçado. Quando tem insegurança, entra no quarto e escreve. Manda cartas pra mãe para se expressar.

Sobre a educação que teve, Melissa acredita que foi satisfatória e que já a ajuda no curso que faz e que não faria feio no primeiro ano da faculdade. Gostaria de já estar fazendo faculdade e sente-se preparada.

Complementando seu relato, Melissa conta que o pai só resolveu ser pai há oito meses, quando o irmão (15 a) usou cola e a mãe descobriu. A mãe se desesperou, chorou muito e descontou toda frustração nos outros filhos. Melissa diz entender o irmão, mesmo sabendo que foi errado, pois ele é fechado e sentia falta de atenção, pois ninguém conversava com ele. A mãe contou para o ex-marido que conversou com o filho e passou a dar mais atenção para os filhos, vindo buscá-los, para passear. Ela diz não se ressentir coma atenção que o pai tem dado aos irmãos, mas se emociona ao dizer que mesmo não querendo ir, fica esperando que o pai a convide e quando ele não o faz ela chora e fica magoada, mas sempre é consolada pela mãe e pelo padrasto.

Por fim, Melissa nos diz que é feliz, pois embora pareça acontecer de tudo na sua vida, ela tem muita coisa, não só material e que a família que tem é louca, mas todos tem carinho, tem amor.

A carta escrita por Melissa em 2017.

Scrap deixado na página de recados do Orkut da ex-professora.

27/05/2016

Oi, tudo bem querida?

Nossa te esperei ontem e nada de você aparecer.

Estou ferrada! Essas matérias do último ano da faculdade estão me matando.

Estou sem crédito e sem tempo, então estou deixando esse scrap.

Me liga, ou me deixa recado no orkut, me falando quando virá aqui pra Campinas, me ajudar a estudar tudo isso! Só você mesmo pra me explicar melhor.

E só você mesmo pra me agüentar, sempre indecisa como desde o colegial. Uma estudante de Psicologia do último ano de faculdade, maluca, chorona e sem namorado!

Me liga, temos que nos encontrar para eu acabar de falar do “Carlinhos” lembra? De Franca, 22 anos, que me busca na faculdade de sexta, que eu te contei. Lembra?

Não demora pra responder, não!

Beijos querida...

Dá um beijo na Gabi também, e fala que depois vou fazer o bolo de chocolate dela. Beijos.

2 anos depois!...

27/12/2018

Oiiii!

Quanto tempo. Estava me recordando de você como sempre, e resolvi escrever essa carta, á muito tempo não nos vemos, desde 12 de janeiro! Formatura da faculdade! Oh ano bom, a turma td, folia, muito bom!

Deixa eu fla um pouco sobre mim agora. Bom to na msm. Desde o dia que te contei td o que tava fazendo.

To c/o meu consultório aqui em Campinas ainda. Nossa to trabalhando muito, tenho que ir e voltar td dia p/ Sumaré...a casa está daquele jeito, sem tempo, sozinha em casa, só comendo bobeira! Sem sair! De casa pro trabalho, do trabalho pra ksa. Mas até que enfim, mês que vem vou pegar férias para poder concluir o meu projeto na cidadezinha de Barrinha. To com um projeto novo lá, trabalhando c/ jovens de rua e com famílias carentes. O ultimo fez um sucesso, se espalhou pela região! Fikei até conhecida. To fazendo palestras tbm nas escolas, falando de sexo, drogas, famílias e confusões na adolescência.

Nossa me lembro como se fosse hj! Eu tinha 16 anos, 3º colegial, era gordinha, e vivia reclamando da minha vida, minha família, das minhas duvidas c/vc. nas suas aulas. Você foi uma amiga, um anjo, foi + que uma psicóloga. O que seria de mim hj se não tivesse ouvido aqueles conselhos! Bastou eu parar e pensar e tudo foi mudando, minha mãe começou a me entender, afinal também comecei a compreendê-la.

Td foi dando um jeitinho. Acabei o técnico em enfermagem naquele ano. 3 meses depois comecei a trabalhar no Netto Campelo, pq o HC ainda não estavam contratando. Depois de 2 meses, me chamaram tbm no HC, tava trabalhando das 06 ao 12:00 e da 13:00 as 19:00, saia correndo, pegava o e ia pra faculdade! Nossa tava pagando faculdade sozinha, durante dois anos, muito puxado. Sai de um emprego, minha mãe aposentou e me ajudou a pagar o restante! Mas tinha os dias de glória! Altas festas, no fim de semana, muitas viagens,

muitos paqueras. Mas nunca me envolvi c/ + ngm! Resolvi dar férias ao meu coração por um tempo! Tô + madura, + confiante! Cresci muito, vi que só trabalhando msm pra aprender a dar valor em tudo que minha mãe dizia. O hospital mexeu muito comigo! Adoro tbm o que faço. To acabando de pagar o Fox que dei pra minha mãe no fim do ano retrasado. Tadinha, merece, né! E muito +. Sempre foi td pra mim, me deu td, me fez crescer. Amo muito ela.

Fui juntando meu dinheiro todo mês! Mesmo difícil consegui. Comprei minha ksa já, aqui em Sumaré, é pequena, mas é bem confortável, do jeitinho que eu falava que queria.

Esse fim de semana estava td mundo aqui. Vieram ver como ficou o “meu consultório”. Minha avó chorou até, ficou emocionada, até lembrou falando: - Quem diria aquela menina que ã saia da rua, pequenininha, levada, cresceu e tá assim: do jeito que ela sonhou e conquistou, tem agora td que sonhou. A família td vai bem.

Os último retoques do consultório vou acabar agora, segunda. Mas se Deus kiser atéo mês que vem tá tudo funcionando. Tô com bastante clientes, desde que lancei meu livro “educando jovens”, que vendeu + do que eu esperava. Aqui em Campinas o mercado de trabalho é muito bom, tem como se estabilizar. Saí do hospital assim que me mudei pra k e já consegui trabalho em uma escola e tbm vou começar atender no consultório.

Mas e você? A Gabriela deve estar grandona néh? E a Lisa, já ã deve ter + ciúmes da Gabi como antes. Falta + um baby pra completar o trio, mas tem que fazer outro chá de bebê daquele!

Já faz um mês e pouquinho que fui p/ Barrinha, Sertãozinho, mas não ,e esqueço de vc, não, amiga. Sempre te quis muito bem! Afinal foi vc que me ensinou td da vida, a vê-la de outra forma, me incentivou a ir longe, buscar oque eu gostava, estava do meu lado qdo precisei muito, sempre me apoiou, me ajudou a fechar várias gestalts na minha adolescência. E quem diria que eu, 28 anos, morando em Sumaré, tenho meu próprio escritório, meu carro, minha casa. Adoro meu trabalho e estou sempre ajudando quem precisa. Quero acabar logo esse projeto e tirar umas boas férias. E vou correndo te visitar, to com muitas saudades. E fala p/o Eduardo que quando for aí, quero outro jantar daqueles que só ele sabe fazer, já que vc não cozinha lá tão bem, né? Avisa as meninas que vou levar o bolo de choc. Delas que eu estou prometendo há meses. Manda elas aqui pra casa no fim de semana, já que desde qdo casou ão conseguiu + namorar como antes, né? Me dá um sinal, liga, manda e-mail, ok?

Beijos amiga!

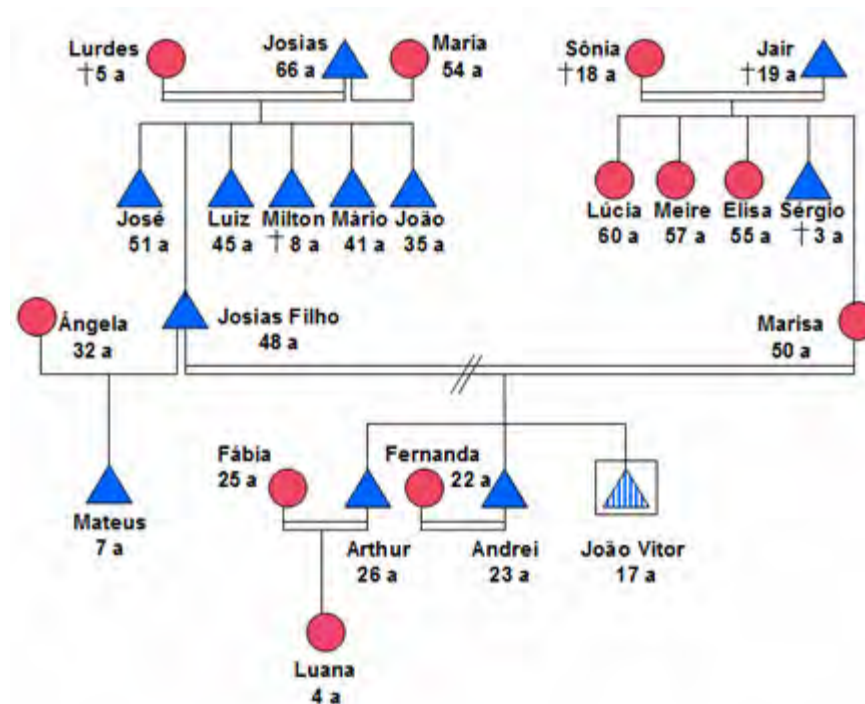
Grande abraço!

Saudades de quem um dia pode te chamar de professora.

Melissa.

A história familiar de João Vítor

Genossociograma Familiar de João Vítor



João Vítor tem 17 anos, cursa o 3º ano do Ensino Médio, onde é o representante de sala e faz um curso de Introdução à Filosofia aos domingos. Mora com a mãe (50 a). Tem dois irmãos (26 a e 23 a), que são casados e moram com as esposas (25 a e 26 a) em outras casas. O irmão do meio de João Vítor mora com a esposa no fundo da casa da mãe de João Vítor. O irmão mais velho tem uma filha (2 a). Os pais de João Vítor são separados há cinco anos. O pai (48 a) mora com a nova companheira (32 a) e seu filho (7 anos), em uma cidade vizinha.

João Vítor nos relata que os pais foram casados durante 25 anos. No dia do aniversário de 13 anos de João Vítor, os pais reúnem os filhos e comunicam que decidiram se separar. Embora os pais tenham tido uma briga feia dias antes, a notícia pega a todos de surpresa. Todos os anos por ocasião de seu aniversário, João Vítor relembra o momento em que recebeu a notícia da separação de seus pais.

João Vítor diz que o quando os pais fizeram bodas de prata foi um momento muito especial, o momento mais feliz do casamento, pois houve missa e o padre abençoou a união deles. Logo depois um vizinho conta para sua mãe que o marido tem outra mulher e que diz que vai trabalhar na outra cidade, mas na verdade vai se encontrar com a amante, com quem tem um filho. A mãe confronta o pai de João Vítor, ele não nega e decidem se separar.

Embora a mãe aceite a separação, entra em depressão. Os filhos sofrem muito mais por causa da “*doença mental*” da mãe, do que pela separação.

A relação do pai com o filho mais velho e com João Vítor é razoável, mas ele não conversa com o filho do meio (23 a), nem por telefone. Segundo João Vítor, o pai judiou muito do irmão (23 a), sem nenhum motivo, apenas por que o pai é chato. A relação de João Vítor com o pai era mais próxima durante a infância e segundo João Vítor, o pai sempre foi muito apegado a ele. João Vítor diz ter sentido muito a separação no começo, mas que pensando bem, viu que estavam melhor sem ele. Atualmente João Vítor diz que está bem e que só fica mal no dia dos pais, mais do que no dia do seu aniversário.

Recentemente o pai ligou para a mãe de João Vítor e chorando pediu para voltar, pois a atual companheira não está cuidando dele, que está doente, com trombose e talvez precise amputar os dedos do pé. A mãe não aceita, pois sofreu muito com a separação e agora que está recuperada, não quer voltar. João Vítor concorda com a decisão da mãe, pois acredita que estão muito melhores sem o pai, que judiava muito deles.

Por causa da doença do pai, João Vítor, os irmãos e a mãe sempre iam visitar o pai e tratavam bem a nova companheira, até que um dia, ela liga para o sogro e diz que não os quer mais na casa dela, que se eles aparecessem iriam apanhar. Desde então, em represália, a madrasta está proibida de pisar na cidade pelo avô, pela nova companheira do avô, pela mãe, pelos irmãos de João Vítor e pelo próprio marido.

A despeito da madrasta não ser bem-vinda na cidade, o filho dela com o pai de João Vítor é muito querido por todos. João Vítor nos conta que quando ele vem com o pai visitá-los, fica na casa de João Vítor e o pai na casa do avô. Os irmãos gostam muito do menino e a também a mãe de João Vítor, que cuida muito bem dele quando ele está em sua casa.

Os avós maternos faleceram antes do nascimento de João Vítor, primeiro o avô e logo em seguida a avó. A avó paterna faleceu logo depois da separação dos pais de João Vítor e ele diz ter sentido muito a perda dela, pois ela era muito boazinha. João Vítor nos conta que na semana seguinte ao falecimento da avó paterna, o avô comunica que está namorando. A precocidade do novo relacionamento do avô sugere que este já existia enquanto a avó de João Vítor era viva. O avô e a nova companheira estão juntos até hoje e João Vítor a chama de “vô”.

João Vítor diz não ter vontade de ter uma família e que está decidido a ir embora para o seminário no ano que vem, pois tem vocação para ser padre. Diz que não vai sentir falta de namorar, que já namorou, mas não gostou, pois mulher “*pega muito no pé*”, não deu certo. Em seguida, João Vítor diz que vai fazer diaconato, e que aí poderá ter família, se um dia tiver

vontade. João Vítor tem muitos amigos, e duas amigas mais próximas. Nos finais de semana sai com os amigos para as “baladas” e no domingo vai à missa, pedir perdão dos pecados cometidos no final de semana.

Profissionalmente quer ser professor de Teologia, ou de Filosofia. Atualmente faz um curso aos domingos de Introdução à Filosofia, para conhecer sua aplicação na Igreja e está gostando muito. Acredita que a situação da educação é muito difícil, pois o Governo diz que está bom, mas muitos alunos terminam o 3º ano do Ensino Médio despreparados. Relata o caso de um amigo, que chegou à faculdade empolgado, achando que tiraria só dez, mas tem tirado muitos zeros. João Vítor acredita ter aproveitado bem a escola e que levará uma boa bagagem para a faculdade, que não fará feio no primeiro ano, pois além de ter se dedicado à escola, lê muito. Diz que chegando à faculdade, até poderá não ser um aluno nota dez, mas nove ou oito, com certeza.

A carta escrita por João Vítor em 2017.

Para: Clarice

Oi professora, tudo bem? Quanto tempo que nós não se encontra nas ruas da cidade. Como estão suas aulas, e a escola? Que saudades.

Eu aqui estou bem, graças a Deus e a muitos professores. Estou dando aula de filosofia e teologia em uma faculdade particular e estou pensando em fazer até diaconato.

Estou morando com minha mãe em Jaboticabal, estou com uma vida sucecada, ajudando muitas crianças da escola e pretendo fazer um projeto para tirar muitas crianças da rua e por na escola.

Mas estou bem, nossa estou com saudade da escola que me ajudou a ser alguém na vida, e muitos ainda não dão valor na escola que tem.

Bem, espero que nós nos encontremos ainda por aí.

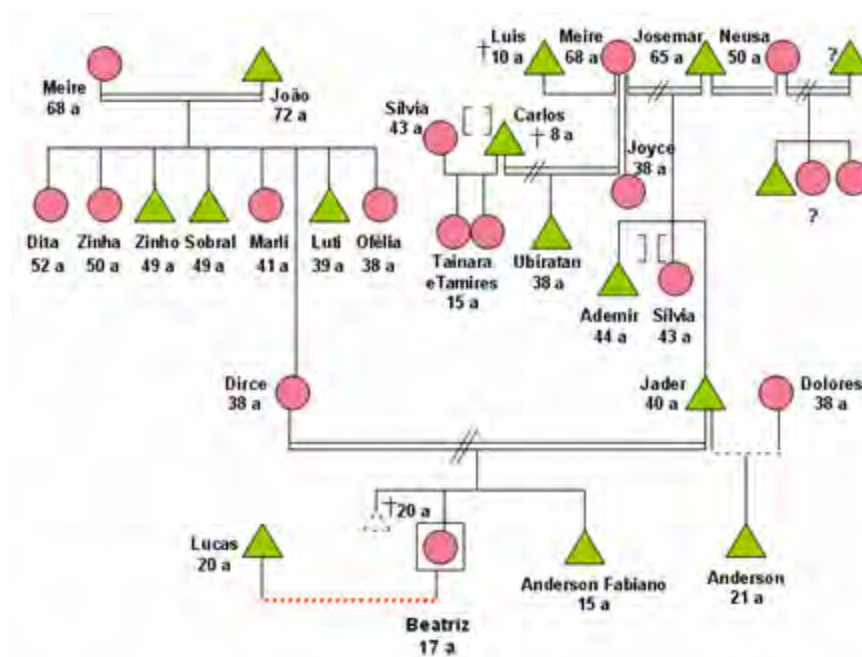
Obrigado.

Tchau!

João Vítor.

A história familiar de Beatriz

Genossociograma Familiar de Beatriz



A história de Beatriz

Beatriz tem 17 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio e trabalha vendendo produtos de beleza por catálogo. É uma moça meiga e sorridente. Mora com os pais, a mãe (38 a), o pai (40 a) e o irmão (15 a). A família assim reunida no lar caracteriza um modelo nuclear, com pais e filhos morando na mesma residência. No entanto, a família de Beatriz apresenta um diferencial na situação conjugal de seus pais, que embora morem na mesma residência são divorciados.

Construir o genossociograma familiar de Beatriz exigiu um pouco de cuidado, dada à teia de relações familiares e romances na família paterna. Beatriz admite que ela mesma tenha dificuldades para entender.

Os avós paternos são separados e o avô é casado novamente há 16 anos e Beatriz tem muita afeição por ela, embora não tenha muito contato com eles. A primeira mulher de seu avô, mãe do pai de Beatriz casou-se novamente, (quando a filha Silvia tinha 5 anos) com Carlos (falecido há 8 a) e tiveram um filho (38 a). No mesmo ano nasce a filha da avó de

Beatriz, fruto de um relacionamento extraconjugal. A avó de Beatriz e Carlos decidem se separar doze anos depois. Carlos não aceita a separação e acontecem muitos episódios de violência, sendo que Carlos chega a incendiar a residência da avó de Beatriz. Carlos só aceita se separar se puder levar com ele a enteada de 14 anos, a avó de Beatriz permite que ele leve a filha em adoção. Pouco tempo depois, Carlos e a enteada passam a viver como casal. Mais tarde eles têm filhas gêmeas (15 a). A avó se casa outra vez, vive alguns anos com esse homem, mas se separa. Beatriz diz que depois desse homem a avó não morou com mais ninguém, só namorou.

Depois de descrever a história familiar do pai, Beatriz então começa a contar sobre a união dos pais. Conta que antes dos pais se casarem, o pai tinha tido um filho (21 a) com outra mulher. A mãe de Beatriz engravida e seus pais se casam. A mãe de Beatriz sofre um aborto. Dois anos depois, nasce Beatriz e quando ela tem 2 anos nasce seu irmão. Beatriz diz que aproveitou muito pouco o trono, pois aí veio o irmão e todas as atenções se voltaram para ele.

Sobre o casamento dos pais, Beatriz nos relata que tiveram problemas desde o começo, pois o pai era muito ciumento e machista, não deixava a mulher usar maquiagem, cortar cabelo, sair sem ele. Quando ela desobedece, ele fica violento e a espanca. Vários são os episódios em que os filhos presenciam o pai espancar a mãe. Beatriz fica sempre muito assustada, muito mais com a tortura psicológica que o pai faz, dizendo o que vai fazer à mãe. Tanto o pai, quanto a mãe, batem e castigam Beatriz por coisas sem importância, trancando-a no banheiro por meses. Beatriz costuma ficar fora do banheiro só quando está na escola. Além de ser testemunha da violência contra a mãe, Beatriz é alvo dela e nos conta que passou a infância toda aterrorizada com medo de apanhar. A mãe muitas vezes, passa de vítima a agressora, gerando em Beatriz sentimentos ambivalentes de pena e revolta.

A mãe tenta se separar, mas segundo Beatriz, ama demais o marido e sempre volta. Eles mudam de casa várias vezes e o pai passa a beber cada vez mais. As agressões aumentam e ficam cada vez mais frequentes. A mãe começa a reagir, Beatriz não gosta que a mãe bata no pai. Preferia que eles batessem nela. Beatriz vive um cotidiano de violência em sua família e vive aterrorizada com a idéia do pai “*pegá-la*”.

Ao perceber o terror da filha, a mãe finalmente decide separar-se e consegue uma ação judicial para que ele saia da casa. Ele sai, mas fica em frente à casa. Beatriz continua aterrorizada com a presença dele. Um dia ele começa a passar mal dentro do carro e Beatriz tem medo que ele esteja morrendo. De maneira alguma ela quer presenciar a morte dele. Pede ajuda por telefone, no hospital se preocupa e se compadece da situação de seu pai. Ele deixa de beber por pouco tempo. O pai está morando na casa da mãe, mas se machuca e a mãe de

Beatriz com dó o leva pra casa, sem, contudo voltar a querê-lo como marido Assim que ele melhora, volta a beber e as brigas voltam a acontecer.

Beatriz percebe que a mãe começa a mudar. Na medida em que ela começa a se impor e a se defender, começa a sair e a namorar, mas escolhe um traficante, que morre violentamente no Natal do ano passado. A mãe, além de se expor à uma vida de marginalidade, expõe também os filhos, em especial o menor. Beatriz nos conta que a mãe deixa de cuidar dos filhos e da casa. Beatriz se revolta com essa situação, pois diz que o irmão precisa de atenção.

A situação familiar na casa de Beatriz, atualmente mostra dois adultos, pouco responsáveis, uma adolescente, quase adulta, tentando se manter equilibrada e um outro adolescente com características de dependência e carência afetiva.

Beatriz namora há quatro anos, um rapaz que parece lhe dar a estabilidade que não possui em casa. Segundo Beatriz o diferencial é a família do rapaz, mais equilibrada e sabedora da sua responsabilidade de criar e educar o filho. Com o namorado (20 a) Beatriz tem planos para o futuro. O namorado já comprou um terreno e agora sonham e planejam a construção da casa própria. Ainda não pensam em ter filhos e se previnem.

Os planos de Beatriz sobre profissão e educação, são bem realistas e ela não ousa muito quando os projeta. Sabe das dificuldades de fazer uma faculdade, então traça um plano baseado em cursos técnicos que lhe possibilitem uma melhor colocação no mercado de trabalho. Educação e trabalho são vias de acesso para a concretização de seus projeto principal: ter sua própria família, uma família diferente da sua de origem, onde possa agir de maneira diferente dos seus pais. Seu sonho está no futuro, mas Beatriz não o perde de vista e quer trabalhar muito para realizá-lo.

A carta escrita por Beatriz em 2017 para um ex-professora

Oi,

Estou com 27 anos, minha casa já está construída, mas ainda não está do jeito que quero.

Se passaram alguns natais, algumas viradas de ano, e alguns aniversários.

Graças a Deus ainda estou com a mesma pessoa, passei por momentos difíceis, mas estou bem estou sem decidir o que fazer ou o que ser, não fiz nenhuma faculdade por enquanto, as coisas estão um pouco difíceis.

Acredito que melhore, hoje penso muito nessa professora por quem escrevo essa carta, a 10 anos atrás eu amava suas aulas.

Já estou casada mas ainda não tenho filhos. Pretendo ter um dia se Deus permitir.

Estou trabalhando como sempre aprendi a me virar com as coisas, estou ganhando pouco mas como já me disseram “antes pingar, do que secar”.

Amo muito todos a minha volta, como sempre amei.

Continuo sendo a mesma pessoa, mas sempre tem algo no meu psicológico que me atormenta.

Mas sou feliz acima de tudo. Não guardo rancores de quem um dia me machucou e me magoou.

Também não deixo no meu consciente as coisas ruins do passado e não esqueci tudo, apenas pego algo como um exemplo de vida para que daqui em diante eu não deixe acontecer o mesmo que aconteceu com pessoas que amo e amei muito.

Hoje olho para trás e consigo dizer que sou guerreira, que venci.

Quero que um dia meus filhos aprendam o melhor da vida.

Passaram-se 10 anos desde 2007, aquele ano foi bom, sofri, tive decepções e passei por algumas dificuldades e tristezas, mas aprendi a me levantar e anda sem que alguém me desse um empurrão primeiro.

Hoje posso dizer que venci e pretendo vencer cada vez mais.

Vou me despedindo, um beijo do fundo do coração.

Eu amo todos vocês que ainda estão comigo.

Bia.

Capítulo V

A análise dos dados

Melissa

Melissa aceitou prontamente ao convite para participar da entrevista, dizendo que gosta mesmo de falar. A entrevista parece ter sido um momento de catarse, de desabafo, haja vista, a gama de sentimentos expressados por ela durante suas falas. Várias vezes Melissa emocionou-se e chorou. Sua fala é rápida, detalha bem as histórias que relata e responde prontamente as perguntas referentes à história da família, demonstrando que as lembranças estão bem vivas em sua memória.

A história familiar de Melissa é composta por momentos dramáticos, confusões, escândalos e episódios de violência. Desde a infância, Melissa se envolve pessoalmente nesses escândalos, tomando a defesa da mãe, falando por ela, brigando no lugar dela. Em várias falas de Melissa é possível perceber um forte traço de onipotência, caracterizado pela fantasia de que é ela quem decide, autoriza, proíbe e resolve impasses:

*[...] A gente sabia que ele andava com mulher na rua, sabe, só que minha mãe não gostava assim de fazer barraco, essas coisas, **então o que ela não fazia, eu fazia.** Quantas vezes tinha a Choperia aqui e eu catava meu pai bebendo com outra mulher, nossa, derrubava cerveja na mulher, mordida... Nossa, professora, eu dei tanto trabalho.*

Depois da separação, quando o pai revela que mora com outra mulher, Melissa manifesta sentimentos de posse e ciúmes, que culminam em uma crise de revolta e na expulsão da mulher da casa do pai:

*[...] Ah eu não agüentei, aí já desci mais que imediato, entrei dentro de casa xinguei ela de biscate, quebrei os copos dela, rodava copo pra lá, prato pra cá, e ela: ‘calma, calma’, eu devia ter uns nove dez anos já, e o meu pai: ‘calma Melissa, não é assim’ e eu: **não quero saber, pode sair daqui.** E eu não saí da casa do meu pai. Ela ficou três dias sem voltar, mas ela já tava morando com ele, **ficou três dias sem voltar em casa por que eu falei que não ia sair.** Aí veio minha vó, minha tia, todo mundo conversar comigo e eu: **vocês podem fazer o que quiser, daqui eu não saio!** E não tomei banho. Fiquei três dias sem tomar banho, só comendo lanche. **Eu falei: eu não saio!***

Sua percepção é de que pelo menos durante três dias manteve o controle da situação. A situação se resolve após uma conversa com a avó paterna.

Depois de um tempo de relativa trégua, a madrasta ofende os enteados em uma discussão com a sogra, ameaçando-a de morte caso ela conte para alguém. A avó de Melissa, “só” conta para Melissa.

*[...] Parece uma coisa... Eu liguei para minha vó e ela disse: ‘Ô fia, você tá fazendo alguma coisa? Desce aqui pra você ficar com a vó’. Eu pensei: minha vó quer me falar alguma coisa. Aí ela me contou tudo. Eu tinha uns doze anos. Ah pra quê... eu não agüentei. Desci chorando. Cheguei lá com um monte de coisa, comecei a tacar pedra, rolei no chão com ela, falei um monte pra ela, chamei ela de falsa. Aí minha mãe ficou sabendo e desceu, tentou separar. **Minha mãe não bate, quem bate sou eu... Entendeu?***

O ciúme e possessividade também são direcionados à mãe. Melissa não aprova os namorados da mãe, mas quando a mãe começa a namorar o atual companheiro, Melissa desconfia, mas apóia. Também é ela que “autoriza” que o namorado da mãe durma pela primeira vez em casa:

*[...] Minha mãe queimou um bolo, transbordou, começou a pegar fogo, ela não sabia pra quem ligar, aí ligou pra ele. Aí eu desconfiei, né [...]. Aí um dia eu fui e perguntei: **você está namorando o Miguel? E dele eu dava o maior apoio, por que dos outros eu dava barraco.** Nossa, minha mãe passou tanta vergonha comigo, **não deixava minha mãe namorar, de jeito nenhum, nem o meu pai.** O meu pai só*

*saia com biscoito, minha mãe ainda sabia escolher, mas mesmo assim eu não queria. [...] Aí depois minha mãe assumiu que estava namorando ele, falou pra todo mundo. Aí um dia, ela foi fazer outro bolo de chocolate, ele estava lá em casa, aconteceu a mesma coisa. Aí eu falei que ia dormir e falei pra ele: **dorme aí Miguel**, minha mãe ficou olhando assim pra minha cara, e eu falei: **dorme aí**, assim você ajuda minha mãe acabar de limpar o fogão. **Aí ele dormiu...***

Diferente de sua relação com a madrasta, o padrasto e Melissa se entendem bem e ele ocupa o lugar de conselheiro e amigo. Apesar do bom relacionamento entre eles, quando descobre que o padrasto trai a mãe, Melissa sai em defesa da mãe, “*como sempre*”. O episódio é pontuado por violência e agressão da mãe, do irmão e de Melissa contra o padrasto. Nesse momento é possível entender que a família vivencia novamente o drama vivido antes da separação dos pais. No entanto, se antes, nos episódios e escândalos envolvendo os pais, a violência era dirigida às amantes, nunca ao pai, a mesma sorte não tem o padrasto, que apanha dos enteados, provavelmente por causa de seu deslize e por todos os cometidos pelo pai de Melissa.

Novamente, Melissa entende ser peça fundamental no desenrolar da separação e da reconciliação da mãe e do padrasto:

*[...] Foi aquele escândalo. Minha mãe separou, ficou uns sete meses sozinha. Aí eu falei: **agora eu não aceito mais, não aceito, não aceito, se ele voltar eu saio**. Ele ficou na casa da tia dele e aí voltaram. Eu descobri que ele ainda traía minha mãe. Nossa... montei com ele na van e fiz ele me levar num orelhão, dei o cartão pra ele e falei: **liga pra minha mãe e conta tudo na minha frente**. E **ele tinha medo de mim**, nossa... **não sei por que, mas todo mundo tem medo de mim!** Eles largaram de novo. Aí eu falei que não ia aceitar mais, não mesmo. Ele ia na porta de casa, eu chamava ele de cachorro. Aí teve um dia que ele pegou, parou a van e falou pra eu entrar, que ele não agüentava mais, que estava cansado, que tinha percebido que amava a minha mãe, ‘ó Melissa, eu sempre respeitei vocês, eu considero vocês muito mais que filhos pra mim, eu vou sempre estar do lado de vocês... chorou, chorou igual bebezinho. E eu: não quero saber, não tenho nada pra falar com você. E ele: **‘agora você é quem decide, o que você quiser, depende de você, é da sua cabeça’**.*

A possessividade, a onipotência, a superestima, são sentimentos comuns ao narcisismo infantil, característico de um período anterior ao período de latência, onde a busca do prazer se dava através da dominação e controle (Freud, 1905). Na adolescência, com a retomada da questão edípica e com a necessidade emergente de diferenciar-se do outro, ocorre um desinvestimento das figuras parentais e os pais, antes supervalorizados, passam a ser questionados, criticados. O sentimento onipotente volta a se intensificar, “*há uma extrema*

suscetibilidade à centralização em si mesmo, um auto-engrandecimento” (Ramos, 2006), numa tentativa de evocar algum controle em meio às mudanças vividas pelo adolescente.

A despeito do desejo que os filhos possam ter de que os pais permaneçam juntos, em verdade, nada podem decidir nos assuntos referentes ao romance conjugal. Ainda que a opinião dos filhos seja ouvida, também não podem escolher ou decidir os novos romances de seus pais após a separação. O sentimento narcisista e onipotente percebido de maneira marcante em várias falas de Melissa, manifesta seu desejo de ter alguma participação em momentos da vida familiar em que não pôde exercer controle algum. Podemos entender que o discurso onipotente de Melissa é também uma clara crítica aos pais pelo fracasso do casamento, pelas escolhas afetivas, mas, sobretudo à sua mãe pela falta de iniciativa, incapacidade de se defender e de tomar decisões.

Na adolescência, as figuras parentais devem ser confrontadas, para que se possa investir em novas relações objetais, fora dos limites da família. Ao expressar a fantasia de que tomou as atitudes que a mãe deveria ter tomado, Melissa evidencia sua percepção de que agiria diferente, caso estivesse na mesma situação. Essa percepção também é percebida no projeto de família que quer pra si:

[...] Eu acho que pelo que eu vivi, a família só vai me influenciar no lado do que eu queria que tivesse acontecido e que não aconteceu. Tipo assim, se a minha foi assim, eu quero que seja diferente.

Na carta escrita no futuro, Melissa não menciona casamento, nem um projeto de família nuclear, com pai-mãe-filhos, mas sim, um modelo monoparental caracterizado apenas pelo desejo de ter filhos adotivos. A supressão do desejo de um companheiro no seu projeto de vida familiar para o futuro, provavelmente advém das experiências de infidelidade e sofrimento com as figuras masculinas com as quais conviveu (pai e padrasto). Entendemos que o emaranhado de conflitos conjugais a que Melissa foi exposta na infância, ainda causem sofrimento de maneira que para ela não seja possível visualizar-se casada, pelo menos não por enquanto. Apesar da sua opção por um modelo familiar monoparental, Melissa não repudia totalmente o modelo nuclear do qual fez parte em sua família de origem. Isso pode ser percebido pela cena familiar, nuclear e feliz que constrói para o futuro da professora (que ainda não é casada), a quem escreve a carta. Ao construir um projeto de família para a professora, com o casal e as filhas, talvez Melissa esteja refletindo o seu próprio projeto de família, ainda que não seja de maneira consciente. Não que seja preciso optar por um ou outro

modelo, o interessante é perceber que, a despeito de todos os conflitos vividos com a conjugalidade difícil dos pais, Melissa manifesta que possui “*desejo de família*”.

Isso só é possível, pois Melissa encontra continência em sua família, se sente feliz, sente-se acolhida, aconchegada. Para além dos conflitos conjugais dos pais de Melissa, existe uma rede baseada em afetos, em apoio entre seus membros, em cuidados com seus membros, em alegria e humor, que formam uma unidade familiar, um laço que possibilita continência e produz o “*sentimento de pertença*”. Apesar dos conflitos existentes na família, Melissa a sente como “*sua*”, sente-se integrante dela e aprecia a unidade que a família forma:

[...] Tem hora que eu penso assim, 'meu'... tudo acontece na minha família, tudo acontece na minha vida. Mas se eu for pensar... tanta coisa que eu tenho na minha vida, não só materiais, se for ver é uma família louca, mas todo mundo tem carinho, tem amor, entendeu? É uma família daquele jeito, é louca, mas a gente é feliz. Tem problemas, mas na maior parte do tempo é feliz.

É possível perceber que a família de Melissa é quase que um modelo de família extensa, marcada pela ajuda e solidariedade entre seus membros e ainda que não morem todos na mesma casa, o convívio é muito próximo. Os irmãos, filhos da mesma mãe, ou só por parte de pai, enteados do pai, da mãe, somam sete, freqüentam a casa de Melissa, que freqüenta a casa deles, e segundo ela todos se dão muito bem. A dinâmica parece ser bem dinâmica e festiva:

[...] Já teve festa com todo mundo, é muito engraçado, nossa é muito doido, minha mãe dá risada, de domingo a gente só dá risada, é tanta gente, que só rindo mesmo.

Nesta família o legado transmitido de uma geração à outra, através da “*transmissão psíquica intergeracional*”, basicamente é constituído pelo cuidado das mulheres com seus familiares (alcoólatras, filhos e netos frutos de casamentos desfeitos, de “*casos*”, órfãos, enteados) e incentivo à autonomia das mulheres. Através do genossociograma e da entrevista, é possível perceber as mãos femininas, das avós, das tias, da mãe e da própria Melissa, todas tecendo uma rede de auxílio e solidariedade que dá forma e identidade a esta família, compondo o “*eu familiar*”:

[...] A minha vó cuida dos dois, do meu avô e do meu tio, os dois alcoólatras. Meu tio faz mais de vinte anos que bebe. Minha vó é uma bondade, mas é sofrida. Nossa... é aquela avó pra onde eu vou, quero colo vou na casa da minha vó, quero comida

boa, vou na minha vó. Pesquisadora: E a avó paterna: Minha outra vó também, é tudo pra mim, tudo na minha vida, minhas duas vós.

[...] Depois que minha tia Nena morreu, já faz uns dez anos, minha avó adotou o filho dela, aí eu chamo ele de tio Mário, mas ele é meu primo.

[...] Detalhe... Meu pai teve um filho com outra mulher enquanto tava com minha mãe. Chama Vivian também, igual minha mãe, tem um menino chamado Fabiano. Adivinha onde eles moram? No fundo da casa da minha vó. Mora tudo com a minha vó.

O legado de cuidar do outro, é recebido por Melissa e vai se refletir em seus projetos de vida profissionais. No momento, Melissa termina o curso de Técnico em Enfermagem e adora ajudar e cuidar dos pacientes. Essa também é a profissão da mãe de Melissa, confirmando o caminho percorrido pelo material transmitido. Futuramente Melissa pretende fazer Psicologia, pois gosta de conversar e ajudar pessoas que tem algum problema:

[...] Eu nunca consegui pensar em outra coisa... Psicologia, sempre adorei, eu adoro, adoro conversar, adoro dialogar... adoro assim... minha mãe, todo mundo, quando tem um problema, eu quero ajudar a resolver. Eu não consigo me afastar, quero saber, quero entender, quero ajudar. Eu sempre fui assim. Não me 'sentindo', mas todo mundo falava: nossa... você tem uma cabeça boa.

A continência das mulheres dessa família, recebida como herança, aproxima inevitavelmente os projetos de vida de Melissa, no que se refere a trabalho, às profissões com características assistenciais. É possível observar isso na carta de Melissa onde relata que no futuro além de atuar no consultório como psicóloga, desenvolverá projetos de educação e assistência psicológica para adolescentes carentes.

Também é possível perceber, que o incentivo à busca por autonomia e independência é transmitido e recebido como herança pelas mulheres dessa família. São as mulheres que cuidam da família, em especial, dos homens. Parece importante que não se dependa deles, na verdade, nem se pode contar com eles, já que estes estão sempre dando trabalho e inspirando cuidados. O estudo e a formação, enfim a educação, parecem ser a via de acesso à conquista de autonomia e independência. Na carta, Melissa conta que trabalhou como enfermeira, para poder custear a faculdade e cita a ajuda apenas da mãe. Na entrevista, o eco das vozes femininas incentivam Melissa a superar os problemas e buscar seu caminho:

[...] Minha vó falou um monte de coisas, sabe, falou que era pra eu seguir minha vida, estudar muito, com minhas próprias pernas, que um dia meu pai ia depender

muito de mim. Aí eu pensei, saí da casa dele, minha madrasta voltou e ficou tudo bem.

[...] Pelo lado da minha mãe, das minhas vós, minhas tias, todo mundo fala que eu tenho que crescer, estudar, por que sua mãe criou você e seus irmão sozinha. É verdade.

[...] Eu quero aprender muito e mostrar pra todo mundo que eu sou capaz, que eu não precisei do meu pai pra nada.

[...] Eu sempre pensei, quis, assim... o meu bom eu quero puxar para o meu lado profissional, o que eu acho que eu consigo, que eu dou certo, posso, que eu sou capaz, eu quero levar pra isso.

A continência, incentivo e apoio que Melissa recebe das mulheres da família inspiram um sentimento de dívida interior, que ela espera saldar no futuro, ao realizar seus projetos de vida. Na carta do futuro, Melissa conta que retribui à mãe comprando um carro pra ela. No entanto, podemos entender que Melissa acredita que a melhor forma de agradecimento seja a concretização de seus projetos de vida. Ter sua profissão, ser independente, vencer na vida, deixar a mãe, as avós e a professora orgulhosas, parece ser sua forma de agradecer o apoio e incentivo recebidos por ela.

Conquistar autonomia e independência, sem ajuda dos homens, parece ter como objetivo a necessidade por reconhecimento, que se confirmará quando eles precisarem da ajuda delas no futuro. É possível perceber isso no desejo de Melissa de poder provar ao pai, que venceu na vida sem a ajuda dele. No entanto, podemos perceber através da formação reativa, que esse desejo é uma defesa contra a falta de atenção e assistência do pai. Se por um lado ela deseja afirmar no futuro: “*eu não precisei do meu pai pra nada*”, em vários momentos de seu relato, Melissa reclama da distância e ausência do pai. Embora na infância, Melissa tenha sido muito apegada ao pai e este tenha sido presente, com o passar do tempo, depois da briga com a madrasta por causa da avó, e nos parece que com a entrada de Melissa na adolescência, o pai se distancia.

[...] foi um ‘trupé’, a gente ficou sem se ver, meu pai ia buscar a gente, entendeu, a gente falava que não queria ir. Aí ele buscava a gente uma vez por mês a gente ia pro shopping, alguma coisa assim. Aí depois meu pai começou a se afastar, ele foi morar em Ribeirão, construiu casa lá, minha madrasta também foi. Os meninos iam pra lá, eu não ia, mas depois de uma época eu comecei ir de novo. Mas a mãe dela era muito chata, falava mal, e meu pai começou a reclamar, falar. No final do ano ele sempre dava uma roupa e um calçado pra cada um, aí comigo era sempre briga, porque as minhas roupas eram curtas, eram vulgar, eu só queria usar sapato de

salto, sendo que eu nem sabia andar direito, ele falava. Era aquela uma brigaria. Toda vez que eu ia, alguma coisa, eu só sabia chorar, minha mãe até falava: não sei por que você vai... Mas sabe quando você vai na esperança da pessoa a mudar, sabe? Ele nunca falou assim: 'nossa... como você está bonita'. Só assim: 'nossa... onde você vai com esse shorts, e esse salto?' Aí depois, a gente se distanciou.

O pai de Melissa parece ter dificuldade em lidar com o amadurecimento corporal da filha. As críticas quanto à vestimenta de Melissa, evidenciam que o pai tenta negar a perda da filha criança, menina e na impossibilidade de lidar com o luto parental, ele se afasta, ou agride verbalmente a filha.

Embora o pai visite os filhos, Melissa se recente com a pouca atenção dada a ela e aos irmãos e questiona o que é “*ser pai*”:

[...] Depois eles mudaram pra Pradópolis, aí já era, meu pai vinha de três em três meses, aí ele vinha dava dez reais pra cada um e achava que estava fazendo muito, que era pai, aonde? Dava pensão de duzentos e cinquenta reais pra três filhos e achava que tava bom, aonde? Não existe... Aí se distanciou...

Além da pouca ajuda financeira, Melissa sente falta da demonstração do amor e do carinho paterno:

[...] Que nem esse ano era meu aniversário, e eu fiquei pensando: será que meu pai vai lembrar, será que meu pai vai lembrar? Foi passando, passando e nada. Que lembrar, nada... Veio no final de semana e nem falou nada, nem lembrou. Nossa... eu fico muito magoada, choro fácil, me magôo fácil, nossa... sou muito chorona, muito sentimental. Aí esses dias ele veio lá em casa, meu padrasto foi me acordar, eles tem amizade pra caramba, nossa... Meu padrasto foi lá no meu quarto e falou: 'Melissa seu pai tá aí'. Eu nem vi que meu pai estava na sala e falei: fala pra ele que eu não quero ver ele hoje, não. Aí o Miguel ficou olhando pra minha cara e eu falei: é isso mesmo, eu não tenho pai. Aí o meu pai escutou lá da sala e falou, 'o que você está falando aí?' E eu: é isso mesmo, eu não tenho pai mesmo, você nunca faz nada, nunca me deu nada. Aí ele ficou meio assim, mas não falou nada.

Melissa expressa o ressentimento com a ausência de afeto e distância do pai, tanto verbalmente, quanto em cartas. Parece ser uma forma que ela encontrou de catexizar os sentimentos e mágoas que sente com o distanciamento e abandono emocional que sente.

[...] Faz tempo que eu não vejo ele, sabe, quando ele vem, eu dou um beijo nele assim, quando eu quero, nem sinto saudade. Nossa as pessoas perguntam se eu queria que ele e minha mãe ficassem juntos, e eu falo que não, que nem se não tivesse acontecido tudo que aconteceu. Minha vida não seria boa assim, ele ia me prender, ele morre de ciúmes. As pessoas falam pra ele: 'Nossa, como sua filha tá bonita', e ele fica bravo é comigo. Ele sente ciúmes, mas não fala outras coisas. Nossa... ele nunca chegou assim pra conversar, nossa...Ichiii, eu já mandei um monte de carta pra ele, eu sou cheia de mandar carta, se eu estou sentindo eu vou lá

e escrevo. Nossa tem cada carta, que se eu ler hoje, eu choro de novo. Sabe, falando pra ele que na hora que eu e precisei dele ele nunca tava do meu lado, que eu nunca pude contar com um pai, sei lá, acho que ele até sente carinho, mas não sabe demonstrar, sabe? Aí é onde eu também me afasto. Pesquisadora: E ele já respondeu alguma carta? *Nunca, nem comento. Eu sei que ele lia, pois na primeira vez que ele me via, ele ficava sem graça quando ele vinha, mas nunca falava nada. Nunca falou eu te amo, eu te adoro, nunca, nada. Eu evito muito meu pai, porque é só briga, não dá nem dez minutos eu e meu pai conversando. Eu não consigo tratar ele como pai, se ele me falar uma coisa eu vou e boquejo, eu respondo mesmo. Toda vez, toda vez eu entro dentro de casa chorando, a mínima coisa que ele fala, coisa pouca, já me magoa, sabe.* Pesquisadora: Você tem mágoa dele? *Acho que sim, deve ser mágoa esse sentimento. Sabe não tem mais aquele carinho. Todo mundo fala, 'mas é seu pai'. Pai, pai... pai é aquele que cria e se for assim, meu padrasto, então...*

Melissa não termina a frase e se emociona. Apesar da boa relação com o padrasto, Melissa não consegue substituir o pai pelo padrasto. Negar a figura do pai, destituí-lo da sua função, foi uma maneira que Melissa encontrou de se defender da ausência do pai, do abandono emocional, do seu silêncio, mas de maneira efetiva, isso não impede a mágoa e a falta que sente dele. A figura do pai, não aparece na carta escrita no futuro, nem o padrasto, Melissa os suprime, assim como outras figuras masculinas, como namorado ou marido. Talvez, Melissa ainda esteja lidando com essa questão no presente, e não tenha ainda conseguido investir em outras relações objetivas.

Tendo que conviver com o silêncio do pai e sua incapacidade de expressar sentimentos, Melissa tenta superar e reagir criativamente os conflitos. Como depositante da herança psíquica familiar de autonomia, Melissa toma as rédeas de sua vida, e se encaminha para um futuro, onde planeja ser independente, onde possa ser alguém. É o que os seus projetos de vida descritos na carta do futuro nos apontam, é o que sua voz emociona nos diz:

[...] Eu acho que faltou muita coisa na minha vida, faltou uma estrutura que eu não tive. Eu tive que dar meus passos sozinha. Eu acho assim, pra minha idade eu já vivi muita coisa, que tem gente que tem vinte anos e que não viveu. Eu acho que eu tive que tomar o meu caminho, seguir a minha cabeça muito cedo, eu acho que desde pequena, eu precisava ter o apoio do meu pai, pelo menos alguma coisa e não foi. Eu fui guardando o meu sentimento me magoando. Foi aí que eu parei e pensei. Eu entendi que tinha que caminhar sozinha, com o sem o apoio dele, eu tava ali, e eu quero crescer, eu quero ser alguém!

João Vítor

A entrevista com João Vítor é a mais curta das três. Embora tenha demonstrado boa vontade em participar da pesquisa, respondeu muitas das perguntas com monossílabas, ou com “*uhrum*”. Durante a entrevista João Vítor mostrou-se calmo, concentrado e bem humorado. A construção do genossociograma foi difícil, pois João Vítor tem dificuldade de lembrar datas e idades. Após a entrevista, no momento de transcrevê-la e de construir o genossociograma, esta pesquisadora percebeu lacunas e incongruências nas informações. O tempo que João Vítor considerava para alguns fatos ocorridos não correspondia com as idades dos envolvidos. Em outra ocasião, foi-lhe perguntado sobre a discrepância dos dados e ele pareceu ainda mais confuso. João Vítor pensa muito para responder, faz algumas alterações, mas ainda não parece certo delas.

A despeito da separação dos pais João Vítor parece ter aceitado bem. A reação da mãe à separação parece ter causado mais sofrimento do que a própria separação.

Pesquisadora: Qual a reação de vocês quando seus pais deram a notícias sobre a separação?

Normal. *Só minha mãe, né. Ela teve um problema mental. Ficou muito mal, doente, entrou em depressão. A gente teve que cuidar dela, meu pai foi morar com a outra mulher. Ela fez tratamento, agora está bem melhor. A gente sofreu muito no início.*

Os sentimentos quanto à separação parecem terem sido deslocados para os cuidados com a doença da mãe. Talvez para João Vítor fosse mais fácil lidar com os cuidados com a mãe do que com a separação. Se houve raiva, ou ressentimentos pela traição do pai ter causado a separação, foram reprimidos por João Vítor e sublimados pela preocupação e cuidados com a mãe. Na mesma época da separação, em meio aos cuidados com a mãe, a avó paterna falece e o avô comunica que já tem nova companheira. A despeito de todos esses acontecimentos se darem quando João Vítor contava então com 14 anos, período em que poderia estar confuso com o processo de adolecer, não parecem abalá-lo ou deixá-lo mais confuso:

Pesquisadora: Era bem o começo da sua adolescência, você acha que esses acontecimentos confundiram mais a sua cabeça:

Ah... não muito, sabe por que? No começo, quando ele foi embora, eu senti um pouco, sim, mas depois... Assim... ele era muito apegado comigo, entendeu? Mas de uns tempos pra cá ele começou a judiar muito de nós... aí ele foi embora também. **Eu fiquei bem. A gente chegou a ter três carros na garagem, ele acabou com tudo.**

Pesquisadora: Qual o seu sentimento por ele?

Ah... eu gosto dele, sim. Não tenho mágoa dele. Mas só que as coisas que ele fez pra minha mãe... nossa...a gente está bem melhor sem ele.

Parece-nos que João Vítor de certa forma sente alívio com a saída do pai de casa. No entanto, ao nível do psiquismo pode ser que haja uma negação de sentimentos que foram reprimidos e de conflitos internos que ainda não foram solucionados. Ainda que João Vítor aparente tranquilidade e o processo de adolescência pareça estar transcorrendo de maneira calma, seus projetos de vida no que se refere à relacionamentos afetivos e à família nos sugerem questões que ainda não foram elaboradas por ele.

Em um período da vida onde a maior parte dos rapazes da idade de João Vítor estão muito interessados nas possibilidades do novo corpo adolescente, João Vítor parece não se interessar muito. Diz que sai com os amigos, a maioria do grupo da igreja, aos finais de semana, mas não namora, nem “fica” muito com ninguém.

Pesquisadora: Você tem muitos amigos?

Minha turma da igreja tem umas quinze pessoas, a maioria mulher.

Pesquisadora: Parece ser uma turma grande. Tem amigos mais próximos?

Tenho duas amigas.

Pesquisadora: Vocês saem de final de semana?

A gente vai pra balada e no domingo vai na missa pedir perdão pelos pecados que comete...(risos)

Pesquisadora: **E você peca muito?**

***Nem te conto...** principalmente com umas pingas na cabeça...*

Pesquisadora: Você bebe?

Não.

Pesquisadora: Quando vocês saem, você “fica” com alguém?

“Só se for com o Espírito Santo!”.

A sexualidade parece mesmo ser sublimada pela religiosidade, substituindo até os chamados “ficantes”, pela figura divina. Na carta escrita no futuro, João Vítor não faz menção a nenhum tipo de relacionamento afetivo. Na adolescência, é esperado que a libido seja direcionada para os objetos externos. No caso de João Vítor, nos parece que há um deslocamento da libido para as questões religiosas, o que nos sugere uma negação da sexualidade, como defesa contra algum sentimento que tenta reprimir. Essa negação da sexualidade é expressa a seguir, quando abordamos os projetos de vida no que se refere à família.

Pesquisadora: O que você pensa sobre ter ou não uma família no futuro?

Como assim?

Pesquisadora: Você pensa em ter uma família?

Não entendi.

Pesquisadora: Você tem projetos, desejo de ter uma família sua, no futuro?

Não mesmo. No ano que vem estou indo embora... para o seminário, vou fazer diaconato, ano que vem. Já estou começando esse ano.

Pesquisadora: Você tem vontade de ser padre? Você acha que vai seguir por esse caminho?

Minha vocação é essa.

Pesquisadora: Você acha que não vai sentir falta de namorar?

Acho que não.

Pesquisadora: Você já namorou?

Já.

Pesquisadora: O que você achou dessa experiência?

Não dá certo não... não gosto...mulher pega muito no pé, eu acho isso, né. Eu vou ser diácono. Depois, um dia se eu me formar para diácono, eu posso até ter família se me der vontade, mas por enquanto...

Pesquisadora: Mas então, não ter uma família ainda não é uma questão fechada pra você?

Não...

Embora João Vítor confirme que não é uma questão fechada, não ter uma família, não parece estar seguro disso. Ao dizer “*não...*”, faz uma expressão de quem dúvida do que terá essa vontade. Isso se confirma na carta escrita no futuro, onde João Vítor não faz qualquer referência a relacionamentos afetivos ou à constituição de família. Corroborando com a idéia de negação da sexualidade, está a decisão de ir para o seminário. João Vítor não está decidido se será padre ou diácono, ora fala em ser padre, outra em ser diácono. A diferença entre as duas funções é relevante, já que segundo os preceitos do catolicismo, o padre deve seguir uma vida de celibato, renunciando ao sexo e à construção de uma família, já o diácono pode ter as duas. Dez anos depois, na carta que escreve, João Vítor ainda não se decidiu por uma das opções, não é padre, mas ainda pensa em fazer diaconato. Essa questão nos remete novamente a negação da sexualidade ou à repressão de sentimento, ou impulsos, talvez homossexuais.

Profissionalmente, a carta do futuro confirma os projetos que João Vítor tem construído no presente. O seminário além de ser o refúgio que permitirá a negação de sua sexualidade, também abre possibilidades profissionais. Terminando o período de preparação no seminário, João Vítor poderá ser padre ou diácono, sendo que os conhecimentos aí adquiridos lhe possibilitarão ministrar aulas de Teologia e Filosofia.

João Vítor parece dar valor à educação e acreditar que ela é via de acesso para um futuro melhor e para a constituição do indivíduo. Na carta ele dá crédito aos professores e à escola por o ajudarem a ser alguém.

Beatriz

Com Beatriz a entrevista foi feita em duas sessões, pois a primeira se estendeu por quase uma hora. Na primeira sessão Beatriz praticamente falou de sua família de origem, da união dos pais, as brigas e a violência que a caracteriza. Várias vezes Beatriz se emociona, os olhos ficam marejados, a voz fica presa, mas ela tenta se controlar.

A história familiar paterna envolve uma série de arranjos e reconfigurações, tantas que Beatriz acha difícil explicar:

Do lado do meu pai é complicado... Porque eu tenho meu vô, minha vó e meu vô é casado com a minha outra vó, desde que eu era bebezinha. Eles não tiveram filhos, só no primeiro casamento com minha primeira vó. Meu vô e minha vó se separaram quando meu pai tinha nove anos e meu vô casou de novo quando eu era bebezinha.

A avó paterna teve vários relacionamentos e Beatriz diz que não se sabe direito quem é filho de quem. Na verdade, os laços de filiação (ainda que não fossem sangüíneos) são superados no caso da tia de Beatriz que se casou com o padrasto, gerando uma estranheza quanto ao parentesco dos filhos:

[...] Olha só que estranho... Meu tio Ubiratan é irmão da minha tia Sílvia, por parte de mãe, só que como minha tia casou com o padrasto, meu Tio Ubiratan acaba sendo irmão, das gêmeas por causa do pai.

Também há uma história de triangulação, antes do casamento de seus pais, que causa estranheza:

Foi assim...o que eu sei de quando meus pais se conheceram. O meu pai tinha uma mulher, ele não era casado, morava junto e teve um filho com ela. Na verdade, ninguém sabe se o filho é dele ou do meu Tio, pois eles moravam os três juntos, ela ficava com os dois, e o menino é a cara do meu tio.

O emaranhado de arranjos e separações vividos na família paterna de Beatriz, em especial os de sua avó, compõem o cenário onde cresce o pai de Beatriz. Possivelmente, através de identificação projetiva, se explique a instabilidade, agressividade e desejo de dominação de Josias sobre a esposa. Beatriz conta que desde a união de seus pais houve falta de respeito, caracterizada por episódios de ciúme e violência física:

[...]Eu penso assim na minha cabeça, que meu pai nunca respeitou minha mãe, sempre pisoteou em cima dela. [...] Minha mãe sempre amou muito meu pai e suportava tudo que ele fazia, tanto que estão casados há 18 anos, quer dizer agora eles estão separados como marido e mulher. Só que nunca eles brigaram tanto como eles brigam agora, depois da separação. A minha mãe não enfrentava ele, amava muito, deixava ele fazer o que quisesse, só pra ele não ir embora. Ela aturava ele. Teve uma época que ela começou a não suportar. Cortou o cabelo ele brigou. Um dia ela resolveu sair com minha avó ver minha prima desfilando no rodeio. Ela deixou eu com meu irmão em casa, eu tinha uns seis anos. Como diz meu namorado, eu tive que amadurecer muito cedo, pois tinha responsabilidades, tinha que ser responsável. Aí eu fiquei com meu irmão e meu pai chegava do emprego às dez da noite. Minha mãe atrasou no rodeio e meu pai chegou, perguntou dela, eu falei, ele já ficou nervoso e saiu e foi pro bar beber. Foi a primeira vez que eu me lembro de ver ele beber. Minha mãe chegou e desceu do carro com minha vó e minha tia, na esquina de casa era umas onze e meia. Ele já veio gritando com ela, que ela estava andando com outro, entraram dentro de casa já fazendo escândalo. Coitado meu irmão tinha só quatro anos...Sabe, hoje ele tem 15 anos, mas parece uma criança...Aí, né ele viu meu pai batendo na minha mãe e ficou assustado. Nossa, meu pai deu tanto soco na minha mãe...Eu lembro até hoje...[quase chora] Meu irmão pulou nas costas dele e ele jogou meu irmão longe. O quarto era pequeno, a casa tinha três cômodos, dormia todo mundo no mesmo quarto, nós tivemos que ficar ali vendo ele bater nela. Ele jogou ela na cama, subiu em cima dela e dava cada soco nela...nossa...eu chorava, eu gritava, ninguém aparecia, ninguém fazia nada. No outro dia, ele fazia de conta que não era com ele.

Os pais de Beatriz a partir daí, vão entrar em um círculo de violência, arrependimento, perdão e repetição que direcionarão a cena conjugal. Beatriz e o irmão são testemunhas da violência física sofrida pela mãe, mas Beatriz também é alvo de violência.

*[...]Foi aí que eu comecei a perceber as coisas dentro de casa. **Eu também apanhava muito, sem motivo...** Eles me trancavam no banheiro. Pesquisadora: Eles? É...minha mãe também, batia... acho que de conviver com ele, ela aprendeu. Eu ficava meses dentro do banheiro. Chegava da escola, comia e já tinha que ir pro banheiro e ficava lá o dia todo.*

O irmão é poupado, pois o pai não o identifica projetivamente por ser menino. Para Beatriz, tão ruim quanto presenciar e sofrer violência é imaginar cenas ainda piores. Além das agressões físicas, Beatriz se sente aterrorizada com as ameaças que o pai faz, de que vai comprar um revólver para matar a mãe de Beatriz, vai amarrar a cabeça dela numa corda e arrastar ela atrás de um cavalo. Beatriz se emociona muito nesse momento.

[...] Eu tinha medo, pavor, eu ficava dentro do banheiro pensando que ele ia fazer isso...Até hoje eu tenho medo [quase chora].

É possível perceber que a infância de Beatriz foi marcada pelo terror, pela apreensão de que algo de muito pior, além do já vivido, pudesse acontecer. Sendo a infância um período onde as figuras parentais devem ser vistas como protetoras, no caso de Beatriz não há essa identificação, já que Beatriz precisa se proteger desse pai, além de proteger, buscar socorro para a mãe.

*[...] Um dia eu falei pra minha mãe fazer maionese pra mim. Ela estava picando as coisas na pia...ele chegou por trás dela...Minha mãe tinha uma faca branca...ele pegou a mão dela com a faca e colocou no pescoço dela...do nada. Pesquisadora: Sem motivo? É... sempre foi assim, eu nunca vou te falar que ele fez algo que tinha um motivo, sempre era do nada, por coisas sem importância. **Então aí eu já ficava imaginando o sangue escorrendo. Eu sempre fui assim, imaginava o depois... E eu corri pra rua, gritava e ninguém se habilitava. Eu gritei tanto que ele ficou com medo da polícia chegar...**ele só tem medo é da polícia, morre de medo. Ele soltou minha mãe e saiu de casa. Minha mãe pegou as coisas dela, minha e do meu irmão e nós fomos embora pra casa da minha tia. Ele voltou, não achou a gente, ficou andando a noite inteira falando que ia matar a gente, que ia matar ela...Só sei que eu não lembro do outro dia...*

O fato de Beatriz não se lembrar do outro dia, demonstra que ela não quer lembrar o momento da reconciliação, da volta dos pais. É uma forma de repúdio e crítica a mãe por perdoá-lo, por não tomar nenhuma atitude.

Eu só lembro das coisas ruins, não lembro das coisas se consertando...Só sei que minha mãe queria ir pra casa da minha vó e ele não deixou.

A despeito da mãe de Beatriz começar a reagir e tentar romper com a relação, ainda perdoa o marido. O confronto com as figuras parentais, característico da adolescência, permite que Beatriz se revolte com a passividade da mãe:

*[...] Aí nós mudou pra colônia da usina, achando que as coisas iam melhorar, é fora da cidade, e tal...**E minha mãe sempre amando ele, louca por ele, sempre acreditando que ele ia mudar.** Que mudar nada, foi pior...Ele bebia todo dia, chegava em casa e judiava de nós, e não era mais uma vez ou outra como antes...era todo dia, era sempre. Um dia ele chegou e deitou na sala, minha mãe perguntou se ele queria comer, ele falou que não... Estava ‘mamado’. Depois falou que queria, minha mãe foi e levou o prato pra ele. Do nada ele jogou o prato longe e foi e deu um soco no olho dela... ficou aquele sangue no olho... Fica assim sem explicação, porque ela não tinha feito nada. No outro dia, parecia que ele não tinha feito nada... Ele é assim até hoje, anda com o pescocinho erguido como se não tivesse a ver com ele... **e essa mulher dele sempre do lado dele, sempre.***

*Ah...quando a gente morava na usina, uma vez, minha mãe apanhou feio dele e veio pra cidade na casa da minha vó **e deixou a gente lá**. Eu vinha pra escola e ia lá ver ela...tinha dia que eu nem entrava na escola [quase chora].**Ela ficou quinze dias e aí voltou**. Ele jurou tanto, por mim, pela mãe dele, que ia mudar, parar de beber...**Só ela acreditou**...era pra gente estar tudo morta...mudar...até parece.*

Nesse momento, Beatriz se emociona, demonstrando a mágoa que sente por ter sido deixada pra trás pela mãe.

O alcoolismo do pai parece ser um agravante que favorece o aumento dos episódios de violência, compromete a questão financeira e profissional. No entanto, mesmo quando não bebe, a relação pai e filha, não se altera. O pai de Beatriz continua a manifestar descaso e falta de interesse por ela. A despeito das constantes mudanças de endereço, situação só piora.

*[...] **A coisa foi só piorando**. Aí a gente mudou pra cidade de novo e eu odeio essa casa, pois aqui tudo ficou pior, ele começou a beber cada vez mais, começou a faltar do emprego, saía na quinta e sumia... ninguém sabia onde ele estava. Ele era um ótimo motorista, todo mundo fala. Pesquisadora: Ele ainda trabalha na usina? Não ele foi mandado embora, faz dois anos, vive de fazer biquinho agora.*

Pesquisadora: *Você acha que a bebida piora o estado dele? É o que prejudica mais.*
 Pesquisadora: *E como ele é quando não bebe? É outra pessoa, até os vizinhos falam, ele até cumprimenta.*
 Pesquisadora: *E quando ele não bebe, como ele é com você? Nós não conversa com ele. **Eu e meu pai nunca tivemos um lance assim de conversar**. Ele só vem atrás de mim pra falar alguma coisa, tipo assim: se eu faltar ele já vem dando sermão... Até parece, nem sabe em que série eu estou... Nunca foi numa reunião da escola.*
 Pesquisadora: *E sua mãe? Ah... minha mãe ia em todas, nas do meu irmão também.*

*[...] **Aí nessa casa da cidade tudo foi ficando pior**, a minha mãe começou a ficar mal...eu tinha que levar ela no Pronto Socorro, varias e várias vezes e ela voltava pra casa dopadinha de remédio pra acalmar... Foi aí que, sabe, eu fico nervosa também, mas não preciso de remédio, mas ultimamente eu ando ficando tão nervosa...Até que um dia ela falou chega! E eu falei chega também*

A situação chega ao limite, já na adolescência de Beatriz. A despeito de ser uma adolescente, quase uma adulta, ela ainda se sente aterrorizada pela figura do pai violento. O pavor que ela demonstra ao relatar o que se segue, chega a parecer exagerado, mas o pavor contido nas palavras e expressões de Beatriz, sugerem que pode ter havido mais violência e agressão do que Beatriz nos conta. Novamente Beatriz se emociona por a mãe proteger apenas o irmão dela.

*Aí teve um dia que a minha mãe foi na casa da mãe dela e eu fui na casa do meu namorado, era meu aniversário...Ele ficou com raiva e foi na usina, me fez voltar com ele pra cidade... Sempre ele fazia isso: usa os filhos pra atingir ela. Passei muito medo vindo de carro com ele. Ele queria almoço, mas eu sabia que ele ia dormir no sofá. Quando ele dormiu, eu juntei minhas coisas e fui pra casa da minha madrinha e falei pro meu irmão: corre que ele **vai pegar a gente... e ele pega**.*

*Aí minha mãe foi lá na minha madrinha ver o que tinha acontecido. Eu falei que não ia voltar, **que ele ia me pegar**. Pesquisadora: O que você acha que ele faria se te pegasse? Sei lá, me bater... na minha cabeça era isso. E ele ia lá na minha madrinha... eu implorava pra eles falarem que eu não estava, mas ele ia bravo lá todo dia. Eu ficava dentro do quarto quetinha. **Minha mãe ficou na minha vó e levou meu irmão.**[quase chora]*

Essa passagem da história da família de Beatriz parece ser decisiva para que a mãe tome coragem e se separe.

Precisou de uma ordem judicial para ele sair da casa. Aí quando saiu nós voltamos lá. Ele tinha destruído a casa, revirado tudo. Ele faz isso até hoje. Eu vendo Avon e preciso esconder as coisas porque ele revira tudo. No final de março minha mãe conseguiu que ele saísse e eu voltei pra casa, na maior felicidade... Achei que a gente ia começar do zero.

O pai de Beatriz não aceita a separação e continua aterrorizando a família. Apesar de Beatriz querer muito a separação dos pais e não querer proximidade com ele, sentimentos ambivalentes fazem-na sofrer com o medo da perda do pai. São os dois momentos de maior emoção da entrevista e a despeito de ter tentado segurar o choro em outros momentos, o medo da perda do pai faz Beatriz chorar muito.

*Mas ele ficava em frente de casa o dia todo...eu nem podia sair...ele ficava dentro do carro...dormia dentro do carro. E no ano passado ele teve derrame de tanto beber...ficou paralisado. Ai um dia, ele começou a passar mal dentro do carro...eu tenho dó dele [**chora**], e ele passando mal, gritando e minha mãe falava: ‘vai lá ver o que ele tem’... Eu não...e ele gritando, gritando dentro do carro...eu tenho medo de ver ele morrendo, né...a minha mãe queria queeu fosse lá ver ele...mas eu não, tenho medo, vai que ele morre na minha frente...Eu chamei a ambulância lá de dentro de casa...eles vieram e levaram ele...mas eu não fui na ambulância...cheguei no hospital o médico já tinha dado um injeção pra ele e falou assim: ‘o senhor tem filhos?’ Ele olhou pra mim e falou: ‘tenho essa moça e um menino’ e o médico: ‘então o senhor para de beber se quiser ver eles crescer mais um pouco’[**chora muito**]...aquilo me cortou por dentro.*

Na carta do futuro Beatriz confirma que a despeito dos conflitos vividos: “Amo muito todos a minha volta, como sempre amei”.

O pai de Beatriz vai morar com a mãe, mas se machuca e volta a morar na casa de Beatriz, sem contudo, retomar o laço conjugal. Esse novo arranjo, onde não há mais o casal, apenas dois adultos, pais, morando no mesmo teto, é instável demais e uma crise se desencadeia. A mãe, que sofreu tanto com o comportamento desrespeitoso do marido, começa a se comportar parecido, como que para se vingar dele. Os filhos que tanto sofreram com o casamento desastroso dos pais, passam a sofrer com as escolhas amorosas da mãe.

Aí minha mãe começou a mudar... ela arrumou um namorado... ele era traficante... Aí eu fiquei revoltada de vez... Porque pensa bem... pais separados, mãe com namorado traficante...e eu tendo que ver isso? Eu que não vou ficar aqui pra ver isso. Só indo embora mesmo... Eu falei pra ela: sabe o que eu vou ver? Ou você sendo presa com ele, ou sendo morta junto com ele. E foi o que quase aconteceu... No Natal ele morreu com um tiro na cabeça. Pesquisadora: Nesse Natal? É... e ela estava junto... Olha que natal que ela deu pro meu irmão... ele teve que ficar no hospital com ela vendo o namorado morrer...

Possivelmente em represália ao comportamento da ex- mulher o pai de Beatriz deixa de cumprir suas responsabilidades com a manutenção da casa. A situação é de caos, caracterizada por pais que nem as afetivas, nem as de subsistência. Pais que não incentivam os filhos, que minam suas auto-estimas, que não assumem suas responsabilidades, nem as afetivas, nem as de subsistência, negligenciando-os, abandonando-os.

[...]Hoje está assim... meu pai não quer saber de nada, não quer trabalhar, minha mãe fica empurrando cheque atrás de cheque no mercado pra poder ter as coisas dentro de casa... eu me viro como eu posso... Pesquisadora: Você tem quer ajudar em casa? Eu ajudo como eu posso, porque eu ganho só um dinheirinho, que vai quase tudo no meu aparelho, pois o do meu irmão, ninguém quis continuar pagando e só tem os caquinhos. E o meu pai é assim... ele entra, ele dorme, ele come, mas não quer saber de nada. A força cortou e ficou três meses... Você pode imaginar como é duro ficar sem energia em casa?Minha mãe faz biquinho aqui e ali. Aí ela juntou dinheiro pagou a luz e no primeiro dia que ligou ele ficou assistindo DVD até as duas horas da manhã. Agora levou a TV pro quarto dele... minha mãe dorme no meu quarto... ficou só pra ele.

[...] O meu pai uma vez, eu trabalhei duas semanas nos mercado, e ele falou que ia me vigiar pra ver se eu estava trabalhando mesmo, que eu era iguala minha mãe. Ele falava que eu não prestava... uma vez eu fui lá e arrumei o cabelo, fiz escova... eu sempre tive o cabelo cacheado assim...ficou bonito, ficou diferente. Eu estava me achando bonita. Aí meu pai falou que eu tava parecendo uma biscate. Acabou a alegria e eu comecei a pegar raiva dele. Eu odeio que se fale isso de qualquer pessoa, na minha frente, não. Aí você se cria junto com a pessoa, a vida inteira e ela vem e fala isso?Tudo ele fala que eu pareço a minha mãe. Pesquisadora. E você quer parecer a sua mãe? Não, não quero. Ontem eu vi uma coisa que me deixou mal. Sabe

*eu sei que minha mãe tem direito de namorar, ela é nova, ela é bonita. Eu sei que ela tem direito. Só que **ela começa namorar ela esquece que tem filho, que ela tem casa, tem responsabilidade.** Eu comecei a trabalhar agora, às vezes eu chego da escola **e não tem almoço pronto**, ela fala pra mim esquentar. Ela dorme comigo no quarto e nem arruma a cama dela. Não dá tempo, eu pego uma fruta e já saio e ela fica lá debaixo da árvore conversando com as vizinhas. Quando eu volto ela ainda tá lá. Nem é tanto por mim, mas tem meu irmão, que precisa muito mais dela, porque ele foi o dengo da família muito tempo... e aí pararam... **Eu já desisti...** ele não... Eu não procuro mais conversar, ele ainda quer. Mas eu nunca tinha visto ela com ninguém. Ontem a gente estava brincando na rua e ela estava sentada debaixo de uma árvore conversando com um cara de carro. Eu fiquei olhando e ela nem viu. Passou um tempo e ele foi embora, só que antes ela foi e deu um beijo na boca dele... eu nunca vi essa cena...aí eu vi e fiquei meio passada...**É difícil, a gente está acostumada a ver o pai e a mãe. Eu quase estourei... mas resolvi deixar pra lá, a vida é dela.***

Fica claro que Beatriz sofre muito nessa família, mas nos parece que começa a se desprender dela, deixando que cada um tome seu rumo. Na carta escrita no futuro, ninguém da família aparece, e ainda que não tenha esquecido o que passou, considera-se vencedora: *Passaram-se 10 anos desde 2007, aquele ano foi bom, sofri, tive decepções e passei por algumas dificuldades e tristezas, mas aprendi a me levantar e anda sem que alguém me desse um empurrão primeiro. Hoje posso dizer que venci e pretendo vencer cada vez mais.*

Na sessão seguinte, abordamos os projetos de vida que Beatriz tem para o futuro. Frente a um legado familiar tão desprovido de significações positivas, Beatriz só pode negá-lo e projetar criativamente para seu futuro o melhor, o inverso.

Pesquisadora: Você me contou da sua família de origem, agora eu quero saber da sua família, se você quer ter, ou não...
*Sabe eu tento não pensar nessas coisas que me aconteceram... tento tirar do meu consciente, **queria mesmo era mandar para o inconsciente e não lembrar mais...** só lembrar para tirar de exemplo. Eu quero construir uma família com base na minha, só que **usando ela de exemplo pra fazer tudo diferente.** Não sei se acontece com a senhora de fazer algo errado e depois pensar, ‘não devia ter feito...’ mas aí já passou. A minha vida, a minha história não tem como mudar, já aconteceu... **eu posso é fazer diferente, porque eu já sei o que dá errado.** E eu quero fazer diferente. Eu tenho um jeito, minha mãe tem outro...**eu quero criar meus filhos diferente.** Eu não quero que o meu marido beba pra poder chegar em mim e falar...eu quero que ele se sinta bem a vontade pra conversar comigo...se ele for um homem de verdade vai ser assim. O meu pai, não...primeiro precisa beber...sempre. Que que eu quero: **quero que minha família seja diferente.** Claro que vai ter problema, toda família tem... com certeza, só que eu não quero que seja igual.*

Beatriz tem planos bem estruturados, compartilhados pelo namorado.

Daqui três anos eu pretendo começar a minha família. Pesquisadora: Você já namora? Já...comecei a namorar com 13...faz quatro anos que eu namoro. Pesquisadora: Vocês tem planos? Tem sim... ele comprou um terreno e ano que vem a gente vai começar a construir...E toda vez que a gente começa a conversar já entra no assunto da casa, como vai ser...nossa...nós temos tantos desenhos, cada hora a gente muda algo... A cozinha é minha...meu sonho é uma cozinha verde e branca... é claro que a gente não fez plano de filhos, porque a gente sabe que por um tempo não vai dar. Pesquisadora: Mas você se cuidam pra manter esse plano de não ter filhos? Ah...claro, eu tomo e ele também. Se alguma coisa der errado tudo bem, mas plano por agora é a casa mesmo.

Fica claro que o projeto principal de Beatriz é ter uma família sua, mas não idealiza um modelo de perfeição. Percebe-se que ela sonha, mas tenta ser realista. O mesmo se dá com os projetos profissionais. Beatriz visualiza um futuro de muito trabalho, para poder concretizar seu maior sonho que é ter seu espaço. Todos os outros projetos são construídos para dar suporte ao projeto principal. Beatriz não busca satisfação profissional, nem pensa em estudos como via de acesso para afirmação de sua identidade. Tanto trabalho como a educação, são meios, caminhos para aproximá-la de seu objetivo primordial.

Pesquisadora: E sobre trabalho e estudo, que planos você tem? Ah eu sempre quis ser veterinária, mas eu tenho dó de bicho. Aí meu Deus, e minhoca, então... Eu preciso te perguntar isso... Como eu posso ter tanto medo de minhoca, me explica??? Pesquisadora: Eu não sei... o que uma minhoca poderia fazer contra você. Será que eu e tenho um trauma no meu inconsciente? O que significa minhoca...? Pesquisadora: Às vezes um charuto é só um charuto... [risos] Ahhhh...é mesmo.[risos] Então, eu comecei ter aula de Filosofia, aí eu queria ser professora de Filosofia. Aí eu comecei a ter aula de Psicologia, eu nunca tinha tido... aí eu já quero... Não sei, não sei o que eu quero fazer... Eu só sei que quero trabalhar muito pra ter o que eu quero e que pra isso eu vou ter que estudar muito, mas ainda não sei o que eu quero. Pesquisadora: Você tem algum plano para o ano que vem? Ah... eu nunca tive a oportunidade de fazer um curso. Então eu quero fazer um curso técnico só pra entrar um pouco melhor no mercado de trabalho. Faculdade eu sei que não é agora, está muito difícil. E eu odeio fazer prova... Fiz o ENEM na marra, nem sei quanto tirei. Para o ano que vem eu não penso em nada disso... As meninas da classe estão fazendo inscrição, prestando vestibular. Eu fico na minha... meus projetos são outros... Quero trabalhar, construir a casa trabalhar, trabalhar mais um pouco, fazer um curso, ganhar melhor, tentar fazer uma faculdade....

A despeito de todo sofrimento que Beatriz foi exposta na família, parece ter encontrado no namorado um ponto de apoio, já que ele a incentiva e a respeita. A criação recebida por ele, difere muito da recebida por Beatriz. Ela aproveita as experiências e conselhos do namorado para se orientar na vida. Beatriz deposita nos projetos construídos com o namorado, a esperança de resignificar o seu eu.

Pesquisadora: O que seu namorado pensa disso? *Ah... ele me apóia, diz que se eu quiser é pra eu ir. Ele fala que eu não vou querer ficar dentro de casa limpando e que eu tenho mais que ir. E eu já falei pra ele... eu vou ir mesmo. Ele é um ser mais liberal. A família dele é diferente. Eu aprendi muito com eles. Só não aprendo a andar em Ribeirão... É muito grande o calçadão...ele me ensinou 30 vezes. Mas eu sou assim... insegura... dependo muito das pessoas... Agora só estou falando porque você está perguntando. **Tem muita coisa que eu consigo fazer agora, por que ele me ajudou. A minha cabeça é um pouco melhor por causa dele.** A minha cabeça é um pouco mais avançada por causa dele... Nossa a minha mente era tão fraquinha. Mesmo que eu cresci e tive que amadurecer mais cedo, a minha cabeça era infantil, eu tinha que colocar uma piada no meio de tudo. E ele me ensinou a não fazer assim, porque eu já perdi amizade por causa das minhas piadas. Sabe a família dele é diferente, ele é filho único, os pais são rígidos, gostam de tudo certo. **Devagarzinho eu fui aprendendo a fazer as coisas mais direito.** Muitas vezes as pessoas não entendem o que eu quero dizer e se ofendem. Pesquisadora: Você acha que essa dificuldade de você se comunicar é por causa da falta de diálogo em casa. Claro, eu não aprendi a me expressar. É tanto problema... que conversa se pode ter. Ah mãe eu preciso disso, tem reunião na escola. Ninguém conversa comigo em casa, eu entro e saio. Vou pra escola, namoro, vou pra casa da minha madrinha.*

Outra figura de apoio é a madrinha, que muitas vezes cumpre a função afetiva e orientadora que a mãe deveria exercer.

Pesquisadora: Você gosta muito dessa sua madrinha, não é? *É sim... ela é uma peça muito importante na minha vida... como uma mãe... me dá conselhos. Pesquisadora: ela é parente? é ela é mulher do irmão da minha mãe*

Na medida em que outras pessoas vão dando suporte emocional à Beatriz, ela vai estruturando seus projetos de vida. Devido ao legado familiar ter sido transmitido recoberto de identificações negativas, Beatriz não pode vivenciar o sentimento de pertença. A herança é transmitida transgeracionalmente, sem nenhuma construção, impedida de ser alterada, ou elaborada. Não no presente. Beatriz idealiza vivenciar esse sentimento no futuro, onde espera compensar a ausência de sentimento familiar, do eu familiar. O eu familiar comprometido na família de origem poderá ser construído no espaço que Beatriz deseja construir.

Pesquisadora: Você acha que você é feliz. *Parte sim, parte não. Acho que no futuro, daqui uns cinco, dez anos. Eu sempre desde criança quis ter a minha família. Por isso eu não penso tanto em faculdade. Eu sou uma pessoa que se dedica muito a uma pessoa. Se eu gosto da senhora, eu vou fazer tudo pela senhora. Se eu tiver um filho, eu vou dedicar tudo pra esse filho. Eu não penso muito em mim, no que eu quero. Todas as outras coisas vão vir para me ajudar a ter o meu sonho de ter uma família. Eu sempre fui de casa, nunca fui de sair. Antes de namorar eu queria ter a minha casa, meu canto. Eu não pensava em terminar o terceiro e ir pra faculdade, comprar meu carro... Eu pensava que eu queria ter o meu canto. Agora que eu tenho o Lucas,*

temos planos juntos, mas se eu não tivesse eu estaria sonhando com a minha casa, meu espaço...

Adolescer em família: uma discussão

Nesse momento do trabalho, nos propomos a discutir as possíveis influências da família contemporânea no processo de adolescer e na construção dos projetos de vida dos colaboradores para o futuro. Para melhor compreensão, organizaremos nossas reflexões em dois eixos temáticos:

I - A dinâmica familiar e o processo de adolescer: passado e presente.

II – A construção dos projetos de vida: presente e futuro.

No primeiro eixo, consideraremos a relevância do passado, daquilo que nos precede e sua influência no processo de subjetivação do adolescente e para tanto desenvolveremos os seguintes tópicos a) o legado transmitido b) onipotência adolescente em família e c) o sentimento de pertença. No segundo eixo, consideraremos as construções feitas pelos indivíduos que adolecem no presente sobre os projetos de vida para o futuro.

I - A dinâmica familiar e o processo de adolescer: passado e presente

No processo de adolescer vamos encontrar o indivíduo reestruturando sua personalidade. Embora esse seja um processo interno, que acontece ao nível do psiquismo, ele não é impermeável. O adolescente está sujeito às influências externas dos grupos nos quais está engajado. A família é o grupo mais significativo e será de fundamental importância na fundamentação da nova identidade do adolescente. Quando falamos em família, não estamos nos referindo apenas àquela imediatamente acima de nós, mas a toda família que nos precede, com suas histórias, seus ensinamentos, suas dívidas, seus ideais, que somando-se compõem um legado, transmitido de um psiquismo a outro através das gerações. Nossos colaboradores nos contaram as histórias de suas famílias e nos permitiram conhecer o legado recebido.

Dos três adolescentes, o legado mais claramente identificado é o de Melissa. Em uma família onde se sobressaem as figuras femininas, o cuidado com o outro se manifesta como um marca registrada dessa família. A busca por autonomia e independência também é percebida como legado transmitido. As mulheres que precedem Melissa conheceram uma época onde a mulher era inferiorizada pelo homem, fadada à submissão e vítima da

dominação masculina. Essa condição das mulheres ao longo do tempo vai sendo modificada e esperamos que seja consolidada pelas próximas gerações. As mulheres conquistam alguns espaços, lutam por condições mais igualitárias, buscam argüir o domínio masculino. As mulheres da família de Melissa valorizam as conquistas e incentivam a independência feminina. Melissa recebe esse legado, se estrutura e faz dele seus projetos de vida.

No caso de nosso colaborador, João Vítor o legado é basicamente transmitido pela expressão da infidelidade, que pode ser considerada uma forma de reafirmação da masculinidade. É uma família composta basicamente por figuras masculinas e onde o avô trai, o pai trai. Se no caso de Melissa, o legado é estruturante da sua personalidade, no caso de João Vítor ele é alienante, uma vez que o legado deva ser rejeitado. Na medida em que João Vítor rejeita o legado, deixa de afirmar a masculinidade e passa a negar própria sexualidade ao se decidir pelo celibato. Para não receber o legado de “*Judas*” comum aos homens de sua família e não infringir o sofrimento que presenciou ao lado da mãe, João Vítor enclausura sua sexualidade sob a égide do celibato. No entanto, ainda que seja alienante, João Vitor consegue tentar uma saída criativa direcionando sua negação para seu projeto de vida.

O legado transmitido através das gerações de Beatriz é extremamente negativo. Desde os avós constrói-se uma idéia de que os conflitos conjugais dos pais podem ser desestruturantes e influenciar negativamente os filhos. Buscando fugir a esse legado, Beatriz o rejeita e busca construir seus projetos de vida sobre seu reflexo invertido. A liberalidade, as traições, são entendidas por Beatriz como libertinagem. Fugindo a esse legado, Beatriz avalia negativamente sua história familiar e constrói seus projetos de vida, buscando um modelo familiar que acredita ser mais ponderado, estruturado.

É certo que a maioria dos adolescentes são dotados de criatividade, de energia, de vivacidade. A despeito dos conflitos familiares relatados por nossos colaboradores, eles reagem positivamente e buscam tirar proveito dos conflitos, criar sobre o que lhes parece rebuscado, desorganizado, traçando caminhos que não passam pelo uso de drogas, nem pela criminalidade. Não é a saída mais fácil, mas eles corajosamente investem suas energias em projetos de vida embebidos de sentidos positivos e não cogitam projetos de vida socialmente cruéis.

Na busca por estruturar o eu, o adolescente deve diferenciar-se dos outros. Os outros geralmente são representados por aqueles que lhe estão mais próximos – os pais. Acostumado aos pais da infância que lhe protegiam, lhe cobriam de cuidados e atenção, o adolescente deverá confrontá-los para se auto-afirmar. O adolescente tenderá a fazer o contrário, forçando os limites, atendendo a um sentimento de onipotência que lhe confere uma sensação de

superioridade – sobre o adulto. É nesse embate que se dá o conflito de gerações. Os pais são os adultos, seria esperado que a experiência que a vida lhes conferiu os capacitasse para orientar seus jovens, ainda que eles não concordassem, ainda que se rebelassem.

No caso de Beatriz, desde a infância já não podia contar com pais protetores e cuidadosos. Era preciso se proteger do pai, cuidar da mãe, temer pela vida do pai, fugir da frustração da mãe. Na adolescência de Beatriz, não há como confrontar os adultos, já que eles ora se portam como crianças no auge do narcisismo-sadismo, ora como adolescentes a beijar sob as árvores, esquecidos de todo o resto. Beatriz não exerce sua onipotência adolescente, mostra-se insegura e afetivamente dependente, sentindo-se sufocada em meio à multidão, tão acostumada que está à violência e ao castigo no banheiro. A fragilidade de Beatriz encontra suas raízes na infância marcada pela violência, quer fosse como vítima-expectadora, ou como vítima-protagonista. O espaço de Beatriz na arquitetura familiar se restringe ao banheiro, lugar físico da casa onde são depositados os dejetos e é assim que ela se sente, demonstrando uma percepção negativa e desvalorizada de si mesma. Beatriz quer acreditar que é adulta, mas na verdade ainda não vivenciou sua infância. Carente do olhar materno amoroso, de autoridade paterna afetiva, necessita de figuras que lhe dêem continência, que a protejam, que a cuidem.

Adolescer na família de João Vitor parece estar sendo tranquilo. Não há grandes conflitos com os pais, não há embates. Se o pai morasse com eles talvez houvessem discussões sobre valores e limites. Com o pai distante, João Vitor tece críticas, enxerga defeitos, mas não se envolve. A mãe, que sofre de depressão, é entendida pela família como doente e como tal necessita de cuidados. Tornando-se padre ou não, João Vitor já tomou a mãe como responsabilidade. A opção pelo celibato, a negativa de se relacionar, nos sugere que algo não tenha sido elaborado quanto a sexualidade. Motivado pela possibilidade de ir embora para o seminário no ano que vem, João Vitor pode protelar o conhecimento de sua própria sexualidade e atender ao desejo de não se relacionar afetivamente com ninguém.

A família de Melissa é quase que extensa, composta por muitos parentes de laços dos mais variados. A convivência é dinâmica e há uma rede de apoio formada pelas figuras femininas. A despeito da distância do pai, a rede familiar dá suporte e apoio para que ela supere os conflitos com ele. A busca por autonomia manifestada pelas vozes femininas corrobora com o desejo adolescente por liberdade e muitas vezes intensificam o sentimento de onipotência de Melissa. A visão que Melissa tem de si mesma, como sendo aquela que resolve e decide impasses familiares, sem se importar com escândalos que beiram a histeria

parecem sobrecarregar seu psiquismo e talvez por isso ela “transborde” em lágrimas com tanta facilidade.

A despeito de todos os embates entre o adolescente e a família, este é o espaço onde o adolescente espera encontrar refúgio, apoio e continência. Se assim acontecer, o adolescente se sentirá integrante desse núcleo e experimentará um sentimento de pertença.

O legado de cuidado e apoio aos seus membros possibilita a Melissa à vivência do sentimento de pertença. Mesmo que existam conflitos, Melissa reconhece a unidade e identidade de sua família e se sente parte dela. Seus projetos para o futuro a levam para longe da família, mas não abre mão do vínculo, através do sentimento de lealdade.

No caso de João Vítor, o sentimento de pertença é apenas delineado, não se pode dizer que seja um sentimento forte. É possível perceber que ele reconhece a família como sua, mas sente-se muito à vontade para abrir mão do pertencimento a esse grupo, por um outro muito maior, que é a comunidade religiosa, a paróquia.

A família de Beatriz não proporciona meios para que se vivencie esse sentimento. A violência, a ausência de afetividade, a comunicação terrivelmente comprometida não possibilitam condições para que Beatriz queira sentir que pertence a essa família. Na verdade a dinâmica familiar de Beatriz a afasta desse núcleo, rumo à sua própria família, onde ela espera possa vivenciar o sentimento de pertencer a algo de bom, integrativo e continente.

II - Projetos de vida: presente e futuro

Os projetos de vida de nossos colaboradores evidenciam que houve demanda de tempo na sua construção. Não são castelos de areia, vontades de desejos megalômanos, direcionados para uma vida fácil, onde tudo é perfeito e conquistado com facilidade. Melissa tem planos grandiosos a serem concretizados em um curto espaço de tempo. Não é uma projeção muito realista, mas ela sabe que suas conquistas demandarão muito trabalho. Os três colaboradores demonstraram tanto na entrevista, quanto na carta, que elaboraram seus projetos de vida, pensando a respeito, buscando informações que os auxiliassem na construção de um plano coerente que fosse possível seguir.

Melissa e Beatriz constroem projetos de uma família no futuro. Beatriz delineia um projeto de família nuclear. Melissa, não faz planos que envolvam conjugalidade. Ambas colocam o projeto da maternidade bem adiante em seus futuros, ultrapassando os dez anos da carta do futuro. Esse dado corrobora com a tendência atual das mulheres exercerem a maternidade depois dos trinta anos. No caso de Melissa, o adiamento da maternidade se dá

por que antes deseja conquistar sua independência financeira e uma boa colocação profissional. Beatriz adia a maternidade, em decorrência da previsão das dificuldades financeiras que enfrentará para realizar o sonho da casa própria, do seu próprio espaço, além do medo inconsciente de ser igual à mãe infantil, narcísica, que não aprova e com quem não se identifica.

João Vitor a princípio, suprime o desejo de família e faz opção pelo seminário e pelo celibato. Depois coloca como outra opção o exercício do diaconato, onde o exercício do sacerdócio pode ser conciliado com a constituição de uma família. Na carta escrita no futuro, percebe-se que daqui dez anos, João Vítor continua sem definir uma posição sobre essa questão. No projeto de João Vítor, no futuro ainda mora com a mãe, o que vai de encontro a uma tendência atual de estender a permanência na idade adulta, na casa dos pais. No caso de João Vítor não se sabe se isso se dá por comodismo, ou pelo vazio que sente e que só é preenchido na aliança com a mãe.

Os três adolescentes colaboradores, concordam que a Educação e a dedicação aos estudos sejam as vias de acesso para um futuro melhor. Nenhum deles faz menção às Políticas Públicas de auxílio ao adolescente de baixa renda. Melissa e Beatriz, falam em trabalhar para poder custear os estudos. Os estudos de João Vitor no seminário provavelmente serão custeados, pelo menos em parte, pela comunidade religiosa. Melissa e João Vítor pensam em cursar faculdade. Beatriz tem esse desejo, mas em um outro momento, depois que tiver sua casa.

Profissionalmente, Melissa é a mais ambiciosa, tendo conquistado em dez anos bens materiais e posição acadêmica admiráveis. Beatriz já tem, em dez anos, sua casa própria, sem contudo, estar terminada, demonstrando ser mais comedida e mais realista que Melissa. João Vítor não atende à vocação de ser padre nos dez anos que se seguem. Termina o seminário e faz uso de suas habilitações em Teologia e Filosofia pra dar aula em faculdade particular. Melissa e João Vítor manifestam o desejo de contribuir com a sociedade com trabalhos solidários. Os projetos de ambos envolvem educação e atendimento a crianças e adolescentes. Esses desejos evidenciam idealismo e comprometimento com a sociedade. Por outro lado pode ser uma forma de retribuir à comunidade escolar, que como admitem, lhes possibilitou serem alguém na vida.

O elo formado com determinado professor faz parte do processo de adolescer, e corrobora com o desinvestimento das figuras parentais e identificação com figuras externas aos limites familiares. Foi orientado aos colaboradores que as cartas escritas no futuro fossem endereçadas a um professor da escolha deles, possivelmente aquele com o qual se

identificassem mais. As três cartas demonstram afeto, respeito e gratidão pelo conhecimento construído, pelo respeito, incentivo e atenção recebidos. O elo de amizade formado entre professor e aluno, evidencia que o professor escolhido para receber as boas novas do futuro, é aquele que é o herdeiro da identificação com a figura parental mais continente.

Por fim, queremos pontuar, que nossos colaboradores demonstram que, a despeito dos conflitos familiares que possam existir e das dificuldades econômicas, têm condições de reagir às adversidades e investir na construção de projetos de vida impregnados de sentimentos positivos. Quando há incentivo, mesmo que não venha da família, o pessimismo e descrédito comum à fase final da adolescência, podem ser superados e o adolescente pode visualizar o horizonte de possibilidade que se abre em seu futuro. Mas há que haver sempre um adulto, se não na família, na escola, na comunidade religiosa, para fazer o papel de arco, orientando e incentivando, para que o adolescente possa ser a flecha, lançando-se numa trajetória rumo ao futuro.

VI - Considerações Finais

Ao finalizarmos esse trabalho, pretendemos salientar algumas impressões que nos marcaram sobre os colaboradores desta pesquisa - nossos adolescentes. Por ocasião do convite para participarem da pesquisa, todos demonstraram empolgação e curiosidade, características comuns à maioria dos adolescentes. A escolha dos colaboradores foi feita selecionando, em meio a tantos genogramas familiares que meus alunos fazem no começo do ano, aqueles que vinham de famílias diferentes daquele modelo nuclear pai-mãe-filhos convivendo no mesmo lar. Era começo do ano letivo, eles nunca tinham sido meus alunos, eu os conhecia da sala de aula apenas. Em meio a tantos alunos, mais de trinta por sala, os colaboradores não diferiam dos outros adolescentes. Às vezes emburrados, mas na maior parte do tempo, falantes e bem-humorados. Ao mencionar a construção do genossociograma e a necessidade do relato de suas histórias familiares, pude perceber certo mal estar. No entanto, assim que se iniciava a entrevista, qualquer sinal de resistência, ou incômodo, desaparecia e o relato se dava fluidicamente, num desenrolar de episódios revividos em toda sua emoção naquele momento. Não posso negar que me admirei com o sofrimento que os colaboradores, meus alunos no dia-a-dia, traziam dentro de si e que não se podia perceber, camuflado pela efervescência alegre adolescente. Em duas das entrevistas foi possível presenciar momentos de catarse, num movimento de afloramento de sentimento represados, que possivelmente não encontravam

outros meios de vazão. A despeito de todo ganho que se pode adquirir durante o desenvolvimento desta pesquisa, ver os adolescentes reviverem os conflitos do drama familiar em que vivem e posteriormente possibilitar que eles ressurgissem criativamente com seus projetos para o futuro, resignificando suas vidas, só isso já nos bastaria.

Sabemos da pluralidade das adolescências, das diversas formas de vivenciar esse período. No entanto, não podemos deixar de pontuar, que ainda que muitos adolescentes não vivam a adolescência de maneira turbulenta, a noção de mudança implícita nessa fase, por si só movimentando sentimentos, agitando suas personalidades. Muito há que ser trabalhado pelo adolescente, que na busca por autonomia vai confrontar os adultos ao mesmo tempo em que necessitará de suporte e apoio para passar pelo processo de adolecer. É interessante que na trajetória do adolescente existam adultos para serem confrontados e outros para darem continência.

Consideramos nesse trabalho a importância do grupo familiar no processo de subjetivação da adolescência e reconhecemos as mudanças que também esse grupo tem sofrido ao longo do tempo. Trilhamos um caminho que buscou desmistificar a idéia de que a família de antigamente era um modelo melhor e mais funcional, como se a família contemporânea, com suas diversas formas de organização, de conjugalidade, de dinâmicas e definições de papéis, fosse a causadora dos conflitos dos adolescentes, da marginalização da juventude. Esperamos ter conseguido demonstrar que não são as configurações, nem as novas formas de vivenciar os papéis dentro da família, nem os arranjos e rearranjos conjugais, que tumultuam o processo de adolecer. A despeito de todas as mudanças, a família contemporânea pode ser um espaço de construção dos afetos, de suporte ao processo de subjetivação dos seus membros, onde se construa uma unicidade que possibilite o sentimento de pertença, de um "eu" integrado a um grupo tão peculiar. No entanto, os adultos devem ter acordado para a necessidade de resolverem seus conflitos, principalmente os conjugais, de uma forma que não envolvam sobremaneira as crianças e os adolescentes, para que o espaço da família não seja desestruturante.

Nossos colaboradores nos contaram suas histórias, nos mostraram configurações familiares diferentes da nuclear, extensa ou patriarcal dos séculos anteriores. A despeito de visualizarmos famílias contemporâneas, diferentes na maneira como se organizam, na conjugalidade, nos relacionamento entre seus membros, reflexos das mudanças sofridas com o tempo, podemos perceber sinais de todas as outras famílias que já existiram, em especial a nuclear. Através das gerações os valores patriarcais podem ser percebidos nas posturas de homens e mulheres, uns tentando mantê-los, outros resgatá-los, outros ainda combatê-lo. A

distinção entre os papéis femininos e masculinos e suas funções dentro do casamento e das famílias, a despeito de alguma noção de igualdade, mantém traços de preconceitos e discriminação. Na medida em que reconhecemos algumas conquistas femininas, também podemos reconhecer homens perdidos, descontrolados e que resistentes ao novo papel da mulher, reagem com violência, negligência e abandono de suas responsabilidade. As mulheres sequiosas de liberdade e igualdade sofrem ainda com o peso da história feminina que lhes impõe atividades ditas “*obrigações da mulher*”, o que as sobrecarregam para que possam dar conta do acúmulo de funções de mulher, mãe, profissional, afetiva, entre outras. Algumas demoram a reagir às formas de tratamento desigual, machista e muitas vezes violento e outras agem da mesma maneira irresponsável que muitos homens, buscando uma igualdade lamentável.

Em meio ao embate de valores antigos e contemporâneos vivenciados no arranjo conjugal, encontramos nossos colaboradores, nossos adolescentes. As histórias deles nos mostram crianças e adolescentes envolvidos pessoalmente nos dramas dos adultos, vítimas de seus romances fracassados. O processo de adolescimento de nossos colaboradores se dá sobre as vivências tempestuosas de suas infâncias, tumultuadas pelos problemas conjugais dos pais. No processo de adolecer, nossos adolescentes terão que ressurgir do tumulto de suas famílias para então se dedicarem à construção de seus projetos de vida. E eles corajosamente o fazem. Criam para si projetos de vida onde não repetirão os comportamentos que julgam disfuncionais. Observam os erros e planejam novas formas de ação, que acreditam, serão melhores e terão mais possibilidades de êxito. Reagem criativamente ao caos de suas vivências construindo seus projetos de vida. Não questionam se eles vão se concretizar. A despeito da incerteza, colocam-se corajosamente a caminho de seus futuros, carregando em suas mochilas seus projetos de vida, os planos de ações que os aproximem daquilo que Freud designou como o propósito da vida de todo ser humano - o encontro da felicidade.

Adolescer não é um processo linear e ainda é conturbado pelo momento sócio-histórico em que acontece e pela rede relacional que o envolve. O que nós, os adultos, podemos fazer para auxiliar nossos adolescentes no processo de adolecer e de construir seus projetos de vida? É um último questionamento e uma provocação que deixamos ao concluir nosso trabalho. A rapidez das mudanças sentidas na contemporaneidade resultam em perda de referenciais, aquilo em que se acredita necessita de constantes ajustes. Auxiliar o adolescente implica em ser continente, em se interessar pelos seus projetos de vida, em incentivá-los, em conhecer a adolescência e suas peculiaridades, seu psiquismo próprio, reconhecendo a rede relacional e o meio social que o influencia. Nesse sentido, faz-se necessário uma demanda

maior de estudos e divulgação de pesquisas que ajudem a sociedade a ter referências, que nos auxiliem nas tomadas de decisões e que nos permitam conhecer o adolescente e todas as suas faces. Esperamos com a conclusão desta pesquisa, ter possibilitado, ainda que não muito além de um viés, a visualização desse indivíduo tão fascinante que é o adolescente.

Referências Bibliográficas

- ABERASTURY, A. KNOBEL, M. - **Adolescência Normal**. Porto Alegre, RS: 5ª. Ed., Artes Médicas, 1986.
- ALMEIDA, Custódio L. **O que é epistemologia?** Revista de Educação - Nº. 102/1997 (p. 9 – 17) Brasília: AEC – Associação de Educação Católica do Brasil, 1997.
- AQUINO, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno**: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: J. R. G. AQUINO (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus editorial, 1996.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BERQUÓ, E. **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica**. In: L. M Schwarcz, (Org.), **História da vida privada: contrastes da intimidade contemporânea** (p. 411-438). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BLOS, Peter. **Adolescência - Uma interpretação psicanalítica**. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1998.
- CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo, SP: PubliFolha, 2000.
- CARDOSO, Marta R.(org.) **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nau, 2001.
- CARNEIRO, Terezinha Féres. **Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Ed. PUC, 2003.
- CARVAJAL, Guillermo, **Tornar-se adolescente – a aventura de uma metamorfose**. São Paulo, SP: Cortez editora, 2003.
- CASTRO, Lucia R. (org.) **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nau, 2001.
- COSTA, P. Gley. **A cena conjugal**. Porto Alegre, RS: Editora ArtMed, 2000.
- DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F. (Org.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 2 ed., São Paulo: Atlas, 1993, V.I.
- DINIZ, Maria Helena **Código Civil Anotado**, ed. Revisada e atualizada de acordo com o novo código civil (lei n. 10.406, de 10-01-2002). São Paulo: Saraiva, 2003.
- EIGUER, Alberto. **Um divã para família**. Porto Alegre, RS: Editora Artes Medicas, 1985.
- _____. **O parentesco fantasmático: transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

_____. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

FIGUEIRA, Sérvulo A. **O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira** (p. 11-29) In: Uma nova família? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

FILHO, Waldyr G. **Famílias reconstituídas: breve introdução ao seu estudo**. (p. 255 – 268) In: Direito de família e Psicanálise, rumo a uma nova epistemologia. Rio de Janeiro, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler : em três artigos que se completam**. – 39ª. Ed. – São Paulo, Cortez, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio da Teoria da Sexualidade**. (1905) Vol. VII Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

_____. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. (1914) Vol. XIV. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

_____. **O mal estar na civilização**. (1929) Vol. XXI. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

FREYRE, Gilberto. **Casa – Grande e Senzala**. São Paulo: Editora Vozes, 50ª. Edição, 2005.

GIDDENS, Anthony. **O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HERBERT, Martin. **Convivendo com adolescentes**. Rio de Janeiro RJ: Editora Bertrand, 199.

HERRMANN, Fábio. **Andaimes do real: uma revisão crítica do método da psicanálise**. São Paulo: EPU, 1979.

HERRMANN, Fábio e LOWENKRON. Theodor S. (Org.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

JABLONSKI, Bernardo. **Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos**. Em T. Féres-Carneiro (Org.). Casal e família: entre a tradição e transformação. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

KAËS, René. **Os dispositivos psicanalíticos e as incidências de geração**. In: EIGUER, A. (org) A transmissão do psiquismo entre gerações. São Paulo: UNIMARCO, 1998.

_____. **O sujeito da herança**. In: KAËS, FAIMBERG (et al.) Transmissão da vida psíquica entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 9-26.

KEHL, Maria Rita. **Em defesa da família tentacular.** (p. 163 – 178) In: Direito de família e Psicanálise, rumo a uma nova epistemologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LEVISKY, David L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

_____.(org.) **Adolescência e violência: a psicanálise na prática social.** In: Adolescência pelos caminhos da violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998 a.

MATOS, Marlise **Reinvenções do Vínculo Amoroso – cultura e identidade de gênero na modernidade tardia.** Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

MEYER, Luiz. O método psicanalítico. In: SILVA, Maria Emília Lino (Coord.). **Investigação e psicanálise.** Campinas: Papirus, 1993, p.27-48.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Que significa “pesquisa” em psicanálise?** (1993, p.49-89) In: SILVA, Maria Emília Lino (Coord.). **Investigação e psicanálise.** Campinas: Papirus, 1993, p.49-89.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 7ª edição. São Paulo: HUCITEC, 2000.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. **As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial.** São Paulo: PUC. (Dissertação de Doutorado), 2002.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

PASSOS, Maria C. **Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre a função das famílias.** In: Família e casal, efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: editora PUC, 2005.

PCN - Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, Orientação sexual.** MEC/SEF, 1997.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Graphia, 1999.

PRIORE, Mary Del (org.) **História das mulheres no Brasil.** – 2º edição. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

RAPPAPORT, C. **Encarando a adolescência.** São Paulo: Ática, 1997.

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter.** Ed. Martins Fontes, 1972

REZENDE, Antonio Muniz de Rezende. **A investigação em Psicanálise: Exegese, hermenêutica e interpretação.** In: SILVA, Maria Emília Lino (Coord.). **Investigação e psicanálise.** Campinas: Papirus, 1993.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A Família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SALLES, Leila M. F. **Adolescência e cotidiano – Construções entre o genérico e o particular**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1998.

SAMARA, Eni M. **A família brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

_____. **Tendências atuais da história da família no Brasil**. In: Almeida, A. M. (org.). *Pensando a família no Brasil: da Colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, p. 25 – 36.

SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin. **Meus antepassados – vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome do aniversário e prática do genossociograma**. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHWARCZ, Lílían M. (org. do volume) **História da vida privada no Brasil – Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: ed. Companhia das letras, 1997.

SILVA, Maria Emília Lino (Coord.). **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993.

_____. **Pensar em Psicanálise**. In: *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993, p.11-25.

SMITH, Donna **Madrasta – Mito & Realidade: como desempenhar esse difícil papel**. Tradução de Rosaura Eichenberg, Porto Alegre: PEPM, 1995.

SOIFER, Raquel. **Psicodinamismos da Família com crianças**. Terapia Familiar com Técnica de Jogo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1982.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, editora Atlas S.A., 1987.

VALENTE, M. L. L. C., CAMARGO, M. L. **Modernidade, sujeito e família: paradigmas em transformação**. In: *E a família, como vai?* Assis, SP: UNESP Publicações, 2005. p.13-32.

VENOSA, Sílvio de Salvo. **Direito Civil: direito de família** (Coleção direito civil; v. 6) – 5ª. Ed. – São Paulo: Atlas, 2005.

WAIDEMAN, Marlene C. **Adolescência – Sexualidade – AIDS. Na família e no espaço escolar contemporâneos**. São Paulo, Editora Arte & Ciência, 1998.

Referências Bibliográficas Eletrônicas

Word Wide Web: AUDI, Debora A. **A adolescência e suas expectativas quanto à inserção no mundo do trabalho.** Disponível in Domínio Público, Biblioteca virtual: http://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=29910 Consultado em 29/04/2007.

Word Wide Web: CARDOSO, Cristina P. **Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire.** Artigo síntese da dissertação de Mestrado intitulada: "Um olhar do adolescente para a vida: projeto de vida do adolescente em uma Unidade Básica de Saúde em Marília", 2002. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Disponível in Scielo: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692003000600012&lng=es&nrm=iso Consultado em 23/11/2005

Word Wide Web: NASCIMENTO, Ivany Pinto. **Projeto de vida de adolescentes do Ensino Médio: um estudo psicossocial sobre suas representações.** (2006) Disponível in Scielo: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100004&lng=es&nrm=iso Consultado em 10/01/2007.

Word Wide Web: MORAN, José Manuel. **Comunicação e Internet para uma nova educação.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/088.pdf> Consultado em 15/11/2006

Word Wide Web: SAMARA, Eni de Mesquita. **O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade.** Psicologia. USP, 2002, vol.13, nº. 2, p.27-48.

Word Wide Web: SILVA, R. **“A construção do direito à convivência familiar e comunitária no Brasil”** In: SILVA, Enid Rocha Andrade da (coordenadora). O Direito à Convivência Familiar e Comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Brasília, 2004. p. 287 – 302. eBook disponível no Portal do IPEA: http://www.ipea.gov.br/082/08201004.jsp?ttCD_CHAVE=2386 Consultado em 08/02/2007.

Word Wide Web: TELLES, Sérgio. **Psicanálise em debate.** Disponível In: Psiquiatria on line Brasil, <http://www.polbr.med.br/ano04/psi0104.php> , Janeiro de 2004 - Vol. 9 - Nº. 1. Consultado em 22/08/2006.

Word Wide Web: **Incentivo a 1º emprego pode cair.** Fonte: O Estado de S. Paulo, Publicada em 29/03/2007. Disponível em: <http://www.zap.com.br/empregos/dicas-materias-empregos/recolocacao/Default.aspx?mat=2411> Consultado em 07/05/2007.

Word Wide Web: **Legislação do FUNDEF.** Documento disponível no Portal eletrônico do MEC: <http://www.mec.gov.br/sef/fundef/Legisla.shtm> Consultado em 12/07/2006.

Word Wide Web: **Proposta de emenda constitucional do FUNDEB.** Documento disponível no Portal eletrônico do Mec: <http://www.mec.gov.br/sef/fundeb/> Consultado em 15/07/2006

Word Wide Web: **Quadro de bolsas ofertadas por UF para o ano de 2005.** Documento disponível no Portal eletrônico do Mec: <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/estatistica.shtm> Consultado em 18/07/2006.

Word Wide Web: **Censo Demográfico 2000**. Documento disponível no Portal eletrônico do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm> Consultado em 12/04/2007.

Word Wide Web: **Educação Profissional de Nível Médio no Censo Escolar, período de 2003/2005**. Documento disponível no Portal eletrônico do Inep: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/default.asp> Consultado em 28/04/2007

Word Wide Web: **Dicionário e tradutor de Miguxês**. <http://aurelio.net/web/miguxeitor.html> Consultado em 11/05/2007

Word Wide Web: **Primeira adoção do tipo no País ocorreu em 2006**. Disponível In: Jornal “O Povo On Line”: <http://www.opovo.com.br/opovo/brasil/694692.html> Consultado em 25/05/2007.

Word Wide Web: Figura da capa disponível em: <http://www.globoonliners.com.br/icox.php?mdl=pagina&op=listar&usuario=2618> Coletada em 10/12/2007